

# Sabrina

AS MELHORES  
HISTÓRIAS DE  
AMOR

O destino de Karen estava  
nas mãos de Hal Chissolm!

## Estranho encontro

Emma Darcy

Karen odiava Hal Chissolm mesmo sem conhecê-lo. E quando isso aconteceu não pôde conter o ressentimento que havia anos acumulava contra ele. Hal era exatamente como imaginava: prepotente, dominador, dono do mundo e das pessoas. Da vida Karen esperava tudo, menos que Hal a pedisse em casamento. E a proposta veio junto com muitas ameaças: ou se casava com ele, ou se veria destruída perdendo tudo o que lhe era mais caro, tudo por que sempre lutara: seu filho!

NOVA CULTURAL

SABRINA

ESTRANHO ENCONTRO

Emma Darcy

565

# Sabrina

AS MELHORES  
HISTÓRIAS DE  
AMOR



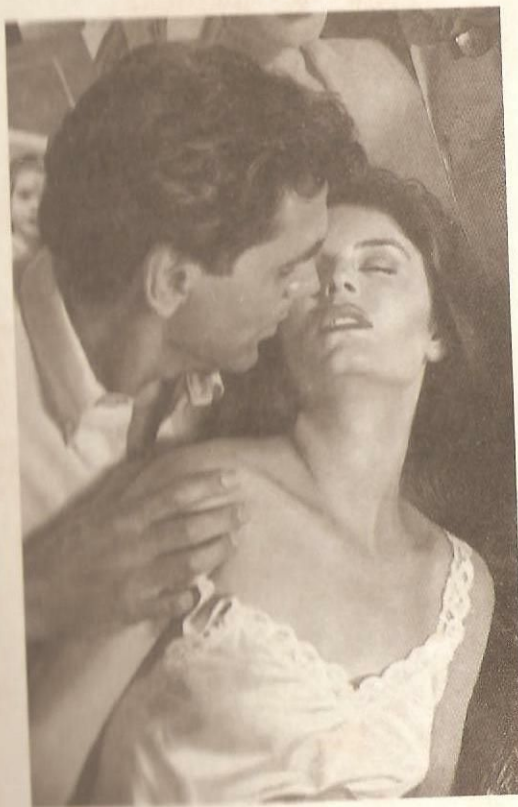
Emma Darcy  
**Estranho  
encontro**

Até onde uma mulher pode ceder  
à vontade de um homem?



## *Espelho de ilusões*

Patricia Matthews



Nas bancas!

No calor intenso das noites da  
Califórnia, a paixão ardia e o perigo  
espertava em cada canto

# Sabrina

AS MELHORES  
HISTÓRIAS DE  
AMOR

*Catania Si hee*  
27-9/89.

Emma Darcy

## Estranho encontro

Leitura — a maneira mais econômica  
de cultura, lazer e diversão.





Copyright: Emma Darcy  
Título original: *The wrong mirror*  
Publicado originalmente em 1986 pela  
Mills & Boon Ltd., Londres, Inglaterra

Tradução: William G. Clark

Copyright para a língua portuguesa: 1989  
EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.  
Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 — 3º andar  
CEP 01452 — São Paulo — SP — Brasil  
Caixa Postal 2372

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.  
Impressa na Divisão Gráfica da Editora Abril S.A.

## CAPÍTULO I

Kirsty estava morrendo.

Karen soube disso enquanto lutava para recobrar a consciência. O choque fez com que ela se sentasse ereta na cama. Não se tratava de um pesadelo. Não sabia como podia ter tanta certeza, mas o fato era que tinha. Era uma verdade tão implacável quanto... quanto uma lei do universo. Inevitável.

E, tão inexorável quanto essa verdade, veio uma segunda onda de choque, ainda mais violenta e sobressaltante que a primeira. Kirsty estava morrendo em meio a muita dor, dor terrível. E ela estava em algum lugar do outro lado do mundo. No Oriente Médio... Síria, Líbano, Israel?

Karen arrastou-se para fora da cama, compelida a se mover, a fazer alguma coisa. Como se tentasse fugir a um pesadelo, procurou raciocinar com objetividade. "Mantenha-se firme, Kirsty! Mantenha-se firme! Eu irei ter com você de qualquer maneira. Por favor, Deus, faça com que ela resista. Tenho de vê-la, estar com ela. Ela ainda não pode morrer."

Os olhos de Karen buscaram o relógio de parede. Duas e dezessete. O que podia fazer àquela hora? Era meio de noite. Telefonar para o aeroporto, reservar um lugar num avião. Mas para onde? Onde, exatamente, estava Kirsty?

A força da necessidade de encontrar a irmã afastou o pá-  
nico que ameaçava se apossar da mente de Karen. Então a resposta veio, num lampejo. Claro! Kirsty estava em companhia de Hal — Hal Chissolm —, e o pai de Hal devia saber onde eles estavam. Correu para a sala de estar, apertando o interruptor de luz ao passar. Pegou a lista telefônica da prateleira inferior do balcão da cozinha e folheou



as páginas em gestos apressados, quase desesperados. Chissolm... Chissolm...

Seu dedo indicador percorria a lista quando uma sensação de perda a atingiu em cheio. Uma percepção de dor, um vazio frio que lhe vidrou os olhos e paralisou seu dedo em cima da página.

— Não... não... não! — repetiu para si mesma. — Você não pode morrer desse jeito! Não sem me ver, Kirsty. Oh, Deus, por favor... Por favor... Não faça isso com Kirsty. Não com Kirsty.

Balançou a cabeça, recusando-se a acreditar. Aquilo não estava acontecendo. Não podia estar. Fora apenas um pesadelo... Tinha de ser. Mas Karen não conseguiu expulsar a terrível certeza. Kirsty, sua querida Kirsty, sua irmã gêmea, estava morta.

Não adiantava questionar; não adiantava duvidar disso. A certeza estava ali, na dor daquele instante, no vazio de seu coração. A união que conhecera a vida toda, a união especial, que só os gêmeos idênticos conhecem e compartilham, se fora.

— Por que isso aconteceu? Por quê? Kirsty era tão jovem, tão cheia de vida!

A necessidade de saber fez com que o dedo de Karen começasse a se movimentar pela página. Owen Chissolm poderia localizá-los mais rápido do que qualquer outra pessoa; ele tinha poder e muitos contatos. Descobriu o número do telefone e discou-o. Houve uma pausa angustiante, até alguém atender do outro lado da linha.

— Meu nome é Karen e sou irmã de Kirsty Balfour. Preciso falar com o sr. Owen Chissolm, por favor.

— Eu sinto muito, madame, mas o sr. Chissolm não pode atender. Se a senhora ligar para o estúdio de televisão, depois das nove, a secretária dele...

Não pode atender... Aquelas palavras a deixaram ainda mais aflita.

— Mas eu preciso falar com ele, *agora*! — protestou.

— Sinto muito, madame, mas não é possível — foi a resposta incisiva. — Se quiser deixar um recado...

O que poderia dizer? Se falasse que achava que Kirsty es-

tava morta, pensariam que era um trote. Era impossível explicar *como* ela sabia. E ninguém iria acordar Owen Chissolm àquela hora da noite para atender a um trote. Era inútil até tentar. Tudo era inútil. Agora não havia mais nada que pudesse fazer para ajudar Kirsty.

Um grito rouco e doloroso escapou-lhe da garganta ao desligar o telefone. Cruzou os braços diante do peito, abraçando-se, como se quisesse se agarrar à irmã que havia perdido. Volte... volte... volte... O chamado inconsciente se repetia, mas só aumentava a angústia da perda irreparável.

Lágrimas escorreram-lhe pelas faces. Mas nenhuma lágrima poderia dissipar a agonia no coração de Karen. Não podia suportar aquilo; não podia suportar a solidão, o vazio, a dor. Nunca sofrera tanto em sua vida, nem mesmo quando seus pais morreram. Ela e Kirsty então ainda tinham uma à outra. Mesmo quando Barry rompera o casamento, fora Kirsty quem a consolara. Mas Kirsty não estava mais com ela, nunca mais estaria.

Impulsivamente, Karen andou em direção ao quarto de David. A necessidade de abraçar-se a alguém era incontornável. Afastou delicadamente as cobertas que envolviam aquele corpinho e suspendeu-o, aninhando-o contra o ombro enquanto enrolava uma manta em torno dele.

— Mamãe... — queixou-se ele, sonolento.

Ela obrigou-se a falar palavras tranquilizadoras.

— Psiu, meu bem, está tudo bem. Mamãe está com você.

Levou-o até a cadeira de balanço e sentou-se. Ele se enroscou em seu colo até acomodar-se confortavelmente. A maciez e o calor do corpo de David reduziram a dor a um nível mais suportável, porém as lágrimas continuavam a correr pelo rosto de Karen.

Uma raiva profunda se misturou a sua tristeza. Por que sua irmã morrera? Onde estava Hal quando Kirsty precisara de ajuda? Por que ele não estava lá para salvá-la? Kirsty deu a ele seis anos de sua vida, amando-o e vivendo ao lado dele, mas Hal Chissolm nunca lhe oferecera nenhuma proteção ou segurança. Um homem que amava uma mulher deveria cuidar dela. A única coisa que Kirsty conseguira ao



lado dele fora viver em perigo; e, agora, a morte! Maldito! Maldito! Maldito Hal Chissolm!

Os pés de Karen começaram a balançar automaticamente a cadeira. Era assim que acalentara David quando ele era bebezinho, era assim que o acalentava em seus momentos de aflição, ou doença, nos últimos três anos. Mas, agora, era ele quem a acalentava durante aquelas horas escuras, envolta em sua própria dor.

Kirsty estava morta, mas Karen a mantinha viva em sua mente, recordando. A garota levada e geniosa, que aceitava qualquer desafio... A colegial que incitava rebeliões por simples prazer... A estudante universitária que se atirava de corpo e alma a qualquer causa que acreditasse justa... A repórter internacional que tinha de estar onde os fatos aconteciam... Sua irmã excitante, apaixonada, sua irmã querida.

As lágrimas de Karen secaram um pouco antes do amanhecer. Seu corpo estava rígido por ter ficado imóvel durante horas, e seus braços doíam por terem segurado o menino por tanto tempo. Mas continuou a se balançar na cadeira até a luz da manhã começar a se filtrar através das cortinas. Então, delicada e suavemente, deitou David novamente em sua cama e saiu do quarto. Para ficar sozinha.

Perguntou-se se saberia de alguma coisa por intermédio de uma emissora de rádio ou da redação de um jornal, mas o bom senso lhe dizia que Owen Chissolm saberia dos fatos primeiro. Hal mandaria notícias ao pai, pensou amargamente, quando a raiva aumentou de novo, apertando-lhe a garganta. Hal Chissolm, o supercorrespondente, que enviara para a Austrália reportagens de todos os pontos de conflito do mundo. Kirsty provavelmente seria apenas mais uma manchete para ele! Quisera que a irmã jamais tivesse conhecido aquele homem...

Mas logo seriam nove horas. Podia esperar. E então insistiria em falar com Owen Chissolm, pessoalmente. Afinal, ele era o patrão de Kirsty. Fora o patrão de Kirsty, Karen corrigiu-se, contraindo com força os maxilares quando uma nova onda de tristeza a acometeu.

Andou lentamente até a cozinha, preparou uma xícara de café e ligou o rádio. Sentou-se na banquetela diante do bal-

cão, onde costumava tomar o café da manhã, com os ouvidos atentos às músicas e às gracinhas do locutor do programa matinal. Sentia-se cansada e vazia, mas seus ouvidos estavam alertas para qualquer menção ao Oriente Médio. Não houve nenhuma; não nos noticiários das seis e das sete. Logo teria de começar a se mexer; telefonar para a escola maternal para dizer que não podia ir nesse dia. Era impossível até pensar em trabalhar.

— Buuu!

A cabeça de Karen ergueu-se bruscamente.

David deu uma risadinha triunfante e correu para ela para receber seu beijo matinal. Para encanto do filho, Karen tomou-o nos braços e rodopiou com ele. Então abraçou-o com tanta força que David protestou.

— É bem-feito, para você aprender a não me assustar — disse ela, piscando para secar as lágrimas que lhe ardiam os olhos, antes de soltá-lo.

O sorriso de David era travesso.

— Desta vez eu te assustei mesmo, não foi, mamãe?

— Assustou, sim — ela concordou, sentindo vontade de abraçá-lo uma vez mais, contendo-se, porém.

David era tão lindo, com todo aquele gosto infantil pela vida! Estava sempre se movimentando, fazendo perguntas intermináveis; querendo ver, ouvir e experimentar tudo. Preenchia totalmente a vida de Karen, dando-lhe uma sensação de satisfação e realização que nenhuma carreira poderia lhe proporcionar. Muitas vezes se perguntara se Kirsty nunca se arrependera de sua decisão de renunciar à maternidade. Isso agora era algo que nunca iria saber.

— Estou com sede — informou David, desvencilhando-se do abraço da mãe.

Karen colocou-o no chão.

— Leite, ou suco de laranja?

— Suco.

— Diga por favor.

— Por favor — repetiu ele, fazendo uma careta engraçada.

Karen balançou a cabeça. Às vezes desconfiava que David esquecia-se das boas maneiras de propósito; como se es-



tivesse fazendo um jogo para provocá-la, ou então para testá-la e saber até que ponto podia ir. Ela sorriu ao vê-lo tomar seu suco de laranja. Às vezes desejava que o filho não tivesse herdado os olhos do pai. Tinham um brilho cor de prata, e os cílios espessos os tornavam ainda mais bonitos. As outras mães viviam dizendo a Karen que aqueles olhos eram "um desperdício" num menino. Mas em tudo mais ele era a cara da mãe, tendo inclusive o mesmo brilho avermelhado em seus cabelos castanhos.

— Nós vamos pintar hoje, mamãe? — perguntou ele, interrompendo os pensamentos de Karen.

Aquele, porém, não era um dia como os outros. Aquele era o primeiro dia de sua vida sem Kirsty.

— Hoje não vamos à escola, David. Vamos ficar em casa. Você pode pintar, se quiser. Agora vamos nos vestir para tomar café.

David continuou a conversar, alheio à tristeza que Karen se esforçava para disfarçar. Ela vestiu-o com um conjunto novo de brim claro, e, para si mesma, escolheu uma saia marrom de gabardina e uma blusa bege de seda. Vestiu um par de meias de náilon e calçou um par de sapatos de salto baixo. Enquanto escovava os cabelos espessos, que chegavam até os ombros, pensava no que deveria fazer. Talvez devesse ir ao estúdio de televisão. Precisava ver alguém, tomar uma atitude positiva.

— Nós vamos sair? — perguntou David, olhando para as roupas da mãe, esperançosamente.

A pergunta não era sem propósito; Karen geralmente usava uma calça de brim quando ficava em casa. Ela pousou a escova de cabelos e tomou-lhe a mão.

— Talvez. Está pronto para tomar café? Gostaria de comer banana com seus flocos de milho?

— Hum... Por favor — acrescentou David, aprovando a sugestão.

Karen sorriu quando ele soltou sua mão e correu até a cozinha. Era tão cheio de vida... E podia se transformar facilmente num pirralhinho atrevido se ela não tomasse cuidado.

David já havia subido na banquetta e apanhado uma banana na fruteira quando Karen chegou à cozinha. Entregou-lhe a fruta, desceu do banco alto e então foi sentar-se diante de sua própria mesinha na sala, onde tomavam o café da manhã quando Karen era casada com Barry. Agora o local fora transformado numa boa sala de jogos para David. Era o cômodo mais claro e ensolarado da casa. A maior parte dos brinquedos de David ficava em suas prateleiras, e as paredes eram decoradas com desenhos. A sala também ficava ao lado da cozinha, de modo que Karen podia ficar de olho no filho enquanto preparava a comida.

Colocou a tigela com flocos de milho diante dele e estava indo telefonar para a escola quando a campainha da porta da frente tocou. Seu coração se contraiu quando olhou para o relógio de parede. Sete e cinqüenta e dois. Mais de cinco horas haviam se passado desde que o pesadelo começara. Seria alguém querendo lhe falar sobre Kirsty?

— David, tenho de atender à porta. Tome seu café e então brinque com seus blocos de construção. Está bem? — disse rapidamente, esforçando-se para manter sua voz calma e natural.

O garoto assentiu, com a boca já cheia de flocos de milho.

Karen fechou a porta depois que saiu. David poderia abri-la, se subisse em sua cadeirinha, mas ela não queria encorajá-lo a segui-la. Seria mais fácil se ele não entrevisse nada a respeito da morte de Kirsty. Ela própria lhe contaria tudo num momento mais conveniente.

— Fique calma e mantenha a postura — murmurou, com firmeza. — O modo e o motivo da morte de Kirsty não podem alterar as decisões que já foram tomadas. Apenas aceite a notícia e então veja o que se pode fazer!

Respirou fundo e abriu a porta com decisão.

Viu o choque nos olhos do homem à porta mesmo enquanto lutava para se recobrar de seu próprio. Era o pai de Hal: Owen Chissolm, em pessoa. O rosto do magnata dos meios de comunicação era conhecido demais para ela ter se enganado, embora essa manhã parecesse mais velho, cansado e pálido.



Incredulidade e uma leve esperança brilharam momentaneamente nos olhos do sr. Chissolm. Karen levou um momento para compreender o que ele estava pensando: que Kirsty estava viva e bem; parada, ali, diante dele.

Mas o que ele via era a imagem espelhada dela: os cabelos castanhos, grossos e lisos; os grandes olhos igualmente castanhos; as sobrancelhas oblíquas; a pele suave e sedosa; e o queixo com uma leve covinha... Exatamente as mesmas feições de Kirsty Balfour.

— Eu sou Karen Aylward, sr. Chissolm. Irmã de Kirsty — apresentou-se ela.

Tremendo, o homem levou uma das mãos ao próprio rosto. Era um gesto curiosamente vulnerável para um homem tão poderoso.

— Perdoe-me. Por algum motivo, eu havia concluído que você era uma irmã mais nova dela. Não tinha a menor idéia de que eram gêmeas idênticas.

Kirsty sentiu uma certa compaixão por ele; afinal, se incumbira de uma missão nada invejável. Owen Chissolm deixou os braços penderem ao longo do corpo e aprumou os ombros numa postura firme e digna. Os pálidos olhos azuis estavam cheios de dor, mas a fitaram sem piscar.

— Eu vim lhe falar a respeito de sua irmã. Por favor, posso entrar?

— Sim, naturalmente.

Ele franziu o cenho ao entrar.

— Seu marido está em casa? — indagou.

Fechando a porta, Karen virou-se e viu que Owen Chissolm se encontrava distintamente pouco à vontade.

— Eu não tenho mais marido, sr. Chissolm. Nós nos divorciamos há dois anos — informou, calmamente.

Antes de virar-se para conduzi-lo à sala de estar, Karen teve a estranha impressão de que ficara aliviado em saber que ela não tinha marido, o que seria absurdo. Karen afastou essa idéia; isso era irrelevante.

— Sente-se, por favor — convidou ela, indicando uma poltrona; então sentou-se no sofá, procurando se manter composta.

Mas Owen Chissolm não se sentou. Era um homem corpulento, com mais de um metro e oitenta de altura. Usava um terno cinzento, risca de giz, uma camisa branca e uma gravata da cor do terno com listras azuis. As roupas sóbrias e a palidez de seu rosto privavam-no de sua decantada personalidade alegre. Ele fora bem-apessoado em sua juventude, talvez até mais do que o filho. Ainda podia ser considerado um homem marcante com aquelas feições fortes e cabelos grisalhos. Mas parecia velho, nessa manhã; velho, doente e cansado. Ele fez um gesto tenso e inquieto.

— Eu não trouxe boas notícias, sra. Aylward.

Karen sustentou seu olhar.

— Eu sei. Não precisa se preocupar em me dar a notícia. Sei que Kirsty está morta, sr. Chissolm. Não espero que o senhor compreenda, mas... eu senti minha irmã morrer esta madrugada. Tentei ligar para o senhor, mas disseram-me que não podia ser incomodado. Agradeceria se me falasse simplesmente sobre os fatos — concluiu Karen, lutando contra a tristeza que controlava tão rigidamente.

Owen Chissolm fitou-a por um longo momento antes de se sentar. Recostou-se na poltrona e esfregou a mão na testa, como se estivesse aclarando as idéias.

— Foi uma bomba terrorista. Não era dirigida a ninguém em particular. Foi colocada num carro que estava estacionado diante do hotel onde sua irmã...

Fez uma pausa e pigarreou para limpar a garganta. Até então, recitara os fatos calmamente, mas sua voz tremia um pouco ao continuar:

— ...onde sua irmã... e meu filho... estavam hospedados, em Telavive. Kirsty e Hal estavam saindo para jantar fora. Tinham acabado de passar pela porta vaivém e saído para a rua. Kirsty estava um pouco adiante de Hal. Ela...

— Ele está vivo! — Karen não conseguiu controlar a onda de amargura que a fez ficar de pé. — Ele está vivo e Kirsty está morta. Ela estava diante dele e recebeu todo o impacto da explosão, não foi assim?

Owen Chissolm não demonstrava nenhuma emoção.

— Pelo que sei, meu filho ainda está vivo, sra. Aylward.



Uma equipe de cirurgiões está operando Hal há horas. Existe uma leve chance de que ele sobreviva.

Karen voltou-lhe as costas, arrependendo-se de sua explosão. Seu ódio por Hal Chissolm se fez em pedaços com a compreensão da dor do pai dele. Um rubor de vergonha ardeu-lhe as faces.

— Desculpe — murmurou ela, deixando-se cair de novo no sofá. Fitou as mãos por um momento, procurando concatenar as idéias. — O senhor foi muito gentil em vir me visitar pessoalmente, quando deve estar tão... preocupado. Espero que a cirurgia seja bem-sucedida. — Respirou fundo e continuou: — Pode me dizer o que devo fazer a respeito... a respeito de Kirsty?

Ele não respondeu. Havia uma estranha mistura de paixão e determinação em sua expressão.

— Sua irmã sobreviveu por vários minutos depois da explosão.

— Eu sei... — disse Karen, baixando os olhos e lembrando aqueles minutos de agonia.

Owen Chissolm deu uma tossidela. Obviamente desconfiado por um conhecimento que não conseguia entender.

— Sra. Aylward, Kirsty morreu nos braços de Hal. Ela pôde lhe falar antes de morrer. — Fez uma pausa, parecendo incerto de como prosseguir. — Mesmo que Hal sobreviva à operação, os médicos afirmam que podem surgir complicações. Ele permanecerá em estado crítico por algum tempo. Vim aqui lhe pedir para que conceda um pedido extremamente encarecido do meu filho. Talvez seu último pedido.

A expressão dos olhos dele... a indagação... Karen sentiu um repentino frio no estômago, pressentindo o que viria a seguir.

— Hal quer ver o filho dele.

*Não! Não, não, não!* O grito reverberou no cérebro de Karen. “Por quê, Kirsty? Por que lhe contou? Era um segredo! Um acordo sagrado entre nós. Você fez um voto de sigilo. Disse que nunca contaria a ninguém. Nunca!”

Os olhos de Owen Chissolm a fitavam, observavam, esperavam.

— Kirsty contou ao meu filho antes de morrer que eles tinham um filho, e que o menino estava com a senhora.

— David agora é *meu* filho, sr. Chissolm — declarou Karen, com a possessividade ardente de uma mãe. — Não é de Kirsty nem de Hal. É meu! — acrescentou, enfrentando aquele olhar duro, sem vacilar.

— Que idade tem o menino?

— Isso não vem ao caso! — retorquiu ela com veemência, fechando os punhos.

Owen Chissolm estudou-a por um longo momento antes de escolher as palavras que diria a seguir e, quando falou, foi com surpreendente delicadeza:

— Sra. Aylward, não tenho nenhuma intenção de tentar tomar-lhe a criança. Quero simplesmente que a senhora e o menino venham comigo para Telavive; assim que puderem... Hoje mesmo, se for possível. Custe o que custar! Hal é meu único filho e eu...

A leve hesitação da voz foi corrigida com firmeza:

— Eu pagarei qualquer coisa para fazer o que for possível por ele. Uma vez que estivermos lá, a senhora poderá decidir o que fazer a respeito de sua irmã. Eu me responsabilizarei por todas as providências que forem de seu desejo. Se Hal ainda estiver vivo, vou lhe pedir que vá ao hospital comigo e mostre a ele... o menino. É só o que peço. Creio que a senhora entende o meu desejo de fazer o que for possível para ajudar meu filho num momento como este.

Owen Chissolm suspirou pesadamente e a expressão doentia retornou a seus olhos.

— Peço-lhe desculpas, do fundo do coração, por me intrinsecar em sua intimidade e sua tristeza. Reconheço que não tenho nenhum direito de lhe pedir tanto. Só posso apelar... suplicar para que venha comigo.

— Não!

O medo não deixava espaço para a compaixão. Ela não podia fazer isso. Seria o mesmo que admitir que David era filho de Hal, e nunca faria tal coisa. Em hipótese alguma. Ele insistiu:



— Kirsty queria que Hal soubesse que tinha um filho, sra. Aylward. Foi a última vontade dela. A senhora pode ignorar isso?

Não, ela não podia. Lágrimas embaçaram-lhe a visão. Não compreendia por que Kirsty a traía. Talvez sua irmã achasse que Hal também estava morrendo e queria que ele soubesse que deixavam uma vida para trás... um filho gerado dos dois. Um filho que fora entregue a Karen poucos dias depois que Kirsty lhe dera à luz. Por mais que Karen rejeitasse a proposta de Owen Chissolm, por mais que ela odiasse Hal Chissolm, devia demais a Kirsty para lhe recusar um último pedido. Devia-lhe seu querido David.

— Está bem, eu irei. Irei e levarei David. Mas só vou mostrá-lo a Hal uma vez. E é só — aquiesceu, esforçando-se para manter a voz firme.

— Essa é uma decisão que lhe cabe, sra. Aylward. Não vou mais pressioná-la.

Lágrimas rolaram pelas faces de Karen.

— Ele é meu filho — murmurou, fitando-o com um olhar suplicante, como se pedisse mais garantias.

Papéis de adoção resistiriam ao poder da família Chissolm? Perderia também David?

Owen Chissolm levantou-se e aproximou-se do sofá. Tomou as mãos de Karen e puxou-a delicadamente. Ainda segurando suas mãos e fitando-a diretamente nos olhos, falou com uma firmeza que a acalmou:

— Prometo que a senhora não vai perder nada, se for comigo. Mas precisamos nos apressar senão poderá ser tarde demais.

Karen apenas o fitou em silêncio, e ele acrescentou:

— Deixe tudo por minha conta; tomarei todas as providências. Façam suas malas e estejam prontos para partir esta tarde. Eu a manterei informada dos acontecimentos.

Karen queria perguntar o que aconteceria se Hal morresse, antes de partirem. Mas isso não importava. Owen Chissolm agora sabia da existência de David. Hal nunca quisera um filho, e não iria querer agora. O perigo era o pai dele.

— Antes de sair, posso... — Ele parou de falar ao ver um

fulgor de medo em seus olhos. — Posso ver seu filho, sra. Aylward?

— Ele... ele está brincando. Não quero que fique assustado.

— Confie em mim.

Poderia confiar naquele homem? Agora não tinha muita escolha. Precisava confiar. Com um suspiro de relutante resignação, levou-o até a sala de jogos. David estava sentado no carpete, construindo o que era sem dúvida mais uma estação espacial, tendo no rosto uma expressão concentrada. O garoto então levantou o rosto e lhe sorriu radiante; depois olhou para o homem que estava a seu lado.

— Visita, mamãe?

— Sim. Cumprimente o sr. Chissolm, David.

David levantou-se do chão, com o rosto iluminado por um sorriso de boas-vindas.

— Olá, sr. Chiss...

— Sr. Chissolm — complementou Karen.

— Sr. Chissolm — repetiu o menino, triunfante.

Owen agachou-se diante dele, e Karen viu o cansaço e a melancolia se dissiparem naquele semblante forte, quando ele olhou dentro dos olhos de David... Eram os mesmos olhos de Hal.

— Olá, David. O que você está construindo?

— Uma estação espacial.

— Parece fantástico. Já viajou num grande avião a jato, David?

— Não.

— Que tal acharia viajar num, hoje? Você, mamãe e eu. Você gostaria?

Os olhos de David se arregalaram de empolgação.

— Nós podemos, mamãe? Podemos?

Karen assentiu, lutando contra as lágrimas que lhe ardiavam os olhos. Que chance tinha ela contra a riqueza e o poder de Owen Chissolm?

— E, já que vamos viajar juntos, gostaria que você me chamasse de Pop em vez de sr. Chissolm.

— Pop — repetiu David, exultante. — É fácil. É seu primeiro nome?



— Para você, é. Agora, por que não constrói um avião a jato para me mostrar, quando eu voltar mais tarde?

— Está bem. — David atendeu prontamente, ajoelhando-se no chão e começando o trabalho.

Owen Chissolm deu-lhe uma palmadinha afetiva na cabeça ao se levantar. Se houvera alguma dúvida em sua mente, agora não restava mais nenhuma. Acabara de conhecer seu neto.

Karen virou-se para o outro lado, com o coração pesado e assustada. Caminhou até a porta da frente, ciente demais de que o poderoso homem a seguia. Ele dera sua palavra de que não tentaria tomar David, e ela precisava acreditar nisso. Segurou a porta aberta para ele, querendo que fosse embora logo, desejando que nunca tivesse vindo, sabendo que agora não haveria mais nenhum meio de fugir dele. Talvez não lhe tomasse David, mas certamente nunca mais os deixaria em paz.

Owen parou a seu lado.

— É um menino maravilhoso.

Karen fitou o menino com orgulho e desafio.

— Ele é *meu* filho.

— Também é de Hal. E de Kirsty.

Foi uma declaração categórica e inequívoca. Ele se afastou sem dizer mais nada. Um chofer abriu-lhe a porta do Rolls-Royce que estava estacionado junto ao meio-fio, e Owen Chissolm entrou nele, sem se voltar, desaparecendo atrás dos vidros fumê do luxuoso carro e partindo a seguir.

Missão cumprida, pensou Karen, com amargura. E onde isso tudo terminaria? Fechou os olhos, imaginou Kirsty deitada nos braços de Hal Chissolm, sufocando ao dizer suas últimas palavras... as que haviam tornado tudo mais difícil para a vida de Karen.

## CAPÍTULO II

— Bom dia. Aqui fala o comandante. Pousaremos no Aeroporto de Lydda dentro de quinze minutos...

Aeroporto de Lydda... Telavive... a cidade onde Kirsty morreu. As longas horas de viagem haviam aumentado a pressão de Karen, mas seus olhos cansados puderam captar a expressão tensa no rosto de Owen Chissolm. Talvez fosse até pior para ele, pensou com uma pontinha de compaixão. Hal sobrevivera à operação, mas Owen não sabia que notícias o aguardavam. Estavam viajando havia umas vinte horas e o estado do filho, pelas notícias que recebera, continuava crítico.

Apesar do medo que sentia pela posição e poder de Owen Chissolm, Karen descobrira que não podia antipatizar com o homem. Para ela, até agora, ele fora todo bondade e consideração; e, com David, demonstrara ser a alma da paciência durante toda a longa viagem. Embora todos seus instintos lhe dissessem para ficar o mais longe possível, Owen Chissolm aproximava-se pouco a pouco dela e de David.

O menino já estava totalmente conquistado por "Pop" e regalava-se com as atenções do avô. Owen Chissolm era famoso por suas conquistas, Karen pensou com desânimo.

— Karen...

Ela o olhou apreensiva. Os pálidos olhos azuis sondavam os seus com certa insistência.

— Eu sinto muito, mas preciso falar com você. Agora... resta tão pouco tempo... Compreendo e me solidarizo com sua dor pela perda de sua irmã, mas preciso pensar em Hal. Você não gosta dele, não é mesmo?

— Eu nunca conheci seu filho, sr. Chissolm — respondeu ela, evasivamente; não querendo magoá-lo ainda mais.

— Não o conheço por intermédio de Kirsty.



— Por favor, seja franca comigo. Serei sincero e direi que houve ocasiões em que eu próprio não gostei dele. Mas você demonstrou ter-lhe ódio, Karen, e isso é diferente... Por que odeia meu filho?

Ela hesitou; então falou a verdade:

— Hal privou Kirsty da felicidade que ela deveria ter tido. Foi egoísta e impediu que Kirsty ficasse com seu próprio filho. Jamais poderei perdô-lo por isso.

— Por isso você o odeia.

— Sim.

O rosto de Owen Chissolm se contraiu.

— Os seres humanos nunca são perfeitos, Karen. Você não conheceu meu filho, e no entanto o julga com severidade. Hal e eu nem sempre pensamos da mesma forma, mas ele é meu filho e eu o amo. E agora pode estar morrendo. Só o que lhe peço é que aja com uma certa indulgência quando estiver com ele.

A simples idéia de ver Hal revoltava Karen. Apresentar David a ele seria ainda mais difícil!

— Eu tentarei ser razoável — respondeu, laconicamente. David despertou de seu sono.

— Mamãe... meus ouvidos estão doendo.

O avião começara a perder altitude. Karen mostrou a David como aliviar a pressão nos ouvidos, tampando o nariz e procurando forçar o ar por meio dele. Então apontou para a vista, lá fora, pela janela, para distraí-lo de seu desconforto. A descida pareceu levar uma eternidade, e foi um alívio quando as rodas da grande aeronave tocaram a pista de pouso com um solavanco.

Todo o desconforto foi rapidamente esquecido quando David se viu em meio à agitação do aeroporto internacional.

Cansada, Karen caminhou silenciosamente ao lado de Owen Chissolm, grata por tê-lo como guia num país estranho. Apesar da longa duração da viagem, era apenas meio da manhã. Além da fadiga física e da exaustão emocional, a diferença de fusos horários a fazia sentir-se completamente desorientada.

Ao entrarem no saguão, encontraram-se com o criado particular de Owen Chissolm, Harper, que viajara na classe tu-

ristica do avião. A não ser quando foram apresentados rapidamente, antes de embarcar, Karen não o vira mais.

Dois israelenses se aproximaram para saudá-los. Falavam inglês e também hebraico. A última informação sobre Hal era que ele ainda estava em estado crítico, mas recobrava a consciência, por duas vezes, pedindo repetidamente para ver o filho. Garantiram-lhe que tanto o pai como o filho já estavam a caminho.

Aparentemente, nenhuma menção fora feita quanto à irmã de Kirsty, Karen pensou ressentida. No que lhe dizia respeito, para Hal ela era irrelevante. Mas ele logo veria que não era bem assim. A notícia pareceu agir como um tônico em Owen Chissolm, que se animou visivelmente e seus passos tornaram-se mais rápidos. Karen ficou feliz por Hal ainda estar vivo, mas isso acentuou-lhe a dor pela perda de sua própria irmã. Por que Kirsty não podia ter ficado ferida? Por que ela tivera de morrer?

— Karen...

Ela levantou os olhos melancólicos e tristes para Owen Chissolm.

Ele hesitou, dividido entre seu próprio senso de urgência e a compreensão do que aquela cidade significava para Karen. Mas a urgência venceu.

— Harper vai levar nossa bagagem ao hotel. Vou direto ao hospital. Sei que é pedir muito de você, mas agora já chegamos a este ponto e...

— Irei com o senhor, fique tranquilo.

Era melhor resolver tudo de uma vez, pensou Karen, com triste resignação. Então poderia se concentrar totalmente em fazer alguma coisa por Kirsty.

Com um gesto grato e carinhoso, Owen Chissolm tocou o braço de Karen.

— Talvez tenhamos de esperar por muito tempo no hospital — avisou com brandura.

— Não faz mal.

Uma limusine os aguardava. Um dos israelenses sentou-se na frente, ao lado do motorista, enquanto Owen Chissolm sentou-se atrás com Karen e David. Ele era um homem eficiente, sem dúvida, Karen pensou com tristeza. Quando se



colocava em movimento, fazia-o em grande estilo, e tudo funcionava como um relógio. Poder e riqueza nunca eram ignorados.

Lágrimas embaçaram-lhe os olhos; lágrimas de fadiga, desesperança e raiva da situação. Havia perdido Kirsty e também podia perder o filho; o fato de ser uma mulher sozinha talvez pesasse contra ela. Se ainda estivesse casada com Barry, sua posição seria muito mais forte.

— Por que você não teve filhos seus, Karen? Deve ter havido algum motivo.

A pergunta assustou-a, vindo, como veio, em cima de seus próprios pensamentos sobre Barry. Ela lançou a Owen um olhar tristonho.

— Meu marido não podia gerar filhos. Ao contrário de seu filho, ele era estéril.

Os olhos azuis agora eram penetrantes e a fitavam intensamente.

— E ele não se conformava com isso...

O comentário suave desencadeou uma série de lembranças dolorosas. Aquele fatídico relatório médico fora a sentença de morte do casamento deles. Barry se sentira humilhado e até chegara a sair com outras garotas para provar sua masculinidade, e Karen se sentira duplamente enganada.

— Nenhum de nós dois se conformou muito com isso — ela admitiu.

— Mas ele ainda estava em sua companhia quando David veio morar com vocês, não?

Karen relanceou um olhar para David, mas o garotinho estava ocupado demais com a paisagem para se concentrar na conversa. Então lançou um olhar de advertência a Owen Chissolm e respondeu baixinho:

— Sim, ele ainda estava comigo. Depois de um ano relativamente difícil, eu havia convencido Barry a inscrever nossos nomes para... adotarmos uma criança. Então Kirsty ficou grávida. Ela disse que Hal na certa iria sugerir um aborto e que ela não faria isso. Queria que nós criássemos a criança. Mas, quando o bebê veio morar conosco, Barry não conseguiu suportar a idéia de eu amar uma criança que não era

ele, e eu não quis desistir do bebê. Portanto nos separamos. — Então, David foi indiretamente responsável pelo rompimento de seu casamento — concluiu Owen Chissolm. — agora ele se tornou toda sua vida.

Karen o encarou com determinação.

— David é meu filho, sr. Chissolm... legal, moralmente em qualquer outro sentido. E ninguém vai tomá-lo de mim. eu jamais desistirei dele!

Owen enfrentou seu olhar de desafio com uma simpatia que Karen não esperava e respondeu num tom calmo e apaziguador:

— Ninguém está lhe pedindo que faça isso, Karen. Mas, por uma questão de justiça, o que posso dizer é: Hal não foi chamado a dar uma opinião sobre a questão. Ele nem sabia sobre David, até que Kirsty lhe contou. Não o condene sem ser ouvido.

Nem ser ouvido! Karen se esforçou para não falar mais nada, mas rejeitava com todas suas forças o argumento de Owen Chissolm. Os atos falavam mais alto que as palavras, e Kirsty não teria renunciado ao bebê, se Hal tivesse ao menos sugerido que aceitaria a paternidade. Se o atentado não tivesse ocorrido, ele nem saberia da existência de David!

Karen manteve um silêncio soturno durante o resto do percurso até o hospital.

O vasto complexo médico foi outra novidade para David. Owen Chissolm e o israelense foram conversar com os médicos enquanto Karen e David permaneciam numa sala de espera. Ela sentia-se fraca pelo cansaço e apreensão, e naufragada com pensamentos sobre a irmã; o hospital a lembrava furiosamente da morte. As perguntas de David se tornavam cada vez mais difíceis de responder enquanto esperavam pelas notícias. Pareceu levar uma eternidade até que Owen Chissolm voltasse.

Ele afundou numa poltrona ao lado de Karen, com o rosto contraído em linhas graves, um olhar profundamente ansioso.

Karen, Hal está consciente, agora. Eu lhe contei... preparei seu espírito... mas não sei se ele vai entender que... —



Ele fez uma pausa, balançando a cabeça. — Meu filho pode pensar que você é Kirsty... Afinal, eu mesmo a confundi com ela quando a vi pela primeira vez. Você entende isso, Karen?

O rosto de Karen empalideceu.

— O senhor não pode estar dizendo que quer que eu finja...

— Não, claro que não — atalhou ele, prontamente. — Apenas... esteja preparada. Sei como tudo isso deve ser de sagradável para você e não queria afligi-la ainda mais com algo que está fora do meu controle. Talvez fosse mais fácil para todos, se você deixasse levar David...

— Não! — Seus olhos brilharam desafiadores quando Karen se levantou, resoluta. — Nós vamos juntos, ou então nada feito — impôs, inflexivelmente e, para enfatizar sua decisão, aproximou-se de David, que folheava uma revista, e tomou-lhe a mão.

Owen Chissolm também se levantou.

— Isso não é bom, Karen. Nem para ele nem para você.

— David é minha única preocupação. Ele ficaria assustado se se separasse de mim num lugar estranho. Hospitais já são bastante assustadores para pessoas adultas, quanto mais para crianças — argumentou ela.

Karen não se importava por estar sendo irracional. Ninguém iria separá-la de seu filho. Ninguém!

Owen Chissolm gesticulou como se fizesse um apelo, então baixou os braços diante de tanta obstinação.

— Tudo bem... Eu os levarei ao quarto do meu filho — disse, com um encolher de ombros.

— Aonde vamos agora? — perguntou David, quando começaram a andar.

— Vamos visitar alguém que quer conhecer você — respondeu Karen, cautelosa. — Mas ele está muito doente, por isso você vai ter de ficar muito quieto e bem-comportado.

— Quem é ele?

— Ele é o filho do sr. Chissolm. Como você é meu filho.

— Ele é como eu, Pop? — perguntou David, inocente, sem perceber o embaraço da mãe.

Owen Chissolm respondeu com naturalidade:

— Sim, ele é como você, David. Só que ele é crescido.

— Como é o nome dele?

As perguntas e as respostas continuaram durante todo o trajeto até o quarto de Hal, mas Karen mal as escutava. Estava preparando o espírito para enfrentar o homem que fora o amante de Kirsty e o pai do filho dela. O pai biológico, pensou, causticamente. Hal Chissolm não passava disso e, mesmo que estivesse às portas da morte, não sentiria pena dele. Kirsty estava morta.

Instintivamente, Karen suspendeu David nos braços quando Owen Chissolm abriu a porta do quarto de Hal. Ela o abraçou com força, e seus olhos desafiavam Owen Chissolm e o resto do mundo. Estava lá para cumprir a última vontade de Kirsty, mas não permitiria que Hal ou o pai dele ditasse o que quer que fosse. Owen Chissolm não comentou nada. Abriu bem a porta, afastou-se para um lado e acenou para que ela entrasse. Karen colocou David montado em seu quadril e, segurando-o com bastante firmeza, entrou no quarto.

Hal tinha os olhos fechados; o rosto estava pálido e imóvel. Karen engoliu em seco para aliviar uma súbita contração na garganta. Ocorreu-lhe de repente que não queria que ele morresse. A morte era tão inútil, tão... definitiva. Dúvidas tomaram seu coração. E se o choque por vê-la... de ver uma imagem idêntica de Kirsty...

— Ele está dormindo? — cochichou David.

Os olhos se abriram. Olhos cinzento-prateados — os olhos de David. Mas cheios de uma dor e de um conhecimento que nenhum olho infantil conseguiria projetar. Agora era tarde demais para Karen recuar. Aqueles olhos a mantinham presa ao lugar onde estava. Eles se fixaram nela por um longo e arrepiante momento antes de se voltarem para David. Berberam cada detalhe da criança, em seus braços, mas não havia nenhum júbilo naquele exame demorado e completo. Foi uma tortura tanto para aquele homem como para Karen.

— Olá.

Hal estremeceu com a saudação impulsiva de David, como se o tivesse machucado; então os olhos cinzentos se aguçaram num foco mais concentrado.

— O que é isso? — perguntou David, curioso.



— Isso se chama soro, David — Owen Chissolm explicou baixinho. — Hal está doente demais para comer, e portanto ele tem de se alimentar por aqueles tubos, até ficar mais forte.

— Eu posso ver? — perguntou David, contorcendo-se para descer do colo da mãe.

Karen soltou-o. O homem no leito não representava nenhuma ameaça para ela. Owen Chissolm segurou a mão de David e levou-o até o outro lado da cama, enquanto os olhos de Hal os seguiam. Owen levantou David para que ele visse o frasco de soro.

— Isso não machuca? — o menino perguntou a Hal.

— Não — respondeu ele, com o que não passava de um sussurro. Um espasmo de dor transformou-lhe o rosto. — David... — disse, em voz muito baixa, numa mistura de carinho e desespero.

A curiosidade de David se aguçou.

— O que tem aí dentro?

— Não é leite nem suco de laranja — Owen Chissolm respondeu-lhe.

Hal virou lentamente a cabeça para onde Karen estava, e os olhos cinzentos a encararam atormentados.

— Karen... — Não era uma pergunta, mas sim uma afirmação quanto a sua identidade. Ele não disse Kirsty, mas Karen... — Você ficou com ele? O tempo todo?

— Sim — respondeu ela, roucamente, sufocada demais para manter a voz firme.

Não havia esperado essa reação da parte de Hal. De alguma forma, ele não eram o Hal Chissolm que havia imaginado. A dor e o desespero daquele homem eram reais demais para que ela os ignorasse.

— Por que Kirsty não me falou nada sobre ele?

A voz rouca e áspera continha uma nota de acusação que endureceu o coração de Karen contra ele. A lealdade para com a irmã exigia isso dela.

— Kirsty lhe falou sobre ele. É por isso que estamos aqui. E essa é uma pergunta que você deve fazer a si mesmo — Karen acrescentou com frieza.

A expressão dele era de dor.

— Acha que não fiz isso? — perguntou, inalando o ar com

difficuldade. — Ela me conhecia. Sabia o que eu queria...

— Você teve o que queria! — explodiu Karen.

Numa onda de amarga hostilidade, contornou a cama e tomou David nos braços. Seus olhos estavam cegos para a dor do homem deitado na cama; só conseguia pensar na irmã.

— Kirsty viveu e morreu por você. Ela se entregou totalmente a você. Não lhe devia nada. E também não lhe devia nada, agora.

David começou a choramingar, desconcertado e transtornado pelo tom áspero da mãe. Karen pressionou a cabeça dele contra seu ombro e afagou-lhe os cabelos para tranquilizá-lo, mas sem desviar os olhos de Hal. Baixou o tom da voz, que tremeu de emoção quando ela proferiu seu julgamento final:

— Você conheceu meu filho. Se Kirsty achava que lhe devia isso, então acabei de pagar o débito. Você tem sua vida... agradeça essa sorte. É mais do que a minha irmã teve. E, se algum dia quiser ter filhos, Hal Chissolm, encontre uma mulher e a faça sentir-se segura e amada. Então ela saberá que você a quer e que aceitaria um filho dela!

Em seguida, voltou-lhe as costas e marchou para fora do quarto, lutando para conter as emoções que se agitavam dentro dela. Foi impossível. A tristeza e a tensão acumuladas explodiram em soluços violentos quando fechou a porta e saiu para o corredor. Deu alguns passos trôpegos, com lágrimas escorrendo-lhe pelas faces.

— Mamãe! — exclamou David, ansioso, colocando os braços em volta do pescoço de Karen.

Mas ela não conseguia responder, não conseguia articular uma só palavra. Balançou a cabeça, impotente, e abraçou-o contra o peito ofegante. Seus joelhos cederam, e ela teria caído se um braço forte não a amparasse. Owen Chissolm puxou-a contra ele para sustê-la melhor. Ele não tentou tomar-lhe a palavra, mas amparou os dois com um braço, murmurando palavras tranquilizadoras para David até Karen esgotar todas as suas lágrimas.

— Eu sinto muito — soluçou ela, sentindo o peso da culpa e da vergonha no coração.



Não pretendia atacar Hal daquele jeito; não assim... agora que estava tão fraco e indefeso. Se ele morresse...

— Karen, acho que sou eu quem deveria se desculpar. E lhe pedi demais! Agora vou levá-los ao hotel e cuidar para que você e David fiquem bem instalados.

Mas Karen não podia aceitar isso.

— E quanto a Hal? E se...

— Hal é como eu: um lutador. Acho que você talvez tenha acabado de lhe devolver a vontade de lutar pela própria vida.

Essas palavras soaram estranhamente aos ouvidos de Karen, mas estava cansada demais para continuar a questionar seus sentimentos ou a situação em que se encontrava.

### CAPÍTULO III

Depois de uma longa caminhada pela praia, Karen já se sentia menos tensa. O varrer das águas sobre a areia tinha uma constância calma que tornava tudo mais insignificante. Karen era quase capaz de esquecer que estava naquela cidade estranha que roubara a vida de sua irmã. Mas não eram as praias de Bondi ou de Manly que tinha sob seus pés, e sim o mar Mediterrâneo.

Owen Chissolm reservara para ela e David uma suíte no Hilton Hotel espaçosa e luxuosa, mas Karen não se sentia vontade nela. A brisa em seu rosto e o sol em suas costas lembravam-lhe agora sua terra natal. A praia ficava a pouca distância do hotel, e David vinha insistindo para brincar nela desde que a avistara da janela de seu quarto. Karen lhe prometera esse passeio, e agora cumprira a promessa, depois de ter cuidado dos detalhes oficiais da morte de Kirsty, durante a manhã.

Chissolm fora fiel a sua palavra e a ajudara a preencher os formulários, respondendo a perguntas quando ela estava angustiada demais para falar e tomando providências para o funeral. Karen quisera ir até o local da morte da irmã, e eles percorreram a rua fatal, passando em frente ao hotel onde Hal e Kirsty tinham estado hospedados. Mas não restava nada para ver, nada que lembrasse a tragédia. Qualquer dano que porventura tivesse ocorrido fora reparado; as marcas de morte e destruição haviam sido apagadas tão rapidamente quanto pegadas na areia.

— Karen!

Era a voz de Owen Chissolm. Ela virou-se e esperou até que ele a alcançasse. David soltou a mão dela e correu para saudá-lo.

Owen sorriu e curvou-se para retribuir a saudação, con-



versando indulgentemente com o neto por um momento, antes de recomeçar a se aproximar de Karen. O terno sóbrio que usara pela manhã fora substituído por uma calça esportiva e uma camisa de malha, e ele parecia mais à vontade.

Karen já não o temia. Ao contrário, a presença de Chissolm a confortava; não sabia o que teria feito sem a presença dele pela manhã. Não conseguia ao menos sentir qualquer ressentimento pela afinidade cada vez maior que estava se formando entre avô e neto. Owen Chissolm era um bom homem.

— Vai molhar sua calça, Pop — avisou David.

— Então é melhor eu andar do lado de cá de sua mãe. Owen acertou o passo com Karen e David foi brincar alegremente na água. Karen sabia que Owen fora novamente ao hospital. Sentira um alívio imenso pela manhã quando ele lhe informara que Hal havia passado a noite bem e que parecia estar um pouco mais forte. Mesmo assim, Karen não conseguia pensar no encontro do dia anterior sem se envergonhar.

Desejava que tivesse estado mais controlada, mais composta e, acima de tudo, mais compassiva com o estado de saúde de Hal. Mas ela só havia dito a verdade. Se Hal quisesse ter filhos, teria feito Kirsty sentir isso. Em sua opinião, essa era uma verdade que isentava Kirsty de qualquer culpa, mesmo que, de alguma maneira, tivesse enganado Hal.

— Está... tudo bem? — perguntou.

— Hal está se agüentando bem, se é isto que você quer saber.

— Ótimo...

Karen sentiu o olhar penetrante de Owen, mas manteve seu próprio olhar desviado. Por mais que Owen Chissolm tivesse sido bom para ela, Karen não conseguia ver o filho dele com bons olhos.

— Há mais uma coisa, Karen! Hal quer ver você novamente.

Ela apertou os lábios para não dar uma resposta amargurada, então dirigiu um olhar duro e sarcástico ao homem ao seu lado.

— O que o senhor quer dizer é que ele quer ver David

Owen Chissolm meneou a cabeça e olhou-a preocupado.

— Não, ele já viu David, Karen. E um único olhar bastou para dar a ele a certeza de que é o pai do menino. Assim como bastou para mim. Além disso, um quarto de doente não é lugar para uma criança estar visitando. — Owen fez uma pausa e sua voz suavizou-se num apelo. — Meu filho quer... precisa... conversar com você, Karen.

— Sobre o quê? — quis saber ela, mal disfarçando a repulsa que sentia diante da idéia de se encontrar com Hal mais uma vez.

— Não sei... ele não me falou. Suponho que seja sobre David. Talvez sobre Kirsty... não sei.

Kirsty! Não, ela não queria ouvir nada que Hal tivesse para falar sobre Kirsty. Não suportaria. A imagem do desespero nos olhos de Hal assaltou sua mente, mas ela a afastou. Ele não podia ter amado Kirsty de verdade. Nada disso teria acontecido se a tivesse amado, compreendido, protegido. Hal Chissolm era um egoísta e só se importava consigo mesmo.

— Não, eu não vou — respondeu com decisão. Já cumprira sua parte no acordo que fizera com Owen Chissolm e não queria fazer mais nada. Ela o fitou com um olhar que apelava para sua compreensão. — Sinto muito. Isso não lhe daria nenhum bem... a Hal, quero dizer. Além disso, eu ficaria muito transtornada. Eu não consigo me sentir... indiferente a ele.

— Você não lhe deu muita chance, Karen — salientou Owen com suavidade. Então suspirou e sorriu. — Mas hoje foi um dia muito duro para você. Talvez seja melhor lhe dar algum tempo para pensar.

Karen não queria pensar no assunto, mas concordou. Se Hal sobrevivesse, teria de vê-lo de qualquer maneira. A reação dele no dia anterior deixara claro que iria querer ter acesso a David.

— Você gostaria que eu encomendasse alguma flor em especial para a cerimônia religiosa amanhã? — perguntou Owen.

Lágrimas arderam nos olhos de Karen. Flores... uma coroa para Kirsty. A tristeza acometeu-a de novo e ela balan-



çou a cabeça, taciturna. Faria isso pessoalmente quando retornasse ao hotel.

— Eu mandei que pusessem a mala com os pertences de Kirsty em seu quarto, Karen — acrescentou Owen, e lhe entregou um envelope selado. — Isto me foi entregue esta manhã, mas o conservei comigo porque você parecia estar muito aflita. Kirsty a estava usando.

Karen sabia do que se tratava antes mesmo de abrir o envelope e tirar de dentro dele uma corrente de ouro com um pequeno pássaro de jade. Kirsty a comprara em Hong Kong juntamente com o ursinho coala de jade que estava pendurado no pescoço de Karen, presente de seu vigésimo primeiro aniversário: “Este sou eu, livre como um pássaro”, Kirsty declarara alegremente, “e você é adorável como um coala”. As duas sempre as usavam, outro elo de ligação entre ambas. E de repente Karen soube que flores compraria: *strelitzia*... O Pássaro do Paraíso... com o azul do céu para um pássaro livre e o dourado ardente do espírito indomável de Kirsty. Lágrimas escorreram pelas faces de Karen e não havia nada que ela pudesse fazer para contê-las.

Owen Chissolm fez uma leve pressão em seu braço.

— Vou levar David para um passeio até a extremidade da quebra-mar. Ele poderá observar os pescadores por algum tempo. Está bem?

Karen aquiesceu. Seria bom para David afastar-se um pouco, enquanto tentava se recompor. Também seria bom para ela... Talvez devesse ir ver Hal, afinal, Karen pensou com tristeza. Mesmo que fosse apenas para retribuir um pouco da bondade e atenção de Owen Chissolm. A idéia persistiu misturada a um leve sentimento de culpa que nem sua tristeza por Kirsty conseguia dissipar.

Karen já havia se recomposto quando David e Owen retornaram. David falava pelos cotovelos sobre o pequeno peixe-tambor que vira ser pescado.

Owen acompanhou-o de volta ao hotel e jantou com ela antes de sair para mais uma visita ao hospital. E não pressionou Karen para que mudasse de idéia quanto ao pedido de Hal, mas ela sentia um grande pesar pela recusa que Owen

levar ao filho. Sentia-se mesquinha, e não estava gostando desse sentimento.

Karen não dormiu muito bem. Na manhã seguinte Owen Chissolm chegou a sua porta com os braços carregados de pacotes.

— São brinquedos para David — explicou. — Espero que você não se importe, mas devem distraí-lo enquanto você estiver fora na cerimônia do funeral.

Karen não podia fazer objeções. Mais uma vez, Owen Chissolm havia pensado em tudo. Harper, seu criado pessoal, fora designado para cuidar do garoto, e ele chegou enquanto David ainda abria os pacotes, muito entusiasmado.

Harper era um homem bondoso, correto e educado, e já conquistara a simpatia de David. Baixinho, mas de complexão forte, andava vestido impecavelmente, e seus cabelos escuros e grisalhos eram penteados cuidadosamente sobre o cocuruto calvo. Apesar da aparência formal, em poucos minutos Harper estava sentado no chão ajudando David a abrir os pacotes, e Karen chegou a ter a impressão de que também ele se encantava diante de tantos brinquedos.

Karen deu-lhe algumas instruções práticas, as quais Harper garantiu que seriam cumpridas. David nem pensou em acompanhá-la, pois estava maravilhado com seus presentes. Karen se perguntou com tristeza se uma criança seria facilmente comprável, mas logo descartou a idéia. Owen Chissolm não estava tentando comprar David. Mas e quanto a Hal? Tinha suas dúvidas sobre o que Hal faria a respeito de David, no futuro. Talvez valesse a pena ir vê-lo, mesmo que fosse apenas para saber de suas intenções.

Desde que acordara, Karen procurara não pensar no funeral de Kirsty, mas não pôde mais afastar o fato de sua mente, ao sair do hotel em companhia de Owen Chissolm. Usava um vestido verde-escuro, não preto. Kirsty sempre detestara o preto. Verde era sua cor predileta, assim como a de Karen.

A cerimônia foi breve; breve demais para a vida inteira que Kirsty levava, Karen pensou com pesar. Durante o enterro, Karen agarrou-se ao braço de Owen Chissolm, sentindo-se ainda mais desolada do que na noite em que Kirsty morrerá. Era o fim, e o amor que sempre sentira pela irmã



agora pesava-lhe o coração. Ele necessitava desesperadamente de alguma forma de expressão.

Então Karen pensou em Hal. Kirsty amara Hal. Não importava o que Karen pensasse dele, sua irmã o amara. E Hal queria vê-la. Kirsty talvez quisesse que ela fosse vê-lo. Era algo que ainda poderia fazer por sua irmã.

— Hal ainda quer me ver? — Karen perguntou, no trajeto de volta ao hotel.

— Quer, sim.

— Eu irei visitá-lo hoje à noite, depois que David for se deitar. Será que Harper poderia tomar conta dele novamente?

— Sim, claro! — Owen Chissolm deu-lhe um tapinha afetuoso na mão. — Você é uma boa mulher, Karen. Obrigado.

Queria dizer que estava fazendo isso por Kirsty, mas um nó na garganta a impediu de falar.

Sua decisão vacilou várias vezes durante essa longa tarde. David lhe deu muito pouco trabalho. O garoto ficou concentrado em sua nova coleção de brinquedos, particularmente num deles, que lhe permitia construir uma grande variedade de estruturas interessantes.

Karen desejou saber por que Kirsty havia contado a Hal sobre David. Sentia o futuro mudando, sentia que tudo que havia planejado para ela e David poderia se transformar, e isso a enchia de incertezas.

A noite, Owen Chissolm veio jantar com eles. A não ser para dizer que Hal parecia um pouco melhor, não tocou mais no nome do filho. David, como era de esperar, ainda estava muito entusiasmado, e a conversa centralizou-se no garoto. Karen não estava com vontade nenhuma de conversar; a ansiedade quanto ao encontro que teria com Hal aumentava a cada minuto. Finalmente chegou a hora de colocar o filho na cama e, pela primeira vez, o garoto não protestou: dormiu quase que imediatamente.

Harper chegou para ficar com o garoto, armado com um livro e um sorriso tranquilizador, mas Karen estava tensa demais para retribuir o sorriso. Antes que sua coragem a desertasse, saiu com Owen Chissolm. O pai de Hal havia se tornado uma fonte de consolo e força para ela nesses últimos dias. Pelo bem dele, e pela memória de Kirsty, estava



... determinada a controlar sua animosidade para com Hal, nessa

... estavam quase chegando ao hospital quando Owen Chis-

... falou sobre a visita que tinham pela frente:

— Karen, espero que não se importe, mas Hal quer vê-la

... O que ele teria para lhe dizer que não queria que

... tivesse? A tensão de Karen aumentou ainda mais.

— Onde o senhor ficará? — perguntou.

— Eu a levarei ao quarto dele; então esperarei por você

... de estar, onde você ficou com David da última vez.

... não ser que você queira que eu...

— Oh, não! Está tudo bem... — ela apressou-se a dizer.

... que quer que fosse que Hal tivesse para lhe dizer, tenta-

... com imparcialidade... na medida do possível. Po-

... sair do quarto no momento em que quisesse; ele não

... em condições de detê-la. Mas faria todo o possível

... lhe dar uma chance de lhe dizer o que queria.

... Karen manteve-se firme em sua resolução até o momento

... que Owen Chissolm a deixou entrar no quarto de Hal.

... primeiro choque foi a mudança na aparência dele. A bar-

... crescida e a sombra cinzenta da morte haviam desapare-

... O resto barbeado ainda tinha uma aparência pálida e

... mas não havia nenhum sinal de fraqueza nos olhos

... mostraram os de Karen. Fitava-a com um olhar duro,

... desafiador. Esse era o homem que ela imaginara ser.

... Mesmo confinado a um leito de hospital, emanava uma ener-

... implacável!

... cabelos pretos, cuidadosamente penteados, emoldura-

... um rosto viril e bem-feito, onde a boca de lábios cheios

... único traço suave. Karen não o achou bonito, mas não

... deixar de se impressionar com a aparência dele.

... De repente ela percebeu que sua avaliação estava sendo re-

... Sua aparência também não parecia causar simpa-

... Hal Chissolm. Vê-la era ver a imagem refletida de Kirsty,

... para o homem que segurara Kirsty nos braços enquanto

... morria, isso só podia ser perturbador.

— Seu pai disse que você queria me ver — ela falou, que-

... o silêncio que se havia tornado muito incômodo.



— Não foi nada disso! — explodiu Karen, incapaz de suportar a interpretação errônea dele sobre a situação. — Kirsty achava que você não queria compromissos mais sérios! E a gravidez não tinha sido planejada. Quando aconteceu, minha irmã pensou em mim e em Barry porque nós pretendíamos adotar uma criança, e Kirsty preferia que o filho dela ficasse comigo em vez de com outra pessoa.

— Em vez de mim... seu pai natural! — Hal exclamou, ferozmente. — Você e sua irmã conspiraram para me roubar aquilo que me pertencia por direito... *meu filho!*

Antes que se desse conta do que estava fazendo, Karen estava de pé, contra-atacando com toda a mágoa que vinha acumulando desde que Kirsty morrera.

— Seu por direito! — Karen exclamou, sarcasticamente. — Que direito? Só porque você era o homem que vivia com minha irmã? Isso lhe dá todo o direito de decidir sobre o filho que os dois geraram? Foi o corpo dela que carregou um filho durante nove meses e depois passou pelas dores do parto... Com que direito o considera só seu? A decisão era de Kirsty; foi de Kirsty no momento em que ela resolveu levar a gravidez adiante, e também quando achou que devia entregá-lo a mim!

— Sua irmã sabia que eu gostaria de ter um filho... ela sabia! E no entanto escondeu-o de mim. Você ficou com ele.

— E o que você teria feito, Hal? Teria ficado em casa para cuidar dele, ou teria enfiado o bebê numa mochila e saído com ele pelo mundo afora? Sim, Kirsty conhecia você muito bem! Foi por isso que quis que David ficasse comigo.

Gotas de transpiração molhavam o rosto de Hal, mas ele conseguiu reunir forças para mais um ataque:

— Você está muito enganada! E eu vou tomar meu filho de volta nem que seja a última coisa que eu faça no mundo!

O medo atingiu o coração de Karen com um forte impacto. Estaria enganada? Mas por que Kirsty lhe mentiria sobre Hal?

Queria gritar com ele, agredi-lo, mas Hal estava nos limites de suas forças. O calor da briga obviamente fizera a temperatura dele subir; até os olhos atentos pareciam febris. Precisava se lembrar de que Hal estava muito doente. Bri-

gar com ele era a pior coisa que poderia fazer, agora. Isso não faria bem a ninguém... muito menos a David.

Karen respirou fundo para se acalmar e obrigou-se a falar mais baixo:

— Seqüestro é ilegal, Hal, e a lei está do meu lado. Quando você conseguir parar de pensar em si mesmo, talvez comece a pensar no que é melhor para David.

— O mesmo se aplica a você, Karen. Ele foi privado de um pai durante três anos — Hal falou com amargura.

Mais uma vez, ele engoliu em seco; então, prosseguiu: — Como é possível uma mulher aceitar o amor de um homem... conceber um filho dele e lhe esconder este fato? Como é possível?

A voz era pesada e triste. Karen desviou os olhos, sentindo pena de Hal, por mais distorcido que considerasse seu ponto de vista.

— Não sei... Eu não seria capaz de fazer o que Kirsty fez, mas eu não fui igual a ela. Nós éramos parecidas apenas fisicamente. Não entendi o relacionamento dela com você, que sempre me pareceu estranho. Minha irmã dizia que não queria perdê-lo... Isto é tudo o que sei.

— Ela não queria que nada mudasse — corrigiu Hal.

— Ou será que era você quem não queria? — rebateu Karen, ainda defendendo a irmã. — Você podia ter mostrado a ela que desejava ter um filho, um lar. Se era realmente o que queria... vocês podiam até ter-se casado...

Esse comentário o irritou.

— Você não sabe mesmo nada sobre sua irmã, não é? Kirsty nunca teria se casado com ninguém. Com ninguém! Quanto a mim, agora ficou claro que ela me considerava apenas uma conveniência, um companheiro de trabalho e de aventuras!

Karen empalideceu. Isso não era verdade! Kirsty o amava, tinha certeza. Sua mente girava com pensamentos confusos. Kirsty sempre desejara ser livre, era verdade. Mas desistir de seu bebê quando não precisava fazê-lo... isso era incompreensível! E, se Hal fora de fato enganado, o que poderia fazer?

Olhou-o com um misto de preocupação e culpa. Ele tinha



os olhos fechados e os punhos cerrados, como se estivesse ordenando ao corpo que lhe desse as forças de que necessitava. A respiração era áspera e difícil.

— Eu sinto muito — Karen murmurou. — Essa discussão não deve estar lhe fazendo nenhum bem. Acho melhor eu ir embora.

As pálpebras se abriram de repente, revelando um olhar cheio de determinação e propósito.

— Você não está me vendo pela última vez, Karen. Não importa para onde vá, eu irei atrás de você.

Não havia nenhum sentido em se despedir. Karen saiu do quarto, sabendo muito bem que veria Hal outra vez. E o futuro nunca lhe pareceu tão assustador.

## CAPÍTULO IV

Hal acabara de chegar de Telavive.

Desde a noite em que o visitara no hospital, Karen se tornara prisioneira de um estado constante de angústia. A justiça ou injustiça de sua posição como única pessoa responsável por David era um dilema que ela não conseguia resolver. E Hal agora viera atrás dela. Chegara a Sídney naquela manhã.

Leu a notícia nos jornais da tarde. Owen lhe dissera que o filho deveria voltar nessa semana, portanto já deveria estar preparada. Tivera dois meses para tanto, mas a fotografia que vira no jornal lhe provocara um sobressalto. O rosto duro e sisudo parecia olhar direto para ela com uma expressão acusadora.

Aqueles olhos cinzentos ainda a perseguiram...

Karen cumprira sua rotina como se nada de anormal estivesse ocorrendo, mas saber da presença de Hal em Sídney era um grande peso para seu coração. Depois que deitou David na cama, achou que poderia relaxar um pouco a tensão.

Tinha vontade de chorar, mas sabia que não adiantaria nada. A reportagem do jornal mencionava que Hal seria entrevistado pela televisão à noite; e já estava quase na hora do programa que apresentaria a entrevista. Ela precisava assistir. Talvez houvesse alguma coisa... palavras, expressões, atitudes... que lhe dessem alguma indicação das intenções dele.

Ligou a televisão e sintonizou o canal de propriedade de Owen Chissolm. Preparou uma xícara de café e sentou-se esperando o aparecimento de Hal.

O programa começou com uma recapitulação da carreira dele como repórter de televisão e produtor e diretor de documentários. O ponto alto foi sem dúvida o ataque terroris-



ta, a bomba que tirara a vida de Kirsty Balfour: a companhia de Hal. A lembrança era dolorosa, mas Karen fortaleceu-se para suportá-la. Era Hal quem importava no momento.

Todo o corpo de Karen ficou tenso quando ele apareceu no vídeo, parecendo saudável e implacável como sempre. Karen sabia que aquela aparência era falsa: Owen lhe dissera que Hal levaria pelo menos mais um mês para acabar de convalescer. Mas Hal estava bronzeado e se movimentava com aparente facilidade.

Hal foi recebido com entusiasmo pelo entrevistador, que mal lhe deu tempo para se sentar antes de começar as perguntas:

— Você deve estar feliz em voltar para casa, depois de uma experiência tão traumática, não, Hal?

— Sim. Voltei assim que os médicos me declararam em condições de viajar. Receio não ter sido muito paciente como paciente — acrescentou, irônico.

— Você está com bom aspecto... especialmente depois de uma operação tão séria. Um dos fragmentos de metal que os médicos removeram estava alojado próximo ao coração, não foi assim?

— Sim, foi uma cirurgia delicada. Felizmente, tenho uma constituição muito forte. Os médicos chegaram a pensar que não resistiria, mas eu certamente não tinha a menor intenção de morrer. — Um sorriso frio surgiu nos lábios dele. — A vida de repente me pareceu muito necessária.

Karen estremeceu. Ele estava falando de David. Hal tinha voltado para casa por causa de David!

— É verdade que você agora vai se retirar da área de reportagens e passar a trabalhar na parte administrativa?

— Sim, é o que pretendo.

— Foi esse “esbarrão” com a morte que o levou a tomar tal decisão?

— Não. Mas isso me alertou a consciência para as responsabilidades de família. Eu permanecerei em Sídney a partir de agora...

Bem, nada poderia ser mais definitivo do que isso, Karen pensou apreensiva.

— Meu pai vive me dizendo que não é mais tão jovem como antes — acrescentou Hal.

O entrevistador deu uma risadinha.

— Quer dizer que Owen Chissolm está pensando em se aposentar?

Hal deu uma risada seca.

— Nunca! Mas meu pai sempre quis que eu me interessasse mais pela direção das empresas, e agora estou inclinado a concordar com ele.

Eles continuaram a falar sobre o império dos Chissolm, mas Karen já ouvira tudo o que precisava saber. Hal voltara para ficar, e ela não tinha dúvidas de que as “responsabilidades de família” se referiam a David. Tinha muito medo de que Hal não se contentasse em ver o garoto de vez em quando.

Mas ela não podia entregar-lhe David. Afinal, também era filho dela. Os anos de amor que dedicara a David contavam tanto quanto os direitos de Hal como pai natural, não contavam?

Karen depois de muito refletir se vira obrigada a admitir que Hal tinha de fato direitos. O que ele declarara no hospital fora reforçado pelo que Owen lhe dissera no último domingo. Owen sempre se mostrara justo com ela e era digno de confiança. Quando ela abordara o assunto do relacionamento de Kirsty com Hal, tinha certeza de que Owen lhe contara a verdade tal como ele a conhecia. Cada palavra que dissera ficara gravada em sua memória:

— Há uns quatro anos, Hal veio me procurar e discutir comigo as várias opções que ele teria caso desistisse de viajar pelo mundo. Eu naturalmente fiquei encantado. Supus, na ocasião, que meu filho pretendia se casar com Kirsty, mas nada disso aconteceu. E ele mudou. É difícil explicar, não era algo que pudesse definir. Hal parecia tomado de uma compulsão que o levava a procurar os lugares mais perigosos... O que não era natural nele. Seus atos eram mais próprios da juventude, e Hal já havia ultrapassado essa fase; não queria discutir sobre isso comigo. Uma vez critiquei seu relacionamento com Kirsty e ele me mandou cuidar de



minha própria vida. Hal se tornou... inaceitável para mim. Eu culpei Kirsty por isso.

Diante daquele relato que ouvira de Owen, Karen ficara muito mais confusa. Havia julgado e condenado Hal Chisolm, mas talvez tivesse sido injusta, muito injusta... Mas agora não podia ignorar que a irmã, ao morrer, quisera fazer uma reparação por aquilo que tomara de Hal. Também sabia que ela própria estava sendo forçada a pagar o preço da dívida de Kirsty. Um preço muito caro! E quanto a David? Uma criança não era um simples objeto que se podia passar de mão em mão; além disso, amava-o demais, como só uma mãe ama seu filho. Só lhe restava esperar que Hal fosse razoável; mas, a julgar pela entrevista, receava não poder esperar muita compreensão da parte dele.

O telefone tocou. Karen o olhou fixamente, sentindo crescer o medo e a tensão. Seria Hal? O programa de televisão terminara enquanto ela pensava sobre seu destino. Apreensiva, levantou o fone até o ouvido. Sua boca estava completamente seca, e ela procurou umedecê-la com saliva, antes de falar:

— Alô!

— Aqui é Barry, Karen.

A voz do outro lado a surpreendeu. Barry! Não tivera mais notícias do ex-marido desde que se haviam divorciado, havia dois anos. Ela o ouviu respirar fundo.

— Acabei de ver um programa de televisão e soube sobre Kristy. Estive fora do país e não tive notícias quando aconteceu, Karen. Sei como vocês duas eram unidas. Deve ter sido... Você deve estar se sentindo muito sozinha... Se houver alguma coisa que eu possa fazer; se puder ajudá-la de alguma maneira...

Lágrimas brotaram em seus olhos; a tristeza ressurgiu diante da lembrança de sua solidão. E, com Hal ameaçando a vida que ela construía, sentia-se mais solitária do que nunca.

— Eu... É muita gentileza de sua parte, Barry — disse, tentando se controlar. — Obrigada, mas não há nada que você possa fazer. — Nem por Kirsty nem por David, teve vontade de acrescentar. Barry nunca aceitara David.

Um longo suspiro fez-se ouvir do outro lado da linha.

— Acho que o filho de Kirsty deve ser um consolo para você — comentou ele.

Um consolo e uma preocupação angustiante, pensou Karen, mas engoliu sua própria dor.

— Sei que a desapontei por causa dele. Eu sinto muito, Karen. Acho que estava muito confuso naquela ocasião... Não fazia nenhum bem a mim mesmo e muito menos a você e ao menino.

— Isso ficou para trás, Barry — Karen apressou-se em dizer, tentando afastar aquelas lembranças tristes.

— Sim, isso é passado. Era o que eu queria dizer. Faz muito tempo, mas ainda gosto de você, Karen, muito. Gostaria de ver você de novo. Há algo muito importante que preciso lhe dizer. Podemos nos encontrar?

Karen se sentia confusa. Queria ver Barry novamente, mas para que se arriscar a abrir de novo as feridas que o tempo conseguira cicatrizar? David agora era sua própria vida, e Barry o rejeitara.

— Existe outro homem, Karen?

— Não, não é isso — negou ela.

Mas havia outro homem. Havia Hal... Hal lhe tomaria David se pudesse. Não conseguiria pensar em mais nada, muito menos numa possível reconciliação com Barry.

— Karen, por favor... Preciso ver você. Nós deixamos de aproveitar tantas coisas juntos... Sei que fui o principal culpado por nossa separação, mas nós já fomos felizes um dia, e quem sabe... Juro que o que tenho a lhe dizer é muito importante.

Karen pensou no tempo que haviam passado juntos, nos bons e maus momentos que viveram lado a lado; e não pôde deixar de se comover com o apelo. Não poderia negar-lhe isso sem se sentir mesquinha, rancorosa.

— Está bem, Barry. Quando quer se encontrar comigo?

— Amanhã à noite?

E se Hal viesse ou telefonasse? Não, isso não seria bom. Hal sabia que Barry rejeitara David e acharia muito estranho se a encontrasse em companhia do ex-marido. David era sua principal preocupação. E obviamente a de Hal; por-



tanto ele deveria procurá-la, o mais tardar até o final da semana.

— Amanhã eu não posso, Barry. Que me diz de segunda-feira à noite? Você poderia vir jantar aqui.

— Ótimo, Karen. A que horas você quer que eu vá?

O alívio e o prazer no tom de voz dele eliminaram a tensão que Karen estava sentindo.

— Às sete e meia.

— Obrigado, Karen... Muito obrigado! Vejo você na segunda.

Barry desligou, e Karen recolocou lentamente o fone no lugar, consciente de que carregava obrigações demais em seu coração. Obrigações para com Kirsty... para com Hal... para com Barry. Talvez fosse um erro ver o ex-marido de novo, mas ela não podia recusar-se. Esperava ter algo resolvido com Hal até a noite de segunda-feira.

Nos dois dias seguintes foi extremamente difícil para Karen esconder sua tensão de David e agir com naturalidade diante dele. O impulso de abraçá-lo a qualquer pretexto era quase impossível de resistir, e a noção de que o tempo corria era angustiante.

Hal não telefonou; veio pessoalmente. Veio apenas na terceira noite depois de sua chegada a Sídney.

A campainha da porta da frente tocou precisamente às oito horas, e Karen já sabia quem a estava apertando. De certa forma, era um alívio ter chegado afinal a hora da temida confrontação.

Karen sentia o coração acelerado quando foi abrir a porta.

Os olhos cinzentos que a avaliaram não tinham nenhuma suavidade, nenhuma simpatia. Ao contrário, eram frios e reservados e gelaram Karen analisando-a de alto a baixo. O impacto físico do homem foi maior do que ela havia antecipado. A força que emanava dele no leito de hospital fora apenas um pálido reflexo da que Karen tinha de enfrentar agora. O medo deu origem a um antagonismo instintivo, e ela decidiu que não permitiria que esse homem lhe tomasse nada que lhe fosse caro.

Seu próprio olhar endureceu quando ela interrompeu o incômodo silêncio:

— Não quer entrar?

— Obrigado.

— David está dormindo — disse ela com certa dose de satisfação, quando Hal entrou.

— Já esperava que ele estivesse dormindo a esta hora. Mas gostaria de vê-lo antes de conversarmos. — A frase de Hal era mais uma exigência do que um pedido.

Karen sabia que não ganharia nada objetando.

— Então venha comigo — convidou friamente e conduziu-o ao quarto de David.

Acendeu um pequeno abajur na mesinha-da-cabeceira, que espalhou uma luz fraca sobre a criança adormecida, e se afastou para um lado.

Hal fitou o filho sem nenhum abrandamento perceptível em suas feições, mas pareceu haver uma certa ternura no contato de seus dedos com a pele suave da face de David. Ele então levantou os olhos e observou o quarto, detendo-se nos desenhos pendurados nas paredes; depois, nas cortinas estampadas com aviões. Também notou as prateleiras que guardavam os livros de histórias de David e pequenos ornamentos, o móvel com animais de plástico pendurado em cima da cama e os decalques de personagens de histórias de fadas nas portas dos armários. Então olhou para Karen durante um longo momento antes de voltar a olhar o filho.

Foi Hal quem desligou a luz do abajur. Saiu rapidamente do quarto e esperou no corredor enquanto Karen fechava suavemente a porta.

O coração de Karen batia descontrolado dentro do peito. Será que o quarto de David o deixara impressionado? Que julgamento Hal fizera dela, lá dentro? Os pensamentos daquele homem eram um enigma. Sem dizer nada, Karen o conduziu de volta à sala de estar.

— Sente-se, por favor. Aceita uma bebida, um café?

— Não, obrigado. — O olhar de Hal desceu para a mão dela, que alisava discretamente a saia amarrotada. — Mas se você quiser...

— Oh, não, eu só pensei...



Karen fez um gesto vago e então resolveu se sentar na poltrona mais próxima.

Hal sentou-se elegantemente na poltrona em frente à dela. Estava vestido de maneira semiformal, com uma calça de corte perfeito, um paletó esporte de *tweed*, camisa de seda e gravata. Karen se sentiu muito embaraçada por estar usando as mesmas roupas que usara o dia todo na escola maternal onde trabalhava. O suéter verde ainda tinha uma mancha de tinta e a saia bege estava muito amarrotada. Nem penteara os cabelos desde a manhã, e o batom que usara, então, a essa altura desaparecera. Sentia-se distintamente em desvantagem, mas era tarde demais para fazer qualquer coisa a respeito de sua aparência.

— Você não está surpresa em me ver — comentou Hal.

— Você disse que viria — retrucou ela.

— Eu quero David, Karen.

Seu estômago se contraiu com essa declaração calma e implacável, e, quando Hal continuou a falar, cada palavra teve o peso de uma declaração de guerra:

— Eu sou o pai dele. Estive consultando meus advogados nos últimos dois dias. Vou ficar com meu filho, de uma maneira ou de outra.

Karen sentiu o sangue se esvaír de seu rosto, mas reuniu toda a força de vontade para controlar a fraqueza que sentia. Não queria lutar com Hal. Isso não faria bem a ninguém, muito menos a David. Precisava convencê-lo de que uma atitude mais sensata seria melhor para todos.

— Não faça isso, Hal. Você não pode vencer. Eu sou a única mãe que ele conheceu. Sinto muito que tenha sido enganado, mas um erro não pode consertar outro, pode? Qualquer tipo de conflito entre nós seria prejudicial para David.

— Ele tem apenas três anos, é bastante novo para se ajustar... assim me dizem os psiquiatras.

— E os psiquiatras também dizem que é bom privá-lo de sua mãe? — replicou Karen, furiosa com a insensibilidade dele.

A resposta não se fez esperar:

— Você não teve nenhum escrúpulo em privá-lo do pai.

Karen ficou em silêncio por um momento e então sacudiu a cabeça, desesperada.

— Ele sempre foi meu filho. Eu o amo. Ele me ama. Não percebe isso?

Hal não parecia nada comovido.

— Karen, se quiser ter um filho, não há nada que a impeça. Você é divorciada. Escolha o homem que quiser. Assim como Kirsty me escolheu — acrescentou, amargamente.

Lágrimas surgiram nos olhos de Karen.

— Não há ninguém de quem eu goste, nunca houve ninguém depois de meu marido. David é tudo o que eu tenho...

— Karen fora espontânea, mas se sentiu ridícula por ter-se exposto a Hal, como se lhe devesse explicações, e além do mais tão íntimas.

Os olhos de Hal brilharam, como se algo tivesse lhe passado pela cabeça; alguma idéia indefinível e... perigosa.

— É mesmo?! — questionou num tom enganosamente suave.

Ele não tinha se abrandado. Karen percebeu a mudança, mas Hal não havia se abrandado.

— David tem sido a coisa mais importante em minha vida, desde que o recebi de Kirsty — afirmou ela, e era verdade.

Hal não comentou nada. Os olhos cinzentos pareciam estar avaliando-a de novo, mas era uma reavaliação dura e estranhamente desconcertante. Karen procurou eliminar a aspereza da voz. Brigar com Hal só serviria para deixá-lo ainda mais amargo. Precisava romper o impasse a que haviam chegado.

— Por favor... Será que não podemos procurar uma solução pacífica? Quero ser justa com você. Será que não pode ser justo comigo?

Hal não estava disposto a ser pacífico. Ao contrário, veio para lutar.

— E o que considera justo, Karen? Sei que você e David têm de vez em quando passado um domingo com meu pai nos últimos dois meses. Acha que um domingo ocasional também será o bastante para mim?



— Não. Eu havia pensado em todos os domingos, para começar. Até que David se acostumasse com você. E então... — Ela respirou fundo e continuou, esperando que Hal concordasse com seus termos: — Então todos os sábados, além dos domingos. Você acha isso razoável?

Hal parecia surpreso. Só houve uma mudança mínima na expressão do rosto dele, mas o brilho de escárnio havia desaparecido de seus olhos.

— É uma oferta generosa... Pelo menos é mais do que eu esperava.

— Generosa?! Isso é como lhe dar metade de minha vida. Não percebe?

Karen lutava contra as lágrimas. Não podia fraquejar agora. Precisava ser forte. Tão forte quanto ele. Mas como era difícil... O que iria fazer durante os longos fins de semana em que David estivesse fora?

— Já que você não tem mais nenhum envolvimento em sua vida, talvez queira levar em consideração uma outra proposta.

Karen levantou os olhos, cautelosa. Hal a fitou intensamente e continuou:

— Não quero levar o caso aos tribunais. Não gostaria de ver uma situação tão íntima exposta aos olhos do público. Mas eu quero David. E não numa base temporária, Karen. Quero ele comigo assim como você ficou com ele nos últimos três anos.

Hal fez uma pausa, então disse com voz extremamente calma, como se estivesse fazendo a proposta mais natural do mundo:

— Você pode brigar... ou então pode se casar comigo. Pelo bem de David, acho que você deve escolher a segunda opção.

## CAPÍTULO V

Ao ouvir a proposta de Hal, Karen exclamou enfurecida:

— Você deve estar louco!

— Não estou louco, Karen. Apenas decidi que vou viver ao lado do meu filho. E estou lhe dando a chance de também ficar junto com ele.

Karen lembrou-se da maneira estranha como Hal a olhara antes... da avaliação dura e penetrante daquele olhar. Estaria ele pensando, então, que ela poderia tomar o lugar que Kirsty rejeitara, como esposa e mãe? Ou Hal estava apenas querendo se vingar? Karen estremeceu.

— Você pode decidir a sua vida, não a minha ou a de David. E além do mais... eu não sou Kirsty. Não posso tomar o lugar dela, Hal. Por favor, entenda que...

Hal deu uma risada impiedosa.

— Eu não gostaria que você tomasse o lugar de Kirsty, Karen. Você não seria capaz. Quero simplesmente ser o pai do meu filho... — disse, provocando-a. — Você deveria ser grata por eu lhe dar alguma opção, afinal.

Grata! Hal devia estar completamente maluco! Agia como se tivesse a faca e o queijo nas mãos, e era *ela* quem tinha todos os trunfos legais. Sentiu vontade de jogar-lhe isso na cara, mas queria evitar a hostilidade aberta a qualquer custo. Se por acaso se entrincheirassem, era David quem seria pego no fogo cruzado. Respirou fundo para se controlar e falou, confiante:

— Eu cedi bastante para ser justa com você, Hal, oferecendo mais acesso a David do que qualquer tribunal lhe concederia. Você não pode me tomar David. Também estive procurando orientação jurídica. Não há nenhum meio de um tribunal invalidar os papéis de adoção, nem mesmo se



— você conseguisse provar que foi ludibriado. Se não conseguisse ser razoável...

Hal sorriu, mas não havia nenhum humor no sorriso.

— Você recebeu uma má orientação, Karen. Não se trata da questão de Kirsty ter-me ludibriado ou não. O fato é que os papéis de adoção em si foram preparados de maneira fraudulenta, e qualquer tribunal poderá invalidá-los quando essa fraude for exposta.

Isso abalou-a, mas talvez fosse esse mesmo o propósito dele.

— Os papéis são perfeitamente legais. Foram verificados e...

Hal arqueou uma sobrancelha, zombeteiramente.

— Peça a seu advogado para dar uma outra olhada neles, Karen. Com uma atenção especial para o espaço onde está escrito PAI DA CRIANÇA. Lá está especificado "desconhecido". Kirsty teve de escrever isso para que o bebê pudesse ser adotado sem o meu conhecimento. Mas o pai da criança era conhecido, Karen. Mesmo que você se dispusesse a cometer perjúrio jurando que não sabia da identidade do pai, seria perda de tempo. Além das evidências médicas, tenho uma testemunha inatacável que dirá a verdade: seu ex-marido.

Barry! Barry testemunharia contra ela? Seria isso de tão importante que ele tinha para lhe dizer? Mas Hal acabara de chegar a Sídnei no dia em que Barry lhe telefonara. A dúvida a deixou aflita. Se era verdade o que Hal dizia, se os papéis de adoção fossem fraudulentos... e deviam ser, pois do contrário Hal não se portaria com tanta arrogância e confiança... então ela estava numa grande enrascada. Talvez perdesse David. Mas por que Barry daria tal testemunho condenatório? Hal não estaria blefando?

— Parece que você falou com Barry, não? — sondou, procurando esconder suas terríveis incertezas.

— Pessoalmente, não. Mas obtive uma declaração escrita dele. Meus advogados são muito eficientes.

Ele se divertia com seu triunfo, rejubilava-se com cada "ponto" ganho naquele jogo terrível. Karen o odiou mais

do que algum dia se julgara capaz de odiar alguém. Todo seu escrúpulo quanto a ser justa transformou-se em raiva.

— Você esteve apenas brincando comigo, não é mesmo? Desde o momento em que chegou aqui.

— Foi interessante ver até que ponto você iria...

Karen balançou a cabeça. Fora tola, estúpida e ingênua, tentando fazer a coisa certa. Então o encarou, demonstrando toda a intensidade de seu desprezo.

— Você é um prepotente miserável, Hal Chissolm! E ainda vai se arrepender por isso um dia!

— Então estou de acordo com a imagem que você sempre fez de mim durante todos esses anos, não é mesmo? — retrucou ele, continuando em tom mais suave: — Vamos, Karen, eu estou sendo muito razoável. Compreendo que você ame David e não queira perdê-lo. Para conservá-lo, tudo o que você tem de fazer é se casar comigo.

— Ora, eu não posso me casar com você! — explodiu ela, furiosa diante daquela ironia.

— Então não nos resta mais nada para conversar. — Hal se levantou, e os olhos cinzentos se tornaram ainda mais frios. — Vou mandar meus advogados começarem a entrar com o processo amanhã. Já que você acha a idéia de se casar comigo mais desagradável do que uma vida sem David, então só me resta esperá-la no tribunal, Karen.

Tendo lançado o desafio, Hal virou-se para sair. O medo se apossou do coração de Karen, e ela chegou à beira do pânico. Se perdesse David...

— Espere!

O grito angustiado de Karen o deteve. Hal se voltou lentamente e fitou-a. Karen levantou-se, apavorada.

— O que foi? — perguntou ele.

— Eu preciso de tempo... tempo para pensar...

— Certamente. Eu cederei um pouco para ser justo. A escolha talvez se torne mais fácil se você procurar receber uma orientação legal mais acurada. Eu lhe darei uma semana para você tomar uma decisão. Mas com uma condição...

— E qual é? — quis saber Karen, aturdida diante do absurdo da situação.

Hal sorriu e encostou-se indolentemente no batente da



porta, cruzando os braços como se todo o tempo do mundo estivesse a seu lado.

— Você e David deverão passar o fim de semana comigo na casa de meu pai, a fim de que possamos nos conhecer melhor.

Karen achava que não suportaria passar dois dias ao lado dele, quanto mais uma vida inteira. Surpreendeu-se contorcendo as mãos e parou imediatamente com esse gesto revelador, mas não conseguiu disfarçar o nervosismo.

— Por que está fazendo isso comigo? — perguntou com impotente desespero.

Ele contraiu os lábios no que se poderia chamar de um falso sorriso.

— Porque pretendo ter um lar. Não acha que um homem deve ter um lar um dia, Karen?

Ela já estava se exasperando com tanta obstinação. Não fazia nenhum sentido.

— Não sei o que está se passando com você, o que o está atormentando, mas lembre-se só de uma coisa: eu não sou Kirsty, Hal. Não posso e jamais poderei compensá-lo por algo que minha irmã...

Hal a interrompeu, com voz tranqüila:

— Sei muito bem que não é Kirsty. Ela morreu nos meus braços, você se lembra? É você quem eu quero a meu lado, Karen.

— Você é um louco! — sibilou ela.

— Sim... um louco, incapaz de qualquer sentimento; incapaz de fazer uma mulher se sentir... amada e segura. Não é assim, Karen?

Então era isso. Ele estava se vingando por aquilo que ela lhe dissera no hospital... palavras ditas num momento de desespero. Talvez tivesse exagerado, mas dissera o que sentia, o que achava que Hal merecia. E agora ele usava isso contra ela, de forma vingativa e irracional.

— É uma situação complicada — disse Karen, num tom desesperançado.

— De modo algum. É bastante simples.

Karen o estudou, procurando uma brecha por onde pu-

desse atacá-lo, mas não encontrou nenhuma. Ninguém no mundo compreenderia o que se passava no interior daquele homem.

— Eu sempre odiei você — disse ela num apelo inútil.

— Seu último casamento provavelmente foi embasado no amor, mas não deu certo. O ódio talvez seja uma base melhor para recomeçar a viver... As coisas não podem piorar; só podem melhorar.

O cinismo dele era uma acusação ácida a qualquer forma de amor.

— Você não pode esperar que... — Karen parou de falar, com medo até de mencionar a palavra amor a Hal. — Que tipo de "casamento" você tem em mente?

— Do tipo normal.

Ele desencostou-se do batente da porta e se aproximou de Karen. Cada passo indolente parecia carregar uma ameaça física para ela. Queria virar-se e desaparecer, mas sabia que não havia como fugir da situação. Não arredou pé, mas tremia quando Hal parou a sua frente.

— Você sempre quis ter filhos, não é mesmo? Queria tanto que até tomou o *meu* filho. E seria bom se David tivesse irmãos, não acha? Eu nunca faço nada pela metade, Karen. Trabalho no princípio do tudo ou nada. Posso ter sido enganado por Kirsty, mas não vou deixar que me enganem de novo. É tudo ou nada — repetiu Hal, suavemente, mas as palavras carregavam um propósito implacável.

Karen sentia-se fraca, totalmente impotente. Desde o começo, sabia que não seria fácil enfrentar Hal, mas jamais imaginara uma situação como essa. Ele a colocara num beco sem saída. Não podia compartilhar daquela loucura, tampouco podia ignorá-la. Teria de tentar... compreendê-lo.

— Isso não pode dar certo. Além de nos odiarmos mutuamente, não temos nada em comum. Não vê isso, Hal? Ele riu outra vez.

— Minha querida Karen, não é o ódio que vai nos unir, mas o amor. Nós dois amamos David; temos isto em comum. — E olhando ostensivamente para o relógio concluiu:



— Eu lhe dou cinco minutos para resolver sobre o fim de semana.

Por mais que detestasse a idéia, Karen sabia que precisava manter suas opções em aberto. E Owen estaria lá. A presença de Owen na certa asseguraria que o fim de semana fosse passado de maneira razoavelmente civilizada. E ganharia tempo com isso, o que era o mais importante. Teria tempo para ver Barry na segunda-feira à noite, antes que tivesse de tomar a decisão irrevogável.

— Está bem, eu irei.

— Ótimo! — Por um momento houve um brilho de satisfação naqueles olhos, mas logo desapareceu. — Mais uma coisa, Karen. Você deve estar a par de que David tem o direito de saber quem é o pai dele. Antes de vir apanhá-los amanhã à noite, eu insisto para que você lhe conte sobre mim.

— Amanhã à noite?

— Amanhã é sexta. Pode-se dizer que o fim de semana começa na noite de sexta-feira. Virei buscá-los às seis horas da tarde. Quero que você jante comigo e com meu pai, depois que pusermos David na cama.

Restava tão pouco tempo para colocar seus pensamentos e sentimentos em ordem! E para preparar o espírito de David!

— Pode dizer ao meu filho que tive de viajar e que fiquei detido por causa das guerras no estrangeiro, mas que agora voltei para ficar. — Os olhos de Hal refletiam uma acusação quando ele prosseguiu: — Não precisa lhe contar que a própria existência dele foi escondida de mim.

Karen sentiu as faces arderem de vergonha e culpa. Mas a culpa não fora sua. Será que ele não compreendia isso?

— Sinto muito, Hal, mas eu não tinha nenhum motivo para não acreditar no que Kirsty me contou.

— Mas tinha um motivo bom para acreditar nela — Hal ironizou. — Afinal... o que é que você diz a David quando ele pergunta pelo pai? Por acaso disse a ele que o pai... morreu? Ou meu filho pensa que o pai dele é Barry?

— Não! Barry nunca assumiu David como filho. Disse a ele que o pai estava viajando num país muito distante.

— Mas bem que gostaria de um dia poder dizer a David que eu morri, não gostaria?

Karen abaixou os olhos, cansada de lutar contra a pressão que Hal exercia sobre sua mente e emoções. Tudo o que queria no momento era que... que Hal Chissolm realmente tivesse morrido naquela explosão. Só assim ela não estaria passando por esse pesadelo terrível. Então viu a mão dele se erguer, e se encolheu quando Hal tentou levantar-lhe o queixo. Fixou os olhos nele voluntariamente e fitou-o com medo.

Hal estava prestes a falar quando seu rosto se tornou rígido. O olhar dele parecia estar atento à base de sua garganta. Hal estendeu a mão que havia erguido e segurou a corrente que Karen usava, uma cópia exata daquela que sua irmã sempre trazia no pescoço. Todos os nervos do corpo de Karen ficaram tensos em protesto, mas não conseguia se mover. Hal fitou o pequeno coala de jade durante um longo tempo, e Karen ficou completamente quieta, observando-o. Quando Hal finalmente levantou o olhar, seus olhos tinham um brilho selvagem e perigoso.

— Bem, um coala é bem diferente de qualquer pássaro, não é mesmo?

O coração de Karen disparou quando Hal se aproximou ainda mais. Teve ímpetos de gritar ao sentir que as mãos fortes deslizavam para suas costas, puxando-a num abraço. Pretendia protestar. Disse a si mesma que aquilo não podia acontecer; aquele homem transtornado e autoritário não devia tocá-la. Mas o protesto ficou estrangulado em sua garganta quando Hal começou a acariciar-lhe a nuca.

— Pare! — reclamou, mas a voz não era mais que um sussurro. Os lábios de Hal se aproximaram cada vez mais. Seria possível que ele não percebia que ela não era Kirsty?

Mas Hal se apoderou dos lábios dela com ânsia e pressionou o corpo delicado contra o seu, despertando em Karen sensações que ela não conseguia evitar nem reprimir. Fazia tanto tempo que não se sentia assim, que não era beijada desse jeito... Quase se esquecera de quem ele era. E de quem era *ela*.



O horror quanto a sua própria vulnerabilidade impeliu-a a empurrá-lo pelos ombros. Jogou a cabeça para trás e colocou alguma distância entre ambos, com seus olhos acusando-o de coisas indizíveis. Mas, ao mesmo tempo, acusava a si mesma por ter-se deixado levar. Como podia sentir-se atraída por um homem que desejara ver morto momentos antes? Além do mais, ele tinha sido o amante de sua irmã!

— Eu não sou Kirsty! — Karen exclamou, arquejante.

Hal sorriu enquanto acariciava suavemente suas faces afogueadas.

— Não, não é. Você é surpreendentemente diferente, Karen.

Toda a frustração, angústia e raiva que vinham se acumulando dentro dela explodiram naquele momento.

— Você é... a mais desprezível e revoltante imitação de um ser humano que eu já tive o desprazer de encontrar, Hal Chissolm!

— É... Acho que você está aprimorando sua opinião a meu respeito — ele respondeu, cínico. — Mas, apesar de tudo, ainda vai acabar se casando comigo!

— Quero que você vá embora, agora — disse ela, com voz determinada.

— Claro! Você precisa fazer as malas para o fim de semana. Não se esqueça.

— Certo, você tem o poder, sr. Chissolm. Não precisa me lembrar disso o tempo todo.

Hal soltou-a, e Karen andou rapidamente até a porta. Ele seguiu-a sem dizer mais nada. Então parou a seu lado, obrigando-a a levantar os olhos.

— Não se iluda, Karen. Estou com todos os trunfos. Amanhã às seis. E muito cuidado com David. Meu filho será mais feliz se nos dermos bem, não concorda comigo?

— Concordo... — Karen concedeu, ressentida do poder que Hal exercia sobre ela.

Karen virou-se para se afastar, sentindo-se desesperada e impotente.

O Rolls-Royce de Owen Chissolm estava estacionado jun-

to ao meio-fio. O chofer saiu do carro e abriu a porta para Hal. Riqueza e poder, pensou ela, desesperada, quando o carro partiu. Por que Kirsty fizera aquilo? Por quê?



## CAPÍTULO VI

Era impossível para David conter a empolgação. Tão logo chegou à escola maternal, o menino saiu alardeando aos quatro ventos que o pai dele ia voltar para casa. Essa noite! E ele e a mãe iam passar o fim de semana inteiro com o pai.

Karen teve de enfrentar algumas perguntas muito embaraçosas e desagradáveis. As mulheres que trabalhavam na escola sabiam que ela era divorciada e ficaram curiosas. Uma reconciliação era a suposição comum, o que lembrou a Karen de que precisava conversar urgentemente com Barry. Estava ansiosa para que a noite de segunda-feira chegasse logo, não por causa de uma possível reconciliação, mas porque precisava esclarecer sua posição legal com relação a David de uma vez por todas.

Nunca contara a ninguém que David era seu filho adotivo, e os relacionamentos envolvendo Kirsty, Hal e ela mesma eram complexos demais para serem comentados na sala dos professores. Esquivou-se das perguntas dizendo simplesmente que o pai de David havia estado no exterior durante alguns anos, e que agora iam passar o fim de semana juntos procurando decidir sobre o que seria melhor para o futuro de David. Seu pedido para uma licença na segunda-feira foi concedido com um sorriso de compreensão.

Karen saiu por algum tempo da escola para ligar para seu advogado de um telefone público numa esquina próxima. Longe de querer estar com o pai de David, precisava de tempo para verificar se tinha qualquer chance de lutar com ele e vencer. Procurando falar calmamente, relatou ao advogado as alegações de Hal; pediu-lhe para verificar de novo sua posição legal e marcou hora para visitá-lo na segunda-feira. A preocupação que o advogado demonstrou quanto às novas complicações só fez aumentar seus temores.

Se os advogados de Hal conseguissem anular os papéis de adoção, teria de lutar num caso de custódia direta... ou se casar com Hal Chissolm. Mas como isso seria possível, se tudo dentro dela rejeitava essa idéia? Por outro lado, a possibilidade de perder David era ainda pior.

Durante o resto do dia, Karen se ressentiu lembrando-se de tudo o que Hal a fizera engolir; todas as atitudes absurdas que ele tomara, e as que ainda tomaria. Ele devia estar doente. Talvez doente de mágoa, talvez tivesse o coração dilacerado por alguma razão que Karen não sabia. Mas por que a escolhera para desforrar suas frustrações? Aquilo precisava ter um fim.

Foi difícil suportar o entusiasmo de David enquanto o vestia para esperar a chegada do pai. Perguntou-se com descrença se Hal estaria à altura das expectativas do garoto. Pelo menos ele não poderia criticá-la quanto à maneira como dera a notícia a David. A expressão do menino ao olhar a toda hora pela janela de seu quarto era uma prova de que fizera justiça a Hal.

Nervosa, Karen começou a se vestir rapidamente. O orgulho mandava que também cuidasse com esmero da aparência. Precisava de todos os incentivos possíveis para aumentar sua autoconfiança numa situação que pressentia estar além de seu controle. Em seu nervosismo, escolheu automaticamente seu melhor vestido, mas desistiu, com desgosto, ao se lembrar de que ele era verde... a cor predileta de Kirsty. Não que pudesse fazer muita coisa para impedir isso, pensou aflita.

Quando finalmente acabou de se aprontar, olhou seu reflexo no espelho com triste satisfação. Seus cabelos castanhos, limpos e secos, estavam brilhantes e caíam sobre os ombros de maneira natural. Um toque de sombra esverdeada e um delineador sutil realçaram os grandes olhos castanhos, e seus lábios estavam pintados com perfeição. O vestido amarelo-claro de lã ajustava-se bem ao corpo esbelto, dando uma ênfase suave às curvas muito femininas.

— Mamãe, acho que é ele!

O grito entusiasmado de David alertou-a para a chegada



de Hal. O garoto entrou correndo no quarto, com o rostinho iluminado em alegre antecipação.

— Meu pai veio no carro de Pop. Posso ir me encontrar com ele, mamãe? Posso?

— Está bem, pode.

David partiu como um foguete. Karen fechou rapidamente o zíper da mala e levou-a para o hall de entrada, onde a mala de David já havia sido colocada. A porta da frente ficara aberta.

David de repente parou na metade do caminho do jardim ao ver o homem alto que estava para abrir o portão.

Hal sorriu e o coração de Karen bateu descompassado. A boa aparência dele se acentuava ainda mais com aquele sorriso cordial. Karen chegou a desejar que Hal também lhe sorrisse daquele jeito.

— Papai! — A voz aguda de David teve uma oscilação ofegante de incerteza.

Hal abriu o portão de vez e agachou-se até o nível do filho, com os braços estendidos num convite.

— Sim, David, eu sou seu pai, e estou muito, muito feliz por estar finalmente com você.

David adiantou-se timidamente e, então, com uma corrida, atirou os braços em volta do pescoço de Hal. Num movimento rápido, Hal levantou-o e abraçou-o.

Karen lutou para reprimir as lágrimas. Tentara ser tudo para David, dando-lhe todo o amor e atenção que podia, mas só naquele momento via claramente como o garoto desejava ter um pai! O rosto de Hal iluminara-se com a mesma felicidade que brilhava no de David.

Hal não era mais o mesmo homem frio e insensível que falara com ela na noite anterior. Não para David. Mas, ao mesmo tempo que reconhecia esses fatos, Karen não podia evitar uma grande sensação de perda. Já era bastante ruim ver o amor de David dirigido a Hal, contudo a idéia de perdê-lo para sempre era insuportável.

Foi preciso recorrer a toda sua força de vontade para esconder sua dor de David quando Hal se aproximou com o filho nos braços, rindo enquanto respondia às perguntas que a curiosidade vívida de David formulava. O chofer de

Owen Chissolm seguiu-o, e Hal fez-lhe um sinal para que pegasse as malas.

Karen agradeceu ao chofer e trancou a porta depois que ele saiu. Só então enfrentou aqueles olhos cinzentos que a haviam feito gelar na noite anterior. O sorriso ainda estava no rosto de Hal, mas havia mais do que felicidade em seu olhar. Havia triunfo.

— Papai e eu viemos buscar você, mamãe! — exultou David, e o brilho de triunfo dos olhos de Hal parecia estar refletido nos dele.

Hal passou o peso de David para um só braço e, antes que Karen se apercesse do que ele pretendia, pôs o outro braço em volta de seus ombros.

— Você não pode ficar aqui parada, Karen. David e eu queremos você conosco, não é mesmo, filho?

David riu concordando, e o corpo de Karen ficou teso em sinal de protesto. Hal estava indo longe demais. Entretanto, aquele contato mexia com ela, e muito.

— Relaxe! Estamos todos juntos agora — disse Hal de maneira sugestiva ao conduzi-la até o carro.

Mas Karen não conseguia relaxar. Também não conseguia ignorar o calor daquele corpo que roçava no seu e a poderosa masculinidade de Hal. Não queria admitir, mas, misturada à raiva que sentia por estar sendo conduzida por ele, existia uma sensação de prazer.

Karen sentiu um alívio enorme quando Hal a ajudou a sentar-se no banco de trás do carro. E um alívio ainda maior quando David foi colocado entre eles para seguirem viagem até a casa dos Chissolm. Mas, embora houvesse uma separação física entre ambos, durante o trajeto até a mansão Chissolm, em Turrumurra, existia também uma ligação de fundo emocional.

Quando David não a incluía na conversa, Hal o fazia, e, durante todo o tempo, os olhos de Hal pareciam lhe dizer que era assim que viveriam, se um dia viessem a se casar.

Com um grande peso no coração, Karen compreendeu que cometera um engano terrível aceitando aquele fim de semana na casa dos Chissolm. Pensara em ganhar tempo,



mas Hal estava usando esse tempo a favor dele, formando um laço de união com o filho.

Não duvidava que esse amor que Hal demonstrava pelo garoto fosse autêntico, e David se regalava com ele. Mas tudo se tornava agora mais complicado, e uma disputa na justiça implicaria um maior sofrimento para David, que começava a se afeiçoar ao pai.

Ao entrarem nos jardins da mansão, sentiu-se ainda mais deprimida. A bela casa ficava no meio de um lindo jardim com uma quadra de tênis e uma piscina, além de relvados e canteiros bem cuidados. Hal podia dar a David tudo no sentido material; muito mais do que ela poderia lhe proporcionar. Num julgamento, um juiz levaria isso em consideração.

A porta da frente foi aberta por um mordomo mesmo antes que saíssem do carro. Karen reparara em visitas anteriores que todos os criados de Owen pareciam ter sido treinados para servir com tranqüila eficiência. Segurou a mão de David, pois temia que, se o garoto se afastasse, Hal poderia querer carregá-lo no colo e abraçá-la novamente.

— Por que não corre na frente e vai dizer olá para Pop, filho? — Hal sugeriu alegremente. — Mamãe e eu iremos atrás de você.

David partiu em disparada, ansioso por contar a Pop sobre seu pai, deixando Karen com Hal: o homem que detinha todos os trunfos e que jogava com eles com assustadora perícia. Ela o olhou apreensiva, perguntando-se o que significava esse lance. Para sua surpresa, a expressão de Hal era cordial.

— Queria lhe agradecer pelo modo como deve ter dito tudo a David. Ele está feliz, e isso significa para mim muito mais do que você possa imaginar.

Karen foi invadida por um fiozinho de esperança.

— Estou tentando ser justa, Hal. Nós não poderíamos chegar a um acordo?

O rosto dele endureceu instantaneamente.

— Minha proposta continua a mesma, Karen.

— Mas por quê? Você não pode querer realmente se ca-

sar comigo, e eu também não quero. David não seria feliz se você...

A expressão selvagem daqueles olhos silenciou-a antes que terminasse de falar.

— Tentei ser justo com sua irmã, Karen... Mais do que isso... tentei ser o melhor para ela; às vezes até me sacrificando. No entanto, o que Kirsty fez? Entregou meu filho para você! Acha isso justo ou mesmo uma atitude racional? Não fui eu quem começou essa loucura, Karen, mas agora estou enredado nela até o pescoço! Quero meu filho e, se você o quiser também, vai ter de continuar nesta história. No momento, *sou eu* quem determina as regras!

Ele segurou-a pelo braço e conduziu-a pelos degraus que levavam à porta da frente. Karen sentia-se aturdida demais para protestar. O que quisera dizer com isso?... Que se sacrificara por Kirsty? Não fazia nenhum sentido! Mas ele não lhe dera tempo para questionar. Apressou-a para dentro de uma elegante sala de estar, onde Owen escutava as novidades de David com indulgência.

— Bem, aí está seu pai! — declarou ele, adiantando-se para cumprimentar Karen, tomando-lhe as mãos. — Você está encantadora esta noite! Estou muito feliz por ter aceitado o convite de Hal, Karen. Quero que você passe um fim de semana muito feliz conosco, e se houver alguma coisa que eu possa fazer para tornar sua estada...

— Creio que eu é quem deveria estar dizendo essas palavras, pai — interrompeu Hal, sarcástico.

Owen olhou-o de maneira penetrante. Apesar do leve sorriso de Hal, havia uma fria reserva no olhar que ele dirigiu ao pai. Era evidente que, embora Hal tivesse voltado para casa, não havia nenhum entendimento mais íntimo entre pai e filho. Karen lembrou-se das palavras de Owen quando ele afirmara que Hal se lhe tornara inacessível.

— Quero que você saiba que será sempre bem-vinda a esta casa, Karen — concluiu Owen com firmeza.

— Obrigada, Owen.

As palavras tremeram-lhe nos lábios, mas ela estava abalada demais para continuar falando. Sabia que não podia esperar nenhuma ajuda de Owen, que nem valia a pena ten-



tar recorrer a ele. Era sem dúvida Hal quem tinha todo o controle da situação. O que quer que Owen soubesse intimamente sobre os planos do filho, se era que sabia realmente alguma coisa, não faria nada que pudesse afastar Hal ainda mais dele. Owen amava o filho. E Karen se viu totalmente só.

— Se nos der licença, pai, vou levar Karen e David lá em cima e lhes mostrar os seus quartos.

— Claro!

Karen, ainda abalada, foi conduzida ao quarto de David. Os móveis eram todos novos, pintados com um alegre amarelo-canário com frisos brancos. Os armários, gavetas, prateleiras e a escrivaninha eram conjugados numa bonita unidade que ocupava duas paredes. As cortinas e a colcha da cama tinham estampa com motivos da flora e da fauna australiana. Havia uma almofada enorme estampada com o personagem predileto de David na televisão: Zé Colméia. Estava no chão, perto da cama. Havia também brinquedos de todos os tipos, espalhados pelo quarto; inclusive lápis de cor, pincéis, tintas e livros para colorir, em cima da escrivaninha.

Hal fizera tudo aquilo em apenas um dia. Um dia! Provavelmente precisara apenas estalar os dedos, uma vez que tinha toda a fortuna dos Chissolm a sua disposição! Constrangida, Karen lembrou-se do exame meticuloso que ele fizera dela no quarto de David, na noite anterior. Ela teria de economizar e juntar dinheiro durante anos para comprar tudo aquilo que Hal lhe proporcionara em apenas um dia. Como poderia esperar competir com ele?

David, que os acompanhava, ficou com os olhos arregalados de perplexidade por alguns momentos; então explodiu de alegria. Correu para um lado e para o outro, tocando e experimentando os brinquedos; encantado por ter um pai para brincar com ele.

Quando mexeu num robô mecânico, não conseguiu acioná-lo.

Hal então agachou-se e lhe mostrou como funcionava. David ficou fascinado. Hal sorriu para Karen. Um sorriso

totalmente sem reserva convidando-a a compartilhar daquele momento. Ela não conseguiu retribuir o sorriso.

O sorriso de Hal havia desaparecido dos lábios quando ele se levantou.

— Há alguma coisa errada, Karen?

— Não se pode comprar amor, Hal — respondeu Karen, secamente. Sabia que no fundo não estava sendo justa, mas não podia evitar a raiva e o medo de estar perdendo David.

— Não foi essa a minha intenção. Você teve o prazer de dar presentes a David em três aniversários e três Natais, sem falar no próprio nascimento dele. Digamos apenas que eu quero compensar as oportunidades perdidas. Agora, se está tão incomodada por me ver gozar da companhia do meu filho, não precisa ficar aqui. Pode encontrar outra coisa para fazer e... nos deixar em paz.

Uma raiva profunda avolumou-se dentro de Karen. Não ia permitir que Hal lhe tomasse David... Nunca! Nesse momento David aproximou-se correndo e agarrou-a pela mão.

— Venha ver, mamãe! Tem um montão de carrinhos em miniatura!

Karen lançou um olhar triunfante a Hal antes de acompanhar o filho, mas a única resposta que recebeu foi uma risadinha que lhe provocou um arrepio incômodo. Ela ficou no quarto. Sentou-se no almofadão e Hal esparramou-se no chão a seu lado, e juntos deram a David a imagem de pais que viviam de comum acordo, olhando complacentemente o filho brincar um pouco antes de ir se deitar. Apesar de tudo não passar de uma farsa, os dois desempenharam perfeitamente seus papéis.

Karen sentiu um alívio imenso quando finalmente pôde declarar que já era hora de David ir para a cama. O garoto protestou, mas Hal a apoiou. Ele carregou o filho para o banheiro anexo, então ficou parado brincando com David enquanto Karen vestia-lhe o pijama e o punha na cama.

Karen deu um beijo de boa noite em David, e ele olhou para Hal, na expectativa. A suave mistura de amor e prazer no rosto de Hal quando se inclinou para beijar o filho deixou Karen comovida. Mas David também era seu filho, disse a si mesma, na defensiva.



Os anos de amor que lhe dedicara lhe davam mais direito que a ele.

— Obrigado pelos brinquedos, papai — murmurou David ao se abraçar ao travesseiro.

— Não há de quê, filho. Vejo você amanhã.

— Boa noite — respondeu David, feliz da vida.

Hal apagou a luz e segurou a mão de Karen quando ela passou a sua frente. Segurou-a com firmeza enquanto fechava a porta, devagarinho.

— Largue-me! — protestou ela. — David não está vindo, agora!

— De mãe para megera sem um segundo de intervalo — comentou ele, com um sorriso irônico. — Ainda não lhe mostrei seu quarto, Karen. É logo ali, ao lado do de David.

Sentindo-se derrotada, Karen permitiu que Hal a conduzisse ao quarto. Seus olhos logo registraram a elegância feminina da suíte que lhe haviam reservado, mas aquele ambiente luxuoso nada significava para ela. Tudo aquilo parecia-lhe, na verdade, um longo e doloroso pesadelo. Karen lembrou-se das palavras de Hal que haviam despertado ainda mais as dúvidas dela sobre o que houvera realmente entre ele e Kirsty.

— Como pode dizer que se sacrificou por Kirsty? Minha irmã o acompanhava por toda parte; compartilhava da sua vida, do seu trabalho. Acho que ela acabou vivendo em função de você, das coisas que *you* queria da vida.

— Acha mesmo? — replicou ele, venenosamente. E, num impulso, bateu a porta do quarto e girou Karen para que ela o encarasse. — Eu lhe direi a verdade a respeito de Kirsty, Karen. Ela não compartilhava de nada... Tomava aquilo que desejava. No começo estive apaixonado por sua irmã, mas depois... acho que nunca consegui realmente amá-la; talvez por que ela mesma não suportaria isso. Será que você entende?

Uma expressão de dor cruzou o semblante de Hal. Baixando as mãos, afastou-se de Karen.

— Ela começou como minha sócia, e era muito boa em seu trabalho. Era a melhor... corajosa e destemida, mas com uma compaixão pelos outros que a deixava muito vul-

nerável. Ela me comovia como nenhuma outra mulher. Era quase a mulher que eu gostaria de ter a meu lado pelo resto da vida. Eu teria me casado com Kirsty, mas ela me recusou. Entretanto eu sabia que ela precisava muito de mim. E pensava que me amava...

— Kirsty amava você, Hal — interrompeu Karen, suavemente. — Talvez tivesse se recusado a casar com você porque sabia que não a amava.

Hal balançou a cabeça e encarou-a com um expressão de raiva.

— Como pode dizer isso, quando Kirsty fez o que fez! Eu fiquei com ela! Fiquei com ela porque sabia que, se não ficasse, sua irmã acabaria se metendo em perigos cada vez maiores, e estaria sozinha! Não entendia que demônios a impeliavam, mas posso lhe dizer uma coisa: depois que deu nosso filho para você... Kirsty vivia me suplicando para que aceitasse missões cada vez mais perigosas. Ela se tornou mais arrojada, assumindo riscos que não precisavam ser assumidos. Às vezes me deixava apavorado.

— Você não precisava ficar com Kirsty — ponderou Karen.

Hal olhou-a com uma expressão de cansaço.

— Não precisava, Karen? Pois deixe-me lhe dizer uma coisa. Não sou um homem afeito a aceitar chantagem emocional, mas sabia que Kirsty precisava de mim. De certa forma, sua irmã dependia de mim. Era uma mulher maravilhosamente auto-suficiente e livre em muitos sentidos, mas *precisava* de mim! Nunca consegui compreender bem isso, mas podia senti-lo, Karen. Ao mesmo tempo, parecia que Kirsty jamais se deixaria envolver totalmente por um homem. Seria sempre uma pessoa livre, acima de tudo, você compreende? Precisava de mim, me desejava, mas nunca aceitaria o meu amor, talvez com medo de que isso a sufocasse. Karen, você entende o que eu quero dizer? Ela significava muito para mim e, mesmo não a amando, eu não poderia deixá-la.

A imagem que Hal traçava de Kirsty comovia Karen quase até as lágrimas. Aquela incompreensível mulher, contraditória e maravilhosa... Aquela era sua irmã. Hal não



consequira compreendê-la. Só que Kirsty estava morta e Karen tinha de lutar agora por sua própria vida!

— Mas por que você quer me destruir, Hal?

Ela levantou a cabeça orgulhosamente, tentando disfarçar a tristeza.

— Destruir você, Karen? De modo algum! O que lhe ofereço é uma vida tranqüila, de luxo, ao lado do filho que ama. — Então aproximou-se e segurou-a com firmeza com um dos braços, enquanto afagava sua face e seus cabelos com a outra mão. Os olhos cinzentos tinham um brilho febril que mantinha Karen como que paralisada. — E os outros filhos que tivermos vão ter um pai e uma mãe por direito.

— Eu não... Eu não compreendo você. E não vou me casar com você.

— Vai, sim, Karen. Vai, sim...

E então Hal a beijou. Beijou-a com tal deliberação que deixou Karen se sentindo mais impotente do que nunca, porque queria retribuir aquele beijo. Desejava aquele beijo com todo ardor...

Hal a tinha agredido, confundido, e agora a deixava trêmula de desejo... Hal Chissolm, o homem que Kirsty amara, o pai de David. Karen teve medo de enlouquecer... Então afastou-se dele, num movimento brusco.

Em resposta, ele a deixou, pura e simplesmente. Com toda a arrogante despreocupação de um homem que sabia que tudo estava a seu favor.

Karen colocou os braços em volta do próprio corpo e, impotente e desesperançada, tentou lutar contra as amarras, as circunstâncias que pareciam estar prendendo-a a um homem a quem não amava e que certamente não a amava também.

## CAPÍTULO VII

Estava quase terminado. Dois dias e duas noites na mansão Chissolm haviam deixado Karen supernervosa. E, mesmo agora, não conseguia relaxar. Hal precisava ir embora.

David havia pedido ao pai que ficasse para colocá-lo na cama. Karen cedera ao apelo, assim como cedera durante todo o fim de semana, mas, com David finalmente acomodado para passar a noite, mal podia esperar que Hal saísse dali.

Ao acompanhá-lo silenciosamente até a porta, sentia-se extenuada.

Evitara ficar a sós com Hal desde aquele beijo da noite de sexta-feira. Diante de David, ou de Owen, Hal a tratava de maneira encantadora e com toda cortesia, mas houvera alguns momentos em que ficaram a sós e a máscara caíra.

Estavam a sós agora, e, ao segurar a porta aberta, Karen a usava como uma espécie de escudo entre ela e Hal.

Ele parou a seu lado, com um meio sorriso que dizia a Karen que aquela manobra não passara despercebida. Ela ficou tensa, determinada a repelir qualquer movimento que Hal por ventura fizesse em sua direção.

— Você tem até quinta-feira à noite, Karen. Você se casa comigo, ou perde David.

— Não percebe que ele precisa de nós dois? — perguntou ela, inflamada.

Mas não houve nenhum abrandamento nos olhos de Hal.

— Sim, percebo. E, como você vê, não existe nenhuma outra solução além do casamento, não é mesmo?

Ele saiu e Karen fechou a porta, mas não conseguiu afastá-lo da mente. Lutou contra isso, resistiu, mas havia uma inevitabilidade terrível que fazia suas tentativas parecerem inúteis.



A sensação de inevitabilidade cresceu, pesando ainda mais em seu coração, na segunda-feira de manhã, quando o advogado expôs o ponto de vista dele sobre o caso. O dr. Grimball era um homem gordo, calvo e com brilhantes olhos castanhos. Na última vez que Karen o visitara, ele se mostrara franco, amigável e tranquilizador. Os olhos dele brilhavam com bondosa indulgência. Agora esses olhos pareciam estranhos, inconstantes.

— Existem duas coisas piores que o testemunho de seu ex-marido, sra. Aylward. Bem... Os ex-maridos podem ter motivos para testemunhar contra suas ex-esposas.

— E quais são? — perguntou Karen, achando que o dr. Grimball estava fazendo muitos rodeios.

— Ah, sim! Bem, podem chamá-la ao banco das testemunhas, sra. Aylward. Eis a resposta a sua pergunta. Sua irmã lhe contou que Hal Chissolm era o pai de David? A senhora pode negar isso?

— Não.

O advogado projetou o lábio inferior para a frente e franziu as sobrancelhas. Então, com sugestiva deliberação, perguntou:

— A senhora negaria isso?

— Não.

O encolher de ombros dele foi bem eloquente.

— Não podemos ter o testemunho de sua irmã, pois ela está morta. Não sei se as pessoas mentem, ou não, quando estão morrendo, mas nenhum tribunal vai acreditar que Kirsty Balfour estava mentindo quando contou ao sr. Chissolm que ele era pai de David apenas pouco antes de morrer. Esses casos não são baseados numa dúvida razoável, mas no balanço das probabilidades. Mesmo com uma dúvida razoável, nós teríamos problemas. Neste caso...

— Então não há esperança — Karen concluiu por ele.

— Sempre há esperança, sra. Aylward, mas também temos de pensar nos reveses... Acho que devemos fazer tudo o que pudermos para esclarecer esta questão no tribunal. Devemos procurar conseguir tudo o que for possível, e quanto mais cedo melhor! Nada é totalmente previsível, e quanto a lei, e eu já ganhei causas ainda mais difíceis que essa.

Aquilo era muito pouco para Karen! Ela queria a certeza de que não perderia David, e, no entanto, o advogado lhe dava apenas alguma esperança. Poderia simplesmente perder se enfrentasse Hal num tribunal. Tinha quatro dias para se decidir sobre seu futuro: casamento ou uma batalha legal que colocaria David entre dois fogos, com ela como provável perdedora. Mas afinal todos perderiam, pensou com tristeza.

Karen suspirou pesadamente e se levantou.

— Obrigada, dr. Grimball. Eu lhe darei minha decisão muito em breve.

O advogado se levantou da cadeira e acompanhou-a à porta, murmurando lugares-comuns e advertências. Karen assentia com movimentos de cabeça, mas sua mente já estava longe dali.

“Será que para ter David comigo me verei obrigada a me casar com Hal?”

Os pensamentos de Karen se desviaram para o casamento que tivera com Barry, enquanto rumava para o supermercado mais próximo. E continuaram enquanto fazia compras. Ela se casara aos dezenove anos, antes mesmo de completar seus estudos para o magistério. Barry tinha na época vinte e cinco anos; era bonito, excitante e muito seguro de si. Pensara estar apaixonada e, então, decidiram se casar.

Barry era um homem muito prático e bastante competitivo, mas isso Karen só percebera melhor depois do casamento. Ele queria ser o melhor jogador de tênis entre seus companheiros; queria possuir o carro mais esportivo; queria ter a esposa mais bonita e inteligente etc. ... E o orgulho quanto a sua masculinidade ficara abalado quando Barry soube que não poderia gerar um filho. Por esse motivo, ele passou a sair com outras mulheres. Karen sentia-se magoada e desapontada, mas o relacionamento dos dois ainda teria tido alguma chance de continuar se ele tivesse aceitado David. Mas a recusa de Barry completara sua desilusão quanto ao casamento.

Agora, relembando o passado, Karen tinha vontade de desistir do encontro com o ex-marido. Pouco lhe importava que Barry tivesse algo de importante para lhe contar: não



queria reiniciar um relacionamento com ele de jeito nenhum. Se gostava realmente dela, Barry devia tê-la procurado antes de dar aquela declaração aos advogados de Hal. Barry devia saber o que isso significava para ela, e sabia certamente que ela não queria perder David. Karen não esperava que ele cometesse perjúrio, mas ele não precisava ter feito aquela declaração, e sem ao menos avisá-la! Ele não tinha nenhuma consideração pelos sentimentos dela!

Karen olhou para o pacote de macarrão que apanhara numa prateleira. Ali estava ela, comprando ingredientes para fazer um jantar para Barry, só que não sentia nenhuma vontade de agradá-lo.

Quando Karen foi pegar David na casa de uma vizinha, onde o garoto passara a manhã, teve de enfrentar as perguntas bem-humoradas da sra. Cohne. David lhe contara tudo sobre seu fim de semana com o pai.

Karen despediu-se da maneira mais educada possível, dando algumas respostas vagas antes de se afastar rapidamente com o filho. Mas não houve como escapar de David. Ele continuou a matraquear sobre o pai o resto do dia, não dando a Karen nenhuma chance para se esquecer de Hal. O alívio só veio quando ela conseguiu pô-lo na cama, e então só faltava meia hora para Barry chegar.

Sentia-se desanimada e tensa, e não estava com nenhuma disposição para receber a visita do ex-marido.

Barry chegou com uma garrafa de champanhe, como se a ocasião merecesse uma comemoração. Karen ficou mais tensa: não havia nenhum motivo para comemorar.

Conduziu-o à sala de estar, providenciou as taças necessárias e observou-o, sem nenhum entusiasmo. Barry mantinha a boa aparência, mas Karen não se sentia mais atraída por ele.

— Você parece muito bem, Karen — disse ele com fervor, ao entregar-lhe a taça de champanhe.

Sentindo-se um pouco culpada pela maneira fria com que estava recebendo o ex-marido, Karen obrigou-se a sorrir e falou:

— Você também parece muito bem, Barry. Conte-me o que tem feito nesses dois últimos anos.

E ele lhe contou... durante todo o jantar.

Estava tão entusiasmado com seus próprios feitos que nem se dava ao trabalho de perguntar sobre os dela. Karen o ouviu com paciência, mas havia só uma pergunta que desejava realmente fazer a Barry, e ela não conseguiu mais resistir:

— Por que assinou aquela declaração para os advogados de Hal Chissolm, Barry?

Ele franziu o cenho e pareceu pouco à vontade.

— Porque era a verdade, Karen. Nós dois sabemos disso.

Sim, só os dois sabiam disso, mas a falta de consideração de Barry por ela a irritava.

— Você não precisava mentir. Podia ter ficado calado. Será que não entende que estão tentando tomar David de mim?

— Karen... — murmurou ele, tomando-lhe a mão com um sorriso persuasivo. — Esqueça David por um momento. Quero falar sobre nós. Tenho boas notícias para lhe dar.

— Eu não posso esquecer David, Barry. Não ouviu o que eu disse? Vão tomá-lo de mim!

— Droga, Karen, o menino deve ficar com o pai natural, afinal! David já se colocou entre nós antes, destruindo nosso casamento. É melhor que ele se vá. Isso nos daria uma chance para recomeçarmos tudo da estaca zero.

Karen fitou-o com os olhos arregalados, pasmada demais para falar. Como amara um dia esse homem? Barry não passava de um egoísta, não pensava em ninguém além dele mesmo!

— Apenas ouça, Karen — insistiu Barry, baixando o volume da voz. — Eu agora posso ter filhos. Existe uma nova técnica de concentração espermica... Depois eu lhe explicarei com detalhes. Poderemos ter nossos próprios filhos, Karen. Nunca mais houve realmente alguém em minha vida, não houve mais ninguém que eu quisesse como esposa. Quero que nos casemos de novo; que tenhamos a vida que planejamos da primeira vez.

— E para isso você espera que eu renuncie a David — murmurou Karen, mal acreditando naquilo que estava ouvindo.



— Você não entende, Karen? Nós teremos nossos próprios filhos — repetiu ele, ansioso. — Foi o que sempre desejamos, sonhamos e planejamos, não foi? Sei que não devia ter abandonado você, mas o amor que sempre devotou a David me deixava com tanta inveja do que não podíamos ter que eu não pude mais suportar. Aquilo estava me destruindo... Por isso tive de partir. Você deve me perdoar por isso, Karen. Karen pensou por alguns instantes, depois falou de maneira calma:

— Não há o que perdoar, Barry. Também sou culpada da nossa separação. Eu não o amava o suficiente para entender o que lhe estava acontecendo. Fui egoísta. Tão egoísta quanto você.

Barry apertou-lhe a mão, aliviado.

— Você não foi egoísta, Karen. Deixe-me ficar com você, namorar você. Vamos nos divertir, recolher os fragmentos de nossas vidas; e então tudo vai ser melhor do que antes. E, quando estiver preparada, nos casaremos de novo.

— Fico muito feliz por você, Barry, por saber que agora pode ter filhos, mas não posso me casar de novo com você. Ele pareceu perplexo.

— Mas você disse que me perdoava...

Suspirando, ela o fitou melancólica.

— Não tem nada a ver com o passado, Barry. Eu simplesmente não posso compartilhar do seu futuro.

— E por que não?

Barry não entenderia; vivia imerso demais em si mesmo para entender. Karen deu uma resposta que não admitia contestação:

— Porque vou me casar com Hal Chissolm.

— Hal Chissolm! — O rosto dele passou por uma série de expressões que iam do assombro ao ressentimento. — Vai se casar com o amante de sua própria irmã?

Karen estremeceu, mesmo assim o enfrentou.

— Kirsty está morta, Barry.

— Você não pode amar esse homem! — Barry disse, quase gritando. — Hal Chissolm acabou de voltar para a Austrália. Por que quer se casar com ele?

— Isso é da minha conta, Barry.

Ele fitou-a furioso.

— Não tenho a menor dúvida de que é por dinheiro! Empurrando a cadeira para trás, Karen levantou-se com muita dignidade.

— Gostaria que você fosse embora agora, Barry. Não temos realmente mais nada para conversar. Desejo-lhe tudo de bom, mas não há nenhum sentido em nos vermos de novo.

Ele levantou-se, furioso.

— É por causa de David, não é? É por isso que vai se casar com Chissolm... para conservar seu precioso David! Você sacrificou nosso casamento pelo filho que Hal Chissolm não quis, e agora vai sacrificar o resto da sua vida. É loucura! Será que não percebe? Deixe o menino ir, Karen, pelo seu próprio bem!

— Não posso fazer isso, Barry. Sou a mãe dele. Agora, se me faz o favor...

— Kirsty era a mãe dele! — explodiu Barry. Então, fazendo um esforço imenso para se recompor, continuou: — Você está vendo tudo distorcido, Karen. Pensei que, tendo ficado sozinha durante anos, e visto como isso é difícil, se sentiria muito feliz em deixar David ir embora. Assinei aquela declaração porque era bom para nós dois. Hal Chissolm agora quer o menino, o que é até natural... Já é hora de você...

— Não diga mais nada, Barry. Apenas vá — ordenou Karen, friamente. — Eu não amo você. Não quero me casar com você. Portanto não há mais nenhum motivo para que continue aqui.

— Você está agindo como uma idiota, Karen! — vociferou Barry. Então precipitou-se para fora, batendo a porta ao sair.

Karen sentou-se de novo na cadeira. Com os cotovelos apoiados em cima da mesa, cobriu o rosto com as mãos. Era de fato uma idiota por pensar em se casar com Hal Chissolm. Provavelmente passaria por um verdadeiro inferno se de fato se casasse com ele, mas o que mais poderia fazer? Não queria uma vida sem David, nem uma vida em que ela o visse apenas por curtos períodos. Queria ficar com o garoto todos os dias, acompanhar seu crescimento. Queria uma vida inteira com seu filho. O filho de Kirsty. O filho de Hal.



Kirsty amara Hal; Karen também não compreendia a decisão ou os atos da irmã, mas tinha certeza de que Kirsty amara Hal. E, por baixo daquele manto de dor que o impelia a se vingar pelo que lhe fora feito, Hal era um homem generoso. E também seria um bom pai para David. Karen não podia mais duvidar disso depois de vê-lo com o filho durante o fim de semana. Talvez, se fizesse a vontade de Hal, pudesse conseguir-lhe a confiança e compreendê-lo melhor. Se o casamento não desse certo, poderiam se separar e falar sobre a custódia de David de forma mais racional.

Com esse pensamento na mente, Karen sentiu uma paz de espírito tão estranha que quase a entorpecia.

Levantou-se da mesa e foi até o telefone. Quando discou suas mãos estavam bastante firmes. Sua voz também estava firme quando pediu para falar com Hal. Quando ele atendeu, sentiu uma inesperada satisfação em ouvir sua voz.

— Karen? O que posso fazer por você?

Era uma voz dura, forte, sem nada do tom persuasivo de Barry. Entretanto a pergunta lhe agradou. “O que posso fazer por você?”

Karen respirou profundamente e falou:

— Eu decidi me casar com você, Hal.

Houve um momento breve de silêncio, então ele respondeu:

— Ótimo! Vou marcar uma hora no cartório para a tarde de sexta-feira.

Tanta determinação a assustou.

— Sexta-feira? Mas...

— Já tomei providências para tirar uma licença especial. Meu advogado irá procurá-la amanhã para que assine alguns documentos.

— Eu não estarei aqui amanhã, Hal... Preciso ir trabalhar.

— Falte ao serviço. Ou peça uma licença. Ou então se demita. Você não precisa mais trabalhar, Karen.

— Prefiro trabalhar, obrigada. E David vai para o trabalho comigo — ela disse com firmeza.

— Como você quiser — concedeu Hal, indiferente. — Você quer vender a casa ou alugá-la?

— Ainda não pensei nisso — respondeu Karen.

— Mandarei meu advogado procurá-la na escola mater-

nal. Ele é um bom sujeito. Diga-lhe o que pretende fazer com a casa. Depois lhe direi a que horas iremos ao cartório — concluiu Hal.

— Está bem. Obrigada.

— Boa noite, Karen.

— Boa noite.

A ligação foi interrompida e Karen desligou o telefone devagar. A sorte fora lançada. Iria se casar com Hal Chissolm na sexta-feira. Tudo estava acontecendo tão rapidamente... Mas talvez fosse melhor assim. O que importava agora era que não teria de disputar David. Portanto não correria, por enquanto, o risco de perdê-lo para sempre.



## CAPÍTULO VIII

Havia tanta coisa para fazer que Karen achara relativamente fácil não pensar no que resultaria seu casamento com Hal. Ela simplesmente bloqueara esse pensamento, mantendo-se numa atividade constante durante o dia até cair exausta na cama, à noite, quando o sono era quase imediato. Até que, na manhã de sexta-feira, toda a limpeza de casa estava feita e as malas prontas, e não restava mais nada a fazer, exceto... pensar.

Um casamento normal, dissera Hal... O que significava que ele pretendia que dormissem juntos. Sua mente procurava se esquivar desse pensamento, mas ele não podia ser banido. O único homem com quem Karen fizera amor fora Barry. Seria muito diferente com Hal? Poderia ela enfrenar tal intimidade física quando não havia o menor vestígio de amor? E se Hal pretendesse tomá-la em seus braços com a mesma prepotência com que a forçara àquele casamento? E se, além de tudo, ele estivesse querendo apenas lembrar Kirsty?

Por algum motivo, foi esta última pergunta que mais abalou Karen. Fisicamente, ela era uma cópia de Kirsty e não podia esquecer que Hal e sua irmã tinham vivido juntos durante seis anos. Karen nunca desejara não ser gêmea idêntica de Kirsty, mas o desejava agora, desesperadamente.

Não estava com vontade nenhuma de enfrentar Owen quando ele chegou para apanhar David. Hal havia providenciado para que David passasse o dia com o avô. Karen não via Owen desde o fim de semana anterior, de modo que não fazia a menor idéia de como ele encarava esse casamento apressado, nem queria conversar com ele sobre isso agora. Precisava seguir em frente!

Recebeu-o à porta e evitou aqueles perspicazes olhos azuis quando Owen a cumprimentou, abaixando-se rapidamente para dar um último abraço em David antes de ele partir.

— Comporte-se bem com Pop, ouviu? — Karen recomendou roucamente, lutando para reprimir uma onda súbita de lágrimas.

— Pode ir para o carro, David. Harper está lá esperando por você. Quero apenas ter uma conversinha com sua mãe — disse Owen, com firmeza.

— Certo, Pop! — respondeu David e saiu correndo, entusiasmado, antes mesmo de Karen se endireitar. Ela viu o filho se afastar com lágrimas nos olhos. David estava tão feliz!, pensou, e então levantou o olhar relutantemente para Owen.

A expressão dele era dura e fria.

— Gostei de você desde a primeira vez que nos encontramos, Karen. Mas quase não acreditei em Hal quando ele me contou o que vocês iam fazer. Sei o que sentia pelo meu filho, e não creio que esses sentimentos pudessem mudar tão radicalmente em tão curto espaço de tempo. Qualquer que seja a razão de vocês estarem fazendo esse casamento, ele não está certo, e receio que vocês dois venham a se arrepender.

Owen não sabia a verdade e a estava julgando mal. Não fora ela quem inventara aquele casamento! Hal é quem engendrara tudo! Ferida com a injustiça do julgamento de Owen, Karen já ia lhe explicar o que estava acontecendo quando David a chamou, acenando-lhe alegremente com um aeromodelo na mão. Esse momento de distração fez com que Karen pensasse melhor e voltasse atrás.

Os olhos de Owen refletiam uma tristeza amarga diante do silêncio de Karen. Esse casamento não estava fazendo ninguém feliz... exceto David, ela pensou.

— Eu estou fazendo o que acho necessário, Owen — ela disse apenas, baixinho.

Owen balançou a cabeça em sinal de desaprovação e saiu andando na direção do carro. Karen pendeu a cabeça quan-



do o veículo se afastou. Doía-lhe o fato de o bom conceito de Owen sobre ela ter ficado abalado.

O carregador chegou logo depois, e Karen mostrou-lhe as caixas com objetos pessoais que deviam ser levados. Embora os cômodos ainda estivessem mobiliados, pareciam despidos e despersonalizados quando Karen percorreu a casa, verificando se não deixara nada importante para trás. Tinha a sensação de que toda sua vida desmoronara e que nada voltaria a ser como antes.

Quisesse ou não, era o dia de seu casamento, mesmo que a cerimônia fosse uma farsa. Tomou um banho e se dispôs a fazer uma toalete demorada e completa. Escovou os cabelos até eles ficarem fofos e lustrosos; pintou as unhas com um esmalte de cor suave e aplicou a maquilagem com meticoloso cuidado. O conjunto creme de lã e a blusa coral de seda era o traje mais caro que já comprara havia anos, mas estava novo. Queria se apresentar a Hal de cabeça erguida.

O carro alugado veio buscá-la na hora combinada. O motorista pegou a maleta dela: única bagagem que restava para ser levada.

Karen ainda não sabia o que Hal pretendia fazer após o casamento, exceto que eles iriam apanhar David. Não recebera nenhuma comunicação pessoal de Hal desde a noite de segunda-feira; tudo fora organizado por intermédio do advogado dele.

Karen trancou a porta da frente da casa, olhou-a pela última vez e seguiu o motorista até o carro. Cada passo exigia dela mais coragem e determinação.

Hal esperava por ela do lado de fora do cartório. Seu ter-no escuro com listras finas parecia estar de acordo com a formalidade da ocasião. Não houve nenhum sorriso cordial de boas-vindas da parte dele, que estava sisudo e determinado ao ajudar Karen a sair do carro.

Quando o motorista lhe entregou a maleta, ele lhe deu algumas instruções e então se afastou com Karen, conduzindo-a para dentro do edifício.

Karen sentia um vazio imenso dentro de si. Mal ouvia as palavras da cerimônia, mas todo seu ser estava consciente

do homem de pé a seu lado. Quando terminaram de assinar os papéis nos quais firmavam aquela estranha união, Hal a beijou. Um beijo leve, um simples roçar de lábios, mas que fez o coração de Karen bater num ritmo acelerado.

— Até que a morte nos separe — murmurou ele, com um brilho zombeteiro nos olhos.

A menção à morte provocou um arrepio em Karen, e ela não pôde deixar de se perguntar se Hal não estava pensando em sua irmã: a mulher que se recusara a casar com ele.

Ao saírem do cartório, Hal a conduziu até onde se encontrava um Porsche verde que parecia novo.

— Seu presente de casamento — anunciou ele, secamente. — Quer dirigi-lo?

— Meu... — Karen balançou a cabeça, estupefata. — Você está me dando um carro de presente?

— Vai precisar dele, uma vez que insiste em levar David ao trabalho com você. Venha, eu lhe ensino como dirigi-lo.

Embora Hal obviamente tivesse comprado o carro mais para David que para ela, o presente animou-a um pouco.

A concentração exigida para seguir as instruções de Hal ajudou-a a relaxar no trajeto até Turrumurra. Mas ao chegar à casa do Owen Chissolm sentiu a tensão voltar quando não conseguiu soltar o cinto de segurança.

A mão de Hal se fechou sobre a dela.

— Deixe o cinto afivelado. Eu vou buscar David.

Karen o olhou apreensiva.

— Para onde vamos? — quis saber.

Um leve sorriso curvou os lábios dele.

— Para o nosso novo lar. Para onde mais poderia ser?

Um novo lar... E Karen que havia pensado que iriam morar ali em Turrumurra...

Em questão de minutos Hal voltava com David, que estava entusiasmadíssimo, impressionado com o novo carro, com a idéia de ir para uma nova casa e, acima de tudo, exultante por poder morar com seu pai e sua mãe ao mesmo tempo.

Durante o trajeto, a não ser para dar algumas instruções a Karen, Hal concentrou toda a atenção no filho.



“Hal conseguiu o que queria”, Karen pensou, desanimada, sentindo-se apreensiva demais. Qual seria a vida que iria levar dali para a frente?

Hal finalmente indicou uma entrada para carros que levava a uma casa de proporções impressionantes. Não era uma mansão como a residência de Owen, mas, quando Hal a conduziu através das portas duplas de entrada, Karen soube que nunca havia visto uma casa mais luxuosa. Grandes áreas envidraçadas proporcionavam uma vista privilegiada de uma flotilha de barcos a vela que cruzavam as águas de Pittwater. Os carpetes eram espessos, as salas enormes e os móveis da melhor qualidade. Karen gostou particularmente da ensolarada sala do café da manhã e da sala de televisão.

— Não vamos ter de nos preocupar com a limpeza da casa — Hal comentou casualmente. — Há um casal, o sr. e a sra. Hanley, que moram num apartamento no piso inferior. Ele é jardineiro e faz serviços gerais, e ela mantém a casa em ordem. Você vai conhecê-los na segunda-feira.

Karen assentiu movimentando a cabeça, oprimida demais para falar. Supunha que se acostumaria com aquilo tudo com o tempo. David estava no sétimo céu, correndo pela casa, descobrindo todas as novidades.

Hal conduziu-os ao andar superior e mostrou a David seu novo quarto. Este era uma verdadeira réplica do quarto que havia na casa de Owen, e todos os brinquedos que Hall comprara estavam ali para o prazer de David.

— Puxa, papai, é lindo! Mais bonito que a casa de Pop!

— Que bom que gostou, filho... Escute, sua mãe e eu vamos vestir roupas mais cômodas — explicou Hal, com naturalidade. — Você fica brincando aqui?

David tinha acabado de esparramar peças de um brinquedo de armar no chão.

— Vou construir uma estação espacial, papai!

Hal riu, feliz.

— Faça isso, filho. Eu virei vê-la daqui a pouco.

David já estava ocupado demais para responder, e Hal conduziu Karen pelo corredor até o outro quarto. Era obviamente o dormitório principal da casa, e o olhar dela evi-

tou a enorme cama de casal, ao centro. Sua bagagem estava empilhada perto de uma passagem aberta que dava para o quarto de vestir. O carpete era limão-pálido e os móveis, em sua maior parte, dourados e brancos.

Nervosa por estar a sós com Hal, Karen foi até o canto do quarto e abriu as cortinas que cobriam as imensas portas de vidro. Uma outra vista de Pittwater cintilou diante dela, mas Karen não foi capaz de apreciá-la.

Hal estava se livrando da gravata, do paletó e do colete. Logo o sentiu aproximar-se, tocando-a de leve nos ombros e fazendo-a voltar-se para ele.

Durante alguns momentos os dois simplesmente ficaram se olhando. Então, antes que Karen pudesse dizer qualquer coisa, Hal puxou-a para si, beijando-a com uma urgência que a deixou ainda mais confusa.

Num gesto delicado, mas deliberado, tirou-lhe o casaquinho e, quando os dedos começaram a procurar os botões da blusa, Karen sentiu que um pânico intenso ameaçava tomar conta dela.

— Hal, por favor, nós não devemos...

— E por que não? Estamos casados, não é mesmo? — A voz dele era sensual, mas deixava transparecer uma estranha frieza.

— Escute, David está sozinho lá e...

— David está bem, Karen; não se preocupe.

Hal acariciou-lhe os cabelos e apossou-se de sua boca com uma paixão que quase minou-lhe toda a resistência. Pressionando o corpo contra o de Karen, ele lhe deu a certeza de que a queria. Afastando-se, ela reclamou uma outra vez.

— Hal, por favor, pare... Acho melhor pensarmos bem no que estamos fazendo de nossas vidas. Não sei se isso é apenas um jogo para você, mas para mim não é...

— Jogo?... Não, não se trata de um jogo, Karen. Apenas quero você, e não adianta fingir, porque sei que também está me desejando... Não está?

— Por que está fazendo isso, Hal? Por que está querendo se apossar de tudo o que é meu? Que tipo de loucura faz



você pensar que pode obter à força o meu carinho ou o meu desejo? Já não chega para você roubar o amor do meu filho?

Todas aquelas perguntas emergiram sem que Karen pudesse se controlar, e agora tudo o que esperava era conseguir conter as lágrimas.

— Ele é *meu* filho, Karen. E foram você e sua irmã que tentaram tomá-lo de mim — Hal respondeu, sem se abalar.

— Você está querendo se vingar, mas no fundo sabe que não tem razão. Kirsty me disse que...

— Não quero falar sobre Kirsty agora, Karen. Kirsty se foi, e deixou um legado a nós dois.

— David...

— Não apenas David... — As palavras de Hal soaram estranhamente; depois ele não disse mais nada. Apenas acariciou ternamente o rosto de Karen, beijando-a com tamanha suavidade que ela não pôde resistir. Sentindo que era correspondido, Hal tocou-lhe o corpo: primeiro com delicadeza, e depois com avidez.

Karen soube então que não podia mais voltar atrás. Não podia, ou pior ainda, não *queria* mais resistir aos carinhos daquele homem. Queria que ele a acariciasse, que a beijasse, que possuísse todo seu corpo. Queria sentir todo o prazer que sabia que Hal poderia lhe proporcionar. E foi o que ele fez.

As mãos fortes desabotoaram de vez os botões da blusa, libertando os seios, que ele acariciou, primeiro com os dedos, depois com os lábios, fazendo-a gemer baixinho.

Em poucos minutos, ambos estavam despidos, e Hal a carregou para a cama. Mais uma vez os dois se olharam por um breve momento, e então uma paixão urgente os envolveu. Uma paixão sem palavras, sem promessas, sem esperanças. Não havia e não haveria amor, mas apenas aquele assombroso desejo, que fazia com que Hal estranhasse a si mesmo. Jamais impusera sua vontade de forma tão imperativa a uma mulher, e tinha consciência de que isso magoava Karen. Entretanto, também sabia que não haveria outro modo de consumir o que deveria ser consumado. Assim co-

mo Karen, Hal estava confuso e temia que aquela situação pudesse levá-lo à loucura.

Os corpos nus se uniram num abraço e Hal voltou a beijá-la no rosto, nos lábios, nos seios. Karen apertou os ombros largos, fechando os olhos e deixando-se levar por aquelas sensações, dando-se conta de que jamais, em toda a vida, experimentara tanto prazer. Tudo naquele homem parecia ter sido feito para ela, para agradá-la. A pele suave, os cabelos quase tão macios quanto os seus, os músculos fortes, a boca quente e sensual...

Quando finalmente Hal a penetrou, Karen abriu os olhos, desejando ver o rosto do homem que a estava deixando inebriada de prazer. As pálpebras de Hal haviam se fechado; o corpo estava arqueado para trás, e a expressão dele também mostrava um prazer delirante.

Então os olhos cinzentos se abriram encontrando os de Karen e o gozo os atingiu quase simultaneamente, como se tudo naquela união tivesse sido preparado, previsto para ser... perfeito.

Entretanto, assim que os corpos se separaram, o momento perdeu toda a magia, e Karen se sentiu magoada, envergonhada. O enlevo se transformara em raiva e ela desejou agredi-lo, assim como se sentia agredida.

Sem se aperceber do que se passava dentro dela, Hal acariciou-lhe os cabelos com suavidade. Num gesto brusco, Karen se afastou, enrolando-se no lençol e levantando da cama em seguida. Então, diante do olhar surpreso dele, disse simplesmente:

— Pode me dar licença agora? Vou me vestir e depois quero ver meu filho. — E se afastou sem olhar para trás. Se tivesse olhado, teria visto a expressão de raiva e mágoa tomar conta do rosto de Hal.

Quando voltou ao quarto, depois de tomar uma ducha rápida e vestir-se, colocando uma calça jeans e uma camiseta larga e colorida, encontrou Hal também já vestido e sentado numa das poltronas, perto da janela.

A expressão dele parecia mais fria do que nunca, o que a fez sentir uma ponta de medo e arrependimento pelo modo brusco com que lhe falara.



Afinal, tinha sido tão... tão bom fazer amor com ele... E, agora, seria obrigada a enfrentar de novo o Hal Chissolm distante e impiedoso.

Lembrou-se então da expressão nos olhos cinzentos, pouco antes do êxtase.

Teria Hal sentido a mesma estranha satisfação? Ou teria ela estragado qualquer chance que porventura tivessem de se aproximar um do outro, num sentido que não fosse físico?

A voz gelada de Hal interrompeu-lhe os pensamentos. Ele havia se levantado e estava perto da porta, pronto para sair.

— Karen, só gostaria de lembrar você de que não a estou obrigando a nada. Se estar casada comigo a faz sentir-se tão mal, não irei impedi-la de partir. Mas também não mudarei minha posição com relação a David.

Karen tentou dizer algo, no entanto Hal a interrompeu secamente:

— Se quiser ficar, talvez possamos ser uma “família feliz”. A decisão ainda é sua. Só sua, Karen. — E saiu batendo a porta.

Karen sentou-se no sofá, sentindo a garganta apertada. Quanto tempo suportaria aquilo? Hal podia ser o homem mais terno e carinhoso do mundo, e também o mais cruel. O que Kirsty podia ter feito a ele, para deixá-lo tão amargo, tão magoado? E por que Hal a culpava por isso? Não sabia responder e sentia-se incapaz de partir, como ele havia sugerido. Só o tempo poderia lhe dizer o que fazer.

Karen encontrou David e Hal na cozinha alguns minutos mais tarde. Hal batia ovos, e David informou que o pai estava preparando uma omelete só para ele e que iria comê-la inteirinha.

Depois que o garoto jantou, Karen fez com que ele comesse frutas. O garoto a obedeceu, mas o tempo todo manteve os olhos em Hal, encantado.

Hal era bom para o filho, indulgente até que uma autoridade mais firme se fizesse necessária. Karen não pôde deixar de se perguntar se ele conseguiria ser tão bom marido

quanto pai. Ou como era bom amante, acrescentou uma vizinha traíçoira.

Depois de levarem David para o quarto, os dois voltaram à cozinha.

Havia filés no refrigerador, e ela preparou-os para o jantar enquanto Hal misturava a salada. Nenhum dos dois falou exceto para perguntar sobre as preferências quanto à comida que estavam preparando. Hal abriu uma garrafa de vinho, e os dois se sentaram ali, na cozinha mesmo, evitando automaticamente o ambiente mais romântico da sala de jantar.

Tentando quebrar o silêncio incômodo que se instalara entre ambos, Karen se mostrou interessada pelas atividades profissionais que ele agora desenvolveria. Hal, de maneira normal, como se nada tivesse acontecido, respondeu às perguntas de Karen. Mas tudo estava acontecendo ali dentro.

Cada vez que seus olhos se encontravam, ambos pareciam falar do que não devia ser dito, do que não adiantava ser discutido. Para piorar a situação, logo Karen voltou a se lembrar de Kirsty: um dia a irmã compartilhara da vida de Hal de um modo que ela nunca poderia, mesmo que quisesse.

Lágrimas arderam-lhe os olhos. Por que tinha se deixado levar, por que tinha feito amor com aquele homem? Aquela farsa que haviam construído estava se transformando em algo cada vez mais sério. Que faria agora? Eles mal se conheciam e estavam ali, juntos, casados. E, mesmo que pudessem vir a gostar um do outro, Kirsty sempre estaria entre os dois. Sempre!

Karen terminou rapidamente de tomar seu vinho e levantou-se; empilhou apressadamente os pratos e colocou-os na lavadora.

— Foi um dia cansativo. Se me der licença, acho que vou me deitar — disse a Hal.

— À vontade — respondeu ele, com indiferença.

Então ela precipitou-se escada acima, agitadíssima... Mal acabara de entrar em seu quarto e fechar a porta, começou a chorar de forma incontrolável. Os soluços aumentavam,



enquanto se despia, cegamente; vestiu uma camisola e se arastou para a cama. Enrodilhou-se nos lençóis, segurando os joelhos, e enterrou o rosto no travesseiro, mas não conseguiu conter o choro convulsivo e muito menos a tristeza.

Não viu nem ouviu Hal entrar. A primeira coisa que indicou a presença dele foi a carícia suave que recebeu em seus cabelos emaranhados. Karen afastou-se bruscamente temendo aquele contato.

— Eu não sou Kirsty! — exclamou, com suas emoções confusas demais para permanecer calada.

— Não, não é — foi a resposta suave que ouviu.

Hal sentara-se na cama, mas estava escuro demais para que ela pudesse lhe ver a expressão. Ele se levantou e tirou o suéter.

— Não pode me deixar em paz? — suplicou ela, no momento em que Hal levantava-se e começava a se despir.

Ele nada respondeu. E, quando se deitou a seu lado, Karen lhe deu as costas, assustada com o ritmo acelerado do próprio coração.

Hal acariciou-lhe os cabelos e as costas com uma suavidade que a envolveu completamente. Karen ficou muito quieta, querendo acreditar na ternura daquelas carícias.

Hal suspirou profundamente e então se aproximou, deslizando a mão pela cintura delgada enquanto a boca roçava os cabelos dela.

— Não posso dizer que lamento, Karen... pois não é verdade. Mas não creio que esteja comparando você a Kirsty, de modo algum... Não existe comparação.

— O que você quer dizer é que eu nunca estarei à altura de minha irmã, não é? — ela perguntou, contendo os soluços.

— Não, não foi isso que eu quis dizer. — Hal a puxou suavemente, fazendo-a voltar-se para ele. Então curvou-se sobre Karen e tocou-lhe os lábios com os seus. — Você é diferente! E eu sou diferente com você, Karen. — E beijou-a com uma sensualidade lenta que privou-a de qualquer pensamento.

Suas mãos subiram para enlaçá-lo, e, na escuridão da noite, ela se entregou ao prazer de seguir seus instintos, dei-

xando que Hal tomasse o que quisesse dela. Mas, dessa vez, ele lhe deu muito mais do que tomou; e, se isso não era amor, deixou Karen se sentindo como se tivesse sido amada...

Depois, ela adormeceu, aninhada naqueles braços fortes, com um sorriso de satisfação ainda vivo nos lábios...



## CAPÍTULO IX

Karen mergulhava cada vez mais fundo naquela loucura que se tornara sua vida. As condições extremamente dúbias de seu casamento deveriam impedir que ela se envolvesse de modo mais profundo com Hal, mas aconteceu. Estava apaixonada por ele! Sabia que era absurdo, mas simplesmente não podia evitar que assim fosse. Estava além de seu controle.

Seria impossível dizer exatamente o momento em que acontecera, mas o fato era que agora Hal se tornara muito importante em sua vida. Tão importante quanto David. Não compreendia por que estava sendo assim. Barry nunca lhe inspirara tal profundidade de sentimentos, nem mesmo quando se mostrara mais amoroso, e Hal certamente não a amava.

Mas era bondoso e atencioso com ela. Às vezes passavam longas horas conversando. Ele também não se mostrava mais prepotente ou sarcástico e se esforçava para manter um bom relacionamento entre ambos.

Contudo conservava uma distância que ela não conseguia transpor, por mais que tentasse. Ele não admitia discutir o que estava ocorrendo e parecia desejar apenas... ir vivendo.

Às vezes essa distância entre eles não era tão evidente. Às vezes Karen podia fazer de conta que a distância não existia. Mas a necessidade de ser amada por Hal aumentava a cada dia, e não havia nada que pudesse fazer para impedir isso.

Não queria estar com ninguém mais, e Hal também parecia bastante tranqüilo com sua pequena família. Embora comentasse sobre os amigos, no trabalho, não convidava ninguém para visitá-los, por isso ela surpreendeu-se quando ele sugeriu:

— Meu pai tem se queixado de que não viu mais David desde que nos casamos. Diz que cinco semanas longe do neto é muito tempo. Achei que poderíamos convidá-lo para o almoço no domingo. Tudo bem para você?

Não, não estava nada bem para Karen. Não gostava da idéia de ter seu relacionamento com Hal submetido à avaliação severa de Owen. A lembrança da reprovação injusta dele quanto a sua decisão de se casar ainda tinha o poder de machucá-la.

— Há algum problema? — ele tornou a perguntar.

A leve irritação na voz de Hal interrompeu seus pensamentos, e Karen levantou os olhos, ansiosa. Não podia deixar de receber o sogro.

— Não, não há problema — apressou-se em dizer. — Domingo está muito bem.

— Ótimo!

Karen tinha certeza de que Hal percebera que estava contrariada. Para disfarçar sugeriu:

— Quer um café?

— Quero, sim — ele respondeu num tom seco.

E Karen foi para a cozinha.

Ali, como todo o resto da casa, estava limpo e arrumado. Karen nunca vivera num lugar tão bonito e confortável como aquele, mas às vezes sentia que não era sua casa. Não de verdade...

No domingo de manhã Owen chegou quando Hal ainda estava dando uma aula de natação a David, na piscina aquecida do pátio.

Karen se viu obrigada a recebê-lo sozinha e, com certa apreensão, abriu a porta para o sogro. Para seu alívio, o sorriso de Owen foi cordial quando ela o convidou a entrar e explicou o que Hal e David estavam fazendo. Ele se deteve antes de acompanhá-la até o pátio.

— Não estou com pressa, Karen, e lhe devo um pedido de desculpas.

— Por quê? — ela perguntou, embaraçada com a expressão preocupada do sogro.

Owen lhe deu um sorrisinho triste.



— Você sabe muito bem, Karen. No dia em que você e Hal se casaram, fui muito intransigente. E agora sei que estava enganado...

— Isso não importa mais, Owen.

— Importa para mim — replicou ele com sinceridade. — Eu pensei que você estava querendo magoar Hal — prosseguiu com determinação —, forçando-o de algum modo ao casamento, usando David como desculpa. Mas hoje sei que a idéia do casamento não partiu de você. Embora eu não consiga entender tudo o que está acontecendo, devo admitir que desde que vocês passaram a viver juntos o meu relacionamento com o meu filho melhorou muito. E tenho de agradecer a você por isso. Ele agora está feliz como eu não o via há anos, e tenho certeza de que é graças a você, Karen.

Ela pensou em como seria bom se fosse realmente responsável pela felicidade de Hal, mas a risada alegre de David, acompanhada por um barulho de água se espalhando, se fez ouvir. Karen sorriu. Um sorriso com um toque de ironia.

— A mudança de Hal se deve a meu filho, Owen. Venha! Vamos até a piscina.

— Ei, Pop, olhe só — gritou David, assim que avistou o avô.

O garoto saiu da piscina com a ajuda de Hal e então pulou na água de novo, nadando em estilo cachorrinho em direção ao pai, que ia recuando pouco a pouco, mantendo-se fora do alcance do menino. Com isso, David atravessou a piscina toda e, finalmente, agarrou Hal quando ele tocou com as costas na borda.

Owen e Karen aplaudiram o garoto.

— Bom dia, pai! — Hal gritou.

— Bom dia, filho. Linda manhã, não?

— Belíssima! Karen, por que não vai vestir um maiô e vem para a piscina? Você não se importa em ficar aí sentado por algum tempo, não é, pai?

— Não, se houver uma mulher bonita de biquíni para eu admirar — respondeu Owen, piscando o olho.

Karen se apressou em se desculpar, alegando que precisava ficar de olho no almoço que estava preparando. Um biquíni exporia demais seu corpo e ela não queria que Hal

reparasse em algo diferente nela. Estava consciente demais de um leve engrossamento em sua cintura e de uma sensibilidade acentuada em seus seios.

O almoço de domingo foi uma ocasião feliz, com Hal sendo particularmente atencioso com Karen, diante do pai, e David adorando ser o centro das atenções.

Depois do almoço, enquanto David foi tirar sua soneca da tarde, Owen e Hal discutiram sobre o trabalho. Quando Owen finalmente disse que já era hora de ir embora, Hal subiu para ver se David já havia acordado, e foi então que Owen se aproximou de Karen.

— Há alguma coisa que você deveria me contar, Karen?

— perguntou com um sorrisinho astuto.

Ela apenas deu de ombros, negando qualquer inquietação quanto à pergunta.

— Não sei do que está falando.

Owen balançou a cabeça com indulgência.

— Há uma ocasião, na vida de uma mulher, não importa quão bonita seja, em que ela fica decididamente radiante. Sua pele brilha com saúde e vitalidade, os olhos ficam diferentes... Sou um velho e meus olhos podem estar cansados, mas, se não me falha a memória, você me dá essa impressão agora. Já contou a Hal?

Não havia dúvida quanto ao que ele queria dizer, e Karen sentiu o rosto ardendo de vergonha.

— Eu... Isso ainda não foi confirmado. Ainda não fui consultar um médico.

— Então ainda não contou a Hal. Bem, vá ver um médico, minha cara, e sem demora. Não existe no mundo notícia mais maravilhosa, mas isso continuará sendo um segredo nosso até Hal vir me comunicar, pessoalmente.

Procurando conter uma súbita onda de pânico, Karen falou:

— Por favor, não toque nesse assunto com Hal.

A expressão de indulgência de Owen foi substituída por outra de perplexidade. Ele suspirou e disse:

— Você parece que gosta de fazer mistérios; mas pode ficar tranqüila, Karen, que eu não vou interferir. Confio em



você, principalmente depois da mudança de Hal nessas últimas semanas.

Uma onda de alívio a invadiu e ela dirigiu-lhe um sorriso calmo.

— Obrigada, Owen. Sabia que poderia contar com você.

Ele sorriu e afagou os cabelos de Karen, num gesto carinhoso.

— Meu filho nunca esteve tão tranqüilo, tão bem, Karen... Acho que ele gosta muito de você.

Tudo o que Karen queria era acreditar nessas palavras. Mas não podia.

Hal tinha o direito de saber que ela estava grávida, e incomodava-a não lhe ter contado, mas Karen não conseguira ainda encontrar coragem. Não podia deixar de pensar que, durante vários anos, havia acreditado que Hal Chisolm era incapaz de amar uma mulher, dar-lhe filhos e um lar. Culpara-o, odiara-o por achar que ele não proporcionara isso a Kirsty. E o acusara sem piedade, no hospital. Poderia Hal acreditar que sua idéia a respeito dele mudara, e tão radicalmente a ponto de ela desejar muito aquele filho? De estar feliz com a gravidez? E Hal? *Queria* um filho dela? Como poderiam ter um bebê se, na realidade, se encontravam tão distantes um do outro?

O problema afligiu sua mente nos dias seguintes. Finalmente concluiu que era errado continuar escondendo a gravidez. Fora isso que Kirsty fizera, e Hal se sentira enganado. Não queria que a situação se repetisse.

Depois de reunir coragem para lhe contar, sentiu-se irremediavelmente desapontada quando Hal voltou do trabalho de mau humor.

Isso já acontecera duas vezes, e Karen reconheceu imediatamente os sinais: o rosto fechado, a expressão sombria e pensativa do olhar, o retraimento que nem David conseguia lhe tirar.

Karen não sabia que demônios particulares ele abrigava nessas ocasiões, se era algo relacionado com o trabalho, com ela, com David ou com o passado. Preocupava-a o fato de que Kirsty talvez não quisesse se casar com Hal por

conhecê-lo bem demais e saber que o casamento não convinha para ele. Talvez Hal estivesse irritado com as restrições que o casamento impunha e desejasse ter a liberdade que tivera com sua irmã. As dúvidas tiravam-lhe toda a esperança de que ambos pudessem ser felizes algum dia.

O mau humor persistiu até muito depois de David ter ido se deitar, e o jantar ocorreu em silêncio. Karen tinha medo de jamais entender Hal, mas ela o amava e a necessidade de tentar alcançá-lo e romper as barreiras que existiam entre os dois tornava-se mais forte a cada minuto. Precisava desesperadamente encontrar um modo de tirá-lo daquele isolamento, mas só conseguiu pensar no bebê. Afinal, ele adorava David e também dissera que queria ter outros filhos.

Talvez a notícia o deixasse feliz.

— Hal...

Ele tomava café e, quando levantou a cabeça para fitá-la, a expressão dos olhos cinzentos sufocou as palavras na garganta de Karen. Reprovação, ódio, raiva, amargura... Tudo o que havia de hostil e negativo ela viu naquele olhar.

— O que é? — perguntou, desinteressado.

— Eu... Não tem importância — disse Karen, abalada. Aquele não era o momento oportuno para contar-lhe que estava grávida.

Hal não a pressionou. Continuou sentado, perdido em pensamentos, e nem pareceu reparar quando Karen começou a limpar a mesa. Também não deu mostras de a ter ouvido quando ela lhe desejou uma boa noite, algum tempo depois.

Karen foi para a cama sozinha e ficou deitada na escuridão, pensando em como seria o futuro. Queria que Hal fosse feliz em sua companhia, mas não sabia como conseguir isso. Talvez nem fosse possível.

Ainda estava acordada quando ele subiu.

Hal despiu-se e deitou-se a seu lado, sem dizer nada, e não fez menção de tocá-la. Esmagada por uma terrível sensação de separação, Karen estendeu a mão e afagou timidamente o braço dele. Foi como se ela ativasse uma chave que liberava uma paixão incontrolável.



No momento seguinte Hal voltou-se para ela, tomando-a com enorme urgência. Karen reagiu instintivamente com um desejo igual, um desejo profundo de livrá-lo dos demônios que o atormentavam.

No silêncio do quarto, se amaram com paixão.

Depois do orgasmo, os dois dormiram, exaustos.

Quando, na manhã seguinte, Karen acordou, viu que Hal não se encontrava a seu lado. Ele estava sentado numa cadeira perto das portas de vidro, com o olhar aparentemente fixo na paisagem. Mesmo de perfil, seu rosto parecia cansado e abatido, como se não tivesse dormido a noite toda. Karen sentiu um aperto no coração ao vê-lo tão solitário. Empurrou as cobertas para o lado e se aproximou dele.

Queria capturar de novo aquela intimidade vivida na noite anterior, mesmo que fosse apenas física.

Abraçou-o por trás, num gesto terno.

— O que houve, Hal? — perguntou com suavidade. — Não pode confiar em mim?

Ele sorriu de um modo que fez Karen estremecer. O mesmo sorriso entre magoado e cínico que sumira de seus lábios há várias semanas.

— É um pouco difícil falar em confiança no nosso caso, não é, Karen? Como pode você confiar num homem que praticamente a coagiu a se casar com ele?

Finalmente tinham entrado no assunto proibido. Isso assustava Karen, mas ao mesmo tempo a aliviava. Um dia teriam de ser claros um com o outro, ou jamais chegariam a se conhecer.

— Não sei se posso confiar em você, Hal. Mas estou tentando compreendê-lo.

— É mesmo?! E por quê?

Ela ficou em silêncio por alguns instantes.

— É por causa de David, não é? — ele indagou, antes que Karen respondesse.

— Não é apenas por David... Eu gosto de você, Hal.

A expressão dele não se abrandou, e os olhos cinzentos a analisaram minuciosamente.

— Gosta de viver com um homem que a oprime?

— Você não me oprime. Ao contrário, sinto que posso... crescer, e talvez me tornar uma pessoa mais livre a seu lado. Aquela resposta o deixou intrigado.

— Será que você se esqueceu do modo como nos casamos, Karen?

— Não, não me esqueci e não me esquecerei nunca. Casei-me com um homem desesperado, que queria ficar com o filho e ao mesmo tempo precisava... provar algo a si mesmo.

— É mesmo?! E o que eu precisava provar a mim mesmo, Karen?

— Eu não sei. — A resposta foi simples, e ela o encarava sem nenhum medo ou insegurança.

Agora que estavam falando abertamente, Karen tinha consciência do quanto o percebia. Não compreendia Hal, mas seu amor por ele a tornava estranhamente próxima dos sentimentos e idéias que ele escondia.

Agora era Hal quem parecia inseguro.

— Sabe, Karen, eu menti a você sobre algo...

— Eu sei. Você mentiu quando disse que não estava me comparando com Kirsty, não é?

Hal assentiu com um gesto de cabeça, surpreso com a certeza na voz dela.

— Como sabe disso com tanta certeza?

— Acho que quando um homem ama uma mulher, Hal... e penso que você amou Kirsty de algum modo... Bem, creio que fica muito difícil não comparar outras mulheres a ela. E, no meu caso, isso seria impossível. Eu sou igual a Kirsty...

— Não, você é muito diferente!

— Sou fisicamente igual a minha irmã e isso não é um simples detalhe, algo que se possa superar facilmente. Compreendo isso muito bem, Hal, muito mais do que você pode imaginar.

Hal baixou a cabeça, constrangido.

— Sua irmã quase me deixou maluco — disse ele, depois de alguns momentos de silêncio.

— Por quê?



— Porque não havia nada que ela prezasse mais do que sua própria liberdade; e ao mesmo tempo...

Karen o inquiriu com os olhos, ansiosa.

— Ao mesmo tempo a liberdade de Kirsty parecia pesar sobre ela, como um castigo.

— Não entendo o que quer dizer, Hal.

— Kirsty queria ser livre. Jamais se casaria, jamais teria filhos ou uma família. Queria poder viajar para onde desejasse, no momento em que desejasse... Nunca deixaria que alguém tivesse influência decisiva sobre sua vida, sobre o destino que escolhera. Mas tudo isso parecia ter um preço muito alto... e algo ficava faltando à vida dela, sempre.

— Não acho que esteja certo em sua avaliação sobre minha irmã...

— Não? E por quê, Karen?

— Porque acho que Kirsty se casaria e teria filhos, sim. Se encontrasse o homem certo...

— E que tipo de homem seria esse?

— Alguém que a amasse e a quem ela tivesse amor, também. E que compreendesse seu desejo de liberdade, sem querer dominá-la, ou...

— Ou?...

— Ou tentar competir com ela, Hal. Acho que você procurou fazer as duas coisas e falhou... Estou errada? Kirsty também não era nada fácil!

Hal não respondeu, mas não pôde deixar de se lembrar de que aqueles tinham sido os motivos de suas maiores brigas com Kirsty. Ela o acusava de ser dominador e competitivo e ele a acusava da mesma coisa.

— Você também me acha... dominador e competitivo, Karen?

Ela sorriu e disse com suavidade:

— Acha mesmo que eu preciso responder a isso? Como foi que tratou da nossa questão com David? Como se fosse um jogo, e você tivesse cem pontos à frente. Como foi que me "propôs" casamento? Com um ultimato, Hal!

A expressão dele se fechou e a voz soou cheia de raiva:

— Ótimo, você e sua irmã são mesmo muito parecidas!

Então também deve achar que não sirvo para você como não servia para ela.

— Não, Hal; eu não disse isso... Você mesmo sabe que sou diferente de minha irmã, que tenho uma personalidade diferente e... busco coisas diferentes. Só que compreendo o que Kirsty sentia e...

Ele a interrompeu:

— E provavelmente também vai tentar me enganar, exatamente como Kirsty fez!

— Kirsty te amou, Hal, eu sei disso. Só acho que ela sabia que não daria certo entre vocês, não por muito tempo...

— Oh, é claro, por isso ela lhe deu meu filho! Sua irmã era maluca, isso sim! E queria me deixar louco também... E você, Karen, qual é o seu papel nisso tudo?

— Bem, eu é que pergunto! Por que quis se casar comigo? Por que me envolveu em seus problemas, se já tinha tantas dúvidas?

Os dois se calaram e um silêncio incômodo permaneceu entre ambos por alguns momentos.

— Por que está comigo, Karen? Casou-se com alguém que não queria, dividiu um filho que não queria dividir e tem sido uma atriz tão boa que às vezes quase acredito que está apaixonada por mim! Enganar até mesmo o meu pai, que é um sujeito bem esperto...

— Não precisa falar tão alto, Hal! — ela o interrompeu, tão exaltada quanto ele.

Hal baixou o tom de voz e prosseguiu:

— Kirsty me enganou e você também vai me enganar. Ela só queria um companheiro de aventuras e você... O que você ganha ficando comigo, Karen? Uma vida luxuosa, carros caros, conforto... É isso que a prende aqui?

Um nó apertou a garganta de Karen, e ela não pôde responder. Hal continuou a agredi-la.

— Sua irmã nunca me amou, e você...

— Eu quis um filho seu, Hal! — ela interrompeu.

— Ora, você ficou com David porque...

— Não estou falando de David! Estou esperando um filho seu, mas acho que... — Um soluço magoado a impediu de continuar falando.



Ele fez menção de tocá-la, mas Karen se afastou abruptamente.

— Deixe-me em paz, Hal! Tudo não passa de um jogo para você, mas eu não quero mais participar. Deixe-me em paz!

Sem poder conter as lágrimas, vestiu o robe e saiu do quarto, correndo. Hal não a seguiu. Ficou parado, com um ar perplexo, tentando acreditar no que ouvira. Karen e ele iam ter um filho!

Naquela noite, Karen trancou a porta do quarto, obrigando Hal a dormir no quarto de hóspedes. Levantou cedo no dia seguinte. Preparou-se para ir trabalhar e foi acordar David para irem à escola. O garoto não estava em seu quarto.

Karen encontrou David tomando o café da manhã com Hal. A tigela de cereais do garoto já estava vazia. Ela ignorou Hal, assim como o ignorara à mesa na noite anterior.

— Vamos, David, já estamos atrasados. Despeça-se de seu pai — ordenou.

O tom peremptório de voz fez com que o filho a obedecesse prontamente, e logo depois estavam saindo de casa. Quando David ia seguir pelo caminho que dava acesso à garagem, ela tomou-lhe a mão e o conduziu diretamente para a rua, rumando para o ponto de ônibus mais próximo.

David puxou sua mão, protestando:

— Por que não vamos de carro?

— Porque a partir de agora só vamos de ônibus — respondeu Karen, num tom que não permitia discussão.

Estavam parados no ponto de ônibus há vários minutos quando o carro de Hal encostou junto ao meio-fio. Ele saiu do veículo, contornou-o, abriu a porta do passageiro e enfrentou o olhar de Karen com férrea determinação.

— Entrem — ordenou.

Antes que Karen pudesse fazer alguma coisa, David soltou sua mão e deslizou para dentro do carro. Consciente de que já estava meio derrotada e sabendo que havia outras pessoas no ponto observando-os com curiosidade, Karen

concluiu que o local não era próprio para uma cena. Entrou no carro e Hal fechou a porta.

Karen ficou sentada olhando para a frente, mantendo-se teimosamente em silêncio durante todo o trajeto até a escola maternal. Hal também não falou nada e, curiosamente, David também parecia não ter nada para dizer. A atmosfera dentro do carro era pesada.

Ao chegarem, Hal pediu que David entrasse na escola e impediu que Karen saísse do carro. Ela se virou em sua direção, furiosa.

— Largue-me! Não quero mais que me toque, Hal, isto está decidido. Afinal, nem há motivo para estarmos juntos. Acho que precisamos conversar sobre o divórcio e chegar a uma solução sobre a custódia de David...

— O que há de errado com o seu carro?

— Eu não quero *seu* maldito carro! E também não ligo a mínima para sua bela casa e seu dinheiro. Eu vivia muito bem na minha própria casa. David e eu vivíamos muito bem com o que eu ganhava, antes de você aparecer, e podemos fazer isso de novo!

Hal virou o rosto para o lado, escondendo uma expressão de tristeza. Sabia o quanto a havia magoado. Respirou fundo e falou com uma voz entrecortada, como se cada palavra o machucasse:

— Karen, nós estamos casados e eu quero cuidar de você e de David... e dos filhos que por acaso tivermos. Tudo o que eu tenho é seu, sem reservas, entenda isso... Hoje à noite eu me mudarei para o outro quarto. — Tirou as chaves da ignição e pressionou-as em sua mão. — Use o carro para voltar para casa. Eu tomarei um táxi.

Antes que Karen pudesse dar qualquer resposta, ele saiu do veículo e caminhou rapidamente em direção ao telefone público mais próximo. Por alguns momentos Karen permaneceu totalmente imóvel em seu lugar. Era o fim daquele casamento. Apesar de ele não ter passado de uma farsa, sentiu-se desamparada, vazia...

Então se lembrou do bebê e passou lentamente a mão pelo ventre. Um bebê estava se desenvolvendo dentro dela.



Seu filho e de Hal. Pestanejou para conter as lágrimas e saiu do carro.

Ainda queria o filho... e também queria Hal, mas talvez o tivesse perdido definitivamente.

## CAPÍTULO X

A vida continuava, mas Karen estava totalmente infeliz. Sua gravidez foi confirmada pelo médico, mas não havia como transmitir sua alegria... pois só a tristeza pairava na casa em que ainda vivia com Hal e David.

Eles haviam decidido, sem nem mesmo discutir o assunto, que teriam aquele filho e que não se separariam antes disso.

Fiel à palavra dada, Hal mudara-se para o outro quarto, e Karen estava detestando a solidão de sua cama grande e vazia. Por mais que dissesse a si mesma que Hal não a amava, e nunca amaria, sentia a falta do calor dos braços dele na escuridão da noite.

E Hal mudou. Tornou-se mais calado e reservado, até mesmo com David. Seus modos com relação a Karen continuavam sendo gentis e atenciosos, mas não havia nenhuma centelha de felicidade nele. Os momentos de prazer que compartilharam durante as primeiras semanas do casamento eram coisas do passado. Ele continuava muito ligado a David, mas sem a euforia e a leveza dos primeiros tempos. Karen também continuava amorosa e afetuosa com David, mas a situação entre ela e Hal a entristecia mais, a cada dia.

Quase todas as noites chorava até adormecer, e os dias eram uma verdadeira provação. Os enjôos matinais tornaram-se uma ocorrência cotidiana. Karen mantinha uma dieta cuidadosa, mas parecia estar engordando demais. Sentia-se pesada e feia, o que a deprimia ainda mais. Sabia que havia outras mulheres cuja gravidez não aparecia nos cinco ou seis primeiros meses, mas este obviamente não iria ser seu caso. O médico lhe dissera que seu estado era normal e que tudo corria bem.



Mas ela não se sentia nada bem. Além dos enjoos, seus olhos se enchiam de lágrimas pela mínima contrariedade. Uma noite derrubou uma xícara no chão, e estava ajoelhada para catar os cacos de louça, chorando incontrolavelmente, quando Hal se aproximou. Estava fraca demais para resistir quando ele a puxou para cima e a abraçou. Apenas encostou a cabeça no ombro dele e soluçou.

— Karen, você não pode continuar assim — disse ele, com a voz cheia de preocupação. — Precisa parar de trabalhar. Não está descansando tanto quanto devia. Levarei David à escola todos os dias, se você quiser que ele continue indo.

Hal parecia realmente preocupado. Acariciava-lhe os cabelos como se realmente se importasse com ela. Mas não era possível, Karen pensou com tristeza. Hal estava apenas preocupado com o bebê: o filho dele. Levantou a cabeça e afastou-se. Hal relutou em soltá-la, mas o fez.

— Está bem — ela disse. — Vou parar de trabalhar até ter o bebê. — Respirou fundo, procurando se acalmar. — Acho que David precisa da companhia de outras crianças, portanto vou providenciar para ele continuar indo à escola duas vezes por semana. Isso não deve atrapalhar você demais.

Os olhos dele a reprovaram.

— David também é meu filho, Karen. Eu não me importo em levá-lo à escola todos os dias, se você achar que ele deve.

— Não sem que eu esteja lá — recusou ela. Então, sabendo que o magoara involuntariamente, acrescentou com mais suavidade: — Desculpe, Hal, sei que você se preocupa muito com David e...

— Também me preocupo com você, Karen — ele a interrompeu. — E gostaria de lhe ajudar, mas você não deixa...

Hal parecia sincero, mas Karen não queria acreditar nele. Temia ser magoada mais uma vez.

— Eu... Eu estou bem — balbuciou defensivamente, e saiu apressada da cozinha antes que se sentisse tentada a voltar para os braços dele.

Hal de novo não a seguiu. Não que Karen esperasse que ele tomasse tal atitude, mas de repente sentia-se mais solitária do que nunca. Apesar da opinião dele a seu respeito, ainda o amava; não podia deixar de amá-lo. Mas a comunicação

e a compreensão entre ambos pareciam agora mais inalcançáveis do que nunca.

Mais um mês se passou. Todo o corpo de Karen havia se transformado. O médico se mostrou preocupado quando ela foi fazer o pré-natal. Examinou-a totalmente como de costume, franziu o cenho e examinou-a outra vez. O medo rondou-a por alguns momentos.

— Há alguma coisa errada? — perguntou ela, ansiosa. Os enjoos matinais finalmente haviam passado. Seria um bom ou mau sinal? Preocupou-se.

— Oh, não, de modo algum — o médico a tranquilizou.

— Contudo, eu gostaria de ter mais alguns dados, e portanto vou marcar uma hora para a senhora fazer um exame de ultra-som. Também quero que a senhora consulte um obstetra.

— Por quê? — quis saber Karen, começando a entrar em pânico com as medidas que estavam sendo tomadas.

— Não há nada para se preocupar, sra. Chissolm. Nós mandamos a maioria das gestantes fazer um exame de ultra-som nesse estágio da gravidez. É um procedimento normal. A senhora pode até saber o sexo do bebê, se quiser.

— Mas e quanto ao obstetra?

— Está na hora de procurar um, não? Eu só faço pré-natal. E tenho certeza de que seu marido gostaria que a senhora tivesse a melhor assistência. — O médico deu um sorriso animador. — Os maridos podem ficar mais nervosos do que suas esposas quanto à gravidez! Agora vou pedir à minha enfermeira que marque uma hora para a senhora.

Karen voltou para casa com medo. Alguma coisa estava errada. O médico não queria lhe dizer, mas alguma coisa obviamente estava errada. A tensão era tanta que começou a chorar.

— Estou com medo... — ela confessou aflita, assim que Hal chegou.

— Calma... — murmurou ele, abraçando-a.

— O que está acontecendo comigo, com o bebê? Não quero que nada saia errado...



— Karen, não fique nervosa. Apenas me conte por que está assim.

Naquele abraço confortador ela contou tudo o que havia acontecido no consultório do médico. Hal acalmou seu temor com palavras de bom senso; então levou-a ao quarto e deitou-a na cama, dizendo que ele mesmo cuidaria do jantar. Trouxe-lhe uma refeição numa bandeja, ficou em sua companhia enquanto ela comia, foi colocar David na cama e logo voltou.

— Eu... Eu já estou mais calma. Apenas fiquei assustada... Acho que deve ser sempre difícil esperar um bebê...

Hal sentou-se na cama e segurou-lhe uma das mãos.

— O bebê é nosso, Karen, e estou preocupado também. Mas acho que estamos nos precipitando. O médico não disse que havia alguma coisa errada.

— Mas...

— Ele tem razão. Quero que você tenha a melhor assistência possível, e, de hoje em diante, vou com você em todas as consultas.

Os olhos de Karen se encheram de lágrimas de novo.

— Obrigada — murmurou, desejando que Hal não soltasse sua mão. Sua necessidade de estar perto dele era tão grande, naquele momento, que o orgulho e a mágoa foram esquecidos. — Hal... Você ficaria comigo esta noite? Eu... Eu não quero ficar sozinha.

— Eu também não quero ficar sozinho — murmurou ele, abraçando-a com ternura.

A boca de Hal roçava em seus cabelos, plantando beijos que pareciam expressar o mesmo anseio que havia na alma de Karen. Ela agarrou-se impulsivamente a ele, desejando que Hal nunca mais se afastasse.

Hal ficou com ela a noite toda, e Karen pôde mais uma vez sonhar que era amada. Não fizeram amor. Só a ternura os unia.

Hal não retornou ao quarto dele na noite seguinte, nem na outra, antes do dia do ultra-som.

No hospital, Hal perguntou ansioso à enfermeira:

— Quanto tempo o exame demora?

— Meia hora no máximo, sr. Chissolm — respondeu a moça, jovialmente, conduzindo Karen para outra sala.

Era apenas um trabalho de rotina para a enfermeira, pensou Karen, ao se deixar conduzir. Foi colocada deitada em cima de uma mesa e, minutos mais tarde, a ultra-sonografia tinha início.

— Não se preocupe, sra. Chissolm, é um exame bem simples — assegurou-lhe a enfermeira.

Karen não conseguiu retribuir o sorriso da moça, que continuou a tagarelar por mais alguns minutos; então parou de falar e franziu a testa num esforço para se concentrar.

— Sinto muito por deixá-la esperando, sra. Chissolm. Estou tendo problemas para conseguir uma boa imagem. Não vai demorar muito.

— O que há de errado? — perguntou Karen, em pânico.

— Não há nada errado, sra. Chissolm. É só um problema técnico.

Já havia passado mais de meia hora antes que a enfermeira se desse por satisfeita.

— Está tudo bem? — perguntou, ansiosa.

— Oh, sim! Mas é aconselhável que a senhora procure o seu obstetra.

Karen não conseguiu falar de novo, apesar do tom casual da enfermeira. Sentiu náuseas e vertigem. A moça conduziu-a de volta a Hal. Ele imediatamente quis saber o resultado do exame.

— Eu não estou em posição de comentar, sr. Chissolm. O senhor terá de conversar com o obstetra de sua esposa.

As horas que se seguiram foram angustiantes. Hal fazia de tudo para tranquilizá-la. Sem o apoio dele, Karen teria se desesperado.

Na manhã seguinte, antes das nove, os dois estavam na sala de espera do consultório do dr. Grayson. Hal, segurando-lhe as mãos, disse:

— Karen, não importa o que aconteça. Ele é nosso bebê. E nós vamos amá-lo.

Aquele tom de cumplicidade, cheio de carinho, a enterneceu profundamente. Hal era um homem terno. Era o homem a quem amava.



Uma mulher num uniforme branco conduziu-os à sala de consultas. O dr. Grayson era um homem alto, com cerca de cinquenta anos, magro e de aparência distinta; sorriu, assim que os viu. O largo sorriso do médico aliviou um pouco a tensão de Karen. Qualquer médico com um pouco de sensibilidade não estaria sorrindo se tivesse de lhes dar más notícias. O dr. Grayson já devia ter avaliado o ultra-som e o resultado na certa não era ruim.

— Sr. e sra. Chissolm, é um prazer conhecê-los — disse com voz animada, tomando a mão de Hal e apertando-a vigorosamente.

Karen sentiu uma vertigem. Afundou na cadeira mais próxima quando o médico virou-se em sua direção.

— Essa cadeira está bastante cômoda para a senhora, sra. Chissolm? Temos de tomar muito cuidado com a senhora, agora.

— Estou muito bem aqui, obrigada.

O dr. Grayson esfregou as mãos alegremente.

— Bem, acho que vocês estão com uma expressão muito preocupada para quem vai ter uma dupla alegria... Vocês vão ser pais de gêmeos.

Karen e Hal se encararam, entre espantados e alegres. Então Karen perguntou:

— Mas isso não é tão incomum assim. Quero dizer: existe outra coisa... algum problema com os bebês?

— Bem, não é nada mais grave. Apenas pelas imagens obtidas pelo ultra-som parece que o cordão umbilical de um dos bebês pode estar enrolado no pescoço do outro. Mas não há motivos para preocupação. Tenho uma equipe médica excelente e vamos ter todo o cuidado necessário. Eu mesmo tenho muita experiência nesse tipo de parto. Tudo sairá bem, sra. Chissolm, pode ficar tranqüila.

Karen respirou aliviada.

— Muito obrigado, dr. Grayson, o senhor não sabe como essa notícia nos alivia e alegra — agradeceu Hal, com um sorriso leve que Karen não se lembrava de ter visto antes.

— Vocês gostariam de saber o sexo dos bebês? — perguntou o médico, olhando para Karen.

Karen olhou ansiosamente para Hal.

— Você é quem sabe — disse ele.

— Então eu prefiro esperar até que eles nasçam.

Hal assentiu e voltou-se para o médico.

— Há um ponto que eu gostaria de esclarecer... — Hesitou, então continuou com determinação: — Minha esposa e eu podemos ter relações sexuais sem causar algum problema aos bebês?

Um rubor quente ardeu nas faces de Karen. Não conseguiu encarar Hal.

— Vocês precisarão tomar muito cuidado nos últimos dois meses. A penetração não deve ser muito profunda, mas, além disso, não há nenhum problema em terem relações. O método mais seguro é com os dois deitados de lado, e o senhor deitado atrás de sua esposa. — O médico voltou-se para Karen com um sorriso. — A propósito, a senhora também tem uma irmã gêmea, não é mesmo, sra. Chissolm? Verifiquei sua ficha. Acredito que será bem mais fácil para vocês lidarem com as crianças, já que a mãe tem experiência no assunto.

Karen e Hal se entreolharam, dessa vez com um sorriso triste, e ela respondeu:

— É, doutor, acho que será mais simples...

Hal ajudou Karen a se levantar da cadeira, e então se despediram do médico. Finalmente conseguiram deixar o consultório e entrar no carro. Karen respirou fundo e perguntou a Hal:

— Por que você quis saber aquilo?

— Você está feliz com os gêmeos? — ele desconversou.

— E você, está?

Ele suspirou.

— Claro que sim. Agora responda a minha pergunta.

— Eu estou muito feliz — Karen respondeu com um sorriso. — Mas você também não respondeu a minha pergunta. Ele segurou-lhe a mão.

— Karen, sei que não sou uma pessoa fácil. Sei que magoei você, que fiz tudo de uma maneira confusa; e que fui grosseiro e autoritário. Mas não quero mais que seja assim... Ele respirou profundamente e a fitou com uma expressão de apelo.

— Quero realmente que nosso casamento dê certo, Ka-



ren. Quero curtir esta gravidez com você, e estar a seu lado sempre que for possível. E também quero fazer amor com você. Eu a desejo, Karen.

— Verdade? Deseja mesmo, Hal? — ela perguntou, ansiosa.

Hal assentiu com um movimento de cabeça.

— Você não sabe que está ficando mais bonita a cada dia que passa?

— Que nada! Eu estou horrível! — ela disse, entre risos e triste.

Hal inclinou-se para a frente e ligou o motor do carro; então perguntou com voz baixa, como se tivesse medo da resposta:

— Você também me deseja, Karen?

Ela o olhou com ternura.

— Desejo; desejo muito, Hal.

E não houve mais discussão. Hal levou-a para casa e logo estavam no quarto, se amando de uma maneira terna, comovente...

## CAPÍTULO XI

A gravidez deixara Karen esgotada. Conquanto Hal fosse atencioso e solícito, ela não podia deixar de pensar que era mais por causa dos bebês do que por afeto a ela. Hal nunca lhe falava de amor, e a distância entre ambos fora reduzida, mas não eliminada.

Karen estava engordando cada vez mais e Hal ficava fascinado com seu corpo. Todas as noites ele fazia uma cerimônia sensual de esfregar óleo em seu ventre, aliviando a pele tensa e esticada. Quando os bebês se moviam, os olhos dele brilhavam de encanto. “Essa alegria toda é por causa dos filhos”, pensava Karen, com certo desânimo.

Quando ainda faltavam duas semanas para dar à luz, o dr. Grayson sugeriu a Karen que se internasse no hospital. Mas Karen se recusou. Hal tentou persuadi-la, mas ela se recusou terminantemente. Hal concordou, dizendo que ela podia fazer o que quisesse, mas estava claramente preocupado.

Suas costas doíam, mas ela não reclamava, não querendo que Hal se preocupasse ainda mais. Estava sensível e ainda chorava às vezes, quando ninguém podia vê-la. A primeira dor mais forte veio três dias depois da sugestão do dr. Grayson. Ela e Hal haviam acabado de jantar e Karen mordeu o lábio para conter um pequeno gemido.

— Há alguma coisa errada? — perguntou Hal, ansioso.

— Não. Apenas uma sensação incômoda.

Eles foram se deitar. Karen ficou acordada, esperando, observando o relógio. Outra dor transpassou-lhe o corpo, uma hora depois da primeira. A terceira surpreendeu-a quarenta minutos depois. Então trinta e cinco... trinta... Às duas horas da manhã ela não tinha dúvidas quanto ao que estava acontecendo e acordou Hal.



Ele se sentou na cama no mesmo instante.

— O que foi?

— Acho melhor irmos para o hospital.

— Está com contrações?

— Sim, estão vindo regularmente. A cada meia hora, agora.

— Você devia ter me acordado antes! — exclamou ele, pulando da cama e pegando o telefone afobado.

— Eu não tinha certeza no começo. Temos muito tempo, Hal.

— Nós não vamos correr riscos, Karen.

“Ele quer a segurança dos bebês”, Karen disse a si mesma, mas logo se arrependeu por sentir ciúme. Ela também queria que as crianças nascessem fortes e saudáveis. A preocupação de Hal era muito natural. Tendo avisado ao dr. Grayson que ela estava em trabalho de parto, Hal vestiu-se e avisou o casal de empregados do que estava acontecendo. Após acordar e vestir David, Hal ajudou-a a vestir um roupão e então amparou-a até o carro.

Uma outra contração acometeu-a durante o trajeto até o hospital, e a dor foi tão forte que ela gritou. Hal breiou instantaneamente o carro e parou junto ao meio-fio.

— Continue — pediu Karen, ofegante, tentando fazer os exercícios respiratórios que havia aprendido.

— Karen...

— Continue, por favor, está tudo bem.

Hal dirigiu o carro o mais rápido que pôde, lançando-lhe olhares ansiosos durante todo o trajeto. David estava estranhamente silencioso, talvez assustado, pensou Karen, procurando se concentrar em sua respiração. David ia gostar de ter irmãos. Ela sabia disso, e a idéia a deixava feliz.

Hal só ficou um pouco aliviado ao entregá-la aos cuidados dos profissionais do hospital, esperando apenas pela presença do dr. Grayson antes de sair de novo com David. Prometeu a Karen que voltaria assim que deixasse o garoto na casa do pai, mas ela se sentiu deserdada e terrivelmente sozinha ao vê-lo se afastar.

Foi levada numa maca a uma sala de preparação. Depois foi transferida para a sala de parto. Havia um relógio na pa-

rede, e Karen fixou-o como se sua vida dependesse dele. O ponteiro de minutos moveu-se lentamente. O intervalo de suas contrações era agora de quinze minutos. Uma eternidade pareceu transcorrer antes de Hal voltar.

Uma onda intensa de alívio a invadiu quando o viu. Não ficaria mais sozinha. Hal segurou-lhe a mão.

— Há alguma coisa que eu possa fazer por você, Karen? — perguntou suavemente.

— Apenas fique... — Uma outra contração dolorosa acometeu-a, fazendo-a gemer e apertar a mão de Hal com força até a dor passar. — Fique comigo. Por favor! — pediu.

— Meu Deus! — exclamou Hal, muito pálido. Quanto tempo isso demora?

— Não sei. Por favor, Hal...

— Claro que ficarei com você. Acha que eu a deixaria passar por tudo isso sozinha?

— Obrigada.

Ele balançou a cabeça, e estava muito inseguro quando perguntou:

— Acha que não sou o homem certo para você, não é, Karen?

— Não... Não fale assim, Hal.

— Eu gostaria... Bem... Parece que fiz tudo errado com você. E agora não há nada que eu possa fazer; me sinto tão inútil...

— Você não é inútil. Eu... Eu preciso de você.

Karen queria dizer que o amava, mas não o fez. Não havia outro homem no mundo mais certo para ela do que Hal. Agora sabia disso. E iria lutar por ele.

Os minutos foram passando. Hal lhe dizia quando respirar, acalmava-a, enxugava-lhe a testa. Karen mal tomou conhecimento do dr. Grayson enquanto ele a examinava.

— Não podem dar algum remédio a ela? — perguntou Hal, muito tenso. — Karen não pode continuar sofrendo assim! Isso não está direito!

— Não... não... — protestou Karen. — Não é preciso, Hal; tudo vai passar logo. O que estou sentindo é normal. Estou bem...



— Você tem certeza, Karen?

— Tenho.

Ele voltou-se para o médico.

— Quanto tempo vai demorar?

— A bolsa de água se rompeu agora — o dr. Grayson comentou.

— E a dor mudou. Tornou-se mais intensa. — Karen agarrou-se a Hal, assustada com a mudança.

— Eu nunca mais vou permitir que você passe por isso, Karen, juro...

Ela não conseguia falar.

— Eu te amo, Karen. Eu te amo...

Por um momento Karen achou que estivesse sonhando. Mas os olhos de Hal estavam marejados de lágrimas, e ele repetiu:

— Eu te amo!

— Está indo tudo muito bem, sra. Chissolm — o médico disse. — Força, agora! Força!

Karen seguiu a instrução do médico. Um bebê nasceu. Hal não se moveu, ele se concentrava apenas nela, olhando-a nos olhos. Nesse momento, Karen se sentiu mais importante do que tudo para ele. Hal a amava.

Hal afagou-lhe a face e depois curvou-se e beijou-lhe a testa, suavemente. Mais alguns momentos de dor e ternura se seguiram e, então, o outro bebê nasceu.

Os gêmeos haviam nascido! Hal a amava e ela acabara de ter filhos dele. O coração de Karen parecia querer explodir de alegria! Sua garganta estava terrivelmente seca, mas ela conseguiu perguntar:

— De que... de que sexo são?

— São meninas, sra. Chissolm. Duas meninas lindas, idênticas e perfeitamente saudáveis! E também têm um ótimo tamanho! — disse o médico, triunfante.

Meninas! Os olhos de Karen se encheram de lágrimas. Hal beijou-a de leve nos lábios.

— Elas são lindas, Karen — murmurou ele, com voz embargada.

Karen se sentia completamente exausta, mas a exaustão lhe dava uma maravilhosa sensação de bem-estar. Os médi-

cos lhe mostraram os bebês, que eram tão pequeninos, tão bonitos... Karen estava sufocada demais de emoção para falar. Tomou uma injeção e entrou num sono tranquilo, sentindo-se feliz e em paz.

Um perfume de rosas despertou-a. Estava escuro, mas as luzes fracas ao nível do piso davam uma certa claridade ao quarto. Karen virou o rosto na direção de onde deviam estar as rosas e viu Hal dormindo numa cadeira. Karen se perguntou há quanto tempo ele estava a seu lado. Uma onda tépida de prazer envolveu-lhe o coração.

— Hal?! — chamou baixinho.

Hal acordou assustado.

— Karen, você está bem? Quer que eu toque a campainha para chamar a enfermeira?

Ela sorriu para tranquilizá-lo.

— Não, não toque... Eu estou muito bem. Obrigada por ficar comigo.

— Os bebês também estão bem. São a grande atração aqui do hospital. — Ele levantou-se e sentou-se delicadamente na cama. — Tem certeza de que está bem, Karen? — perguntou ansioso.

— Tenho, sim.

Hal suspirou e afastou-lhe uma mecha de cabelos da testa.

— Quero ver você sempre bem... — murmurou ele, com a voz carregada de emoção. — Sei que não posso esperar que sinta o mesmo por mim, mas eu te amo, Karen. Se houver alguma coisa...

— Também amo você, Hal. Eu te amo há muito, muito tempo — ela disse, alegremente.

— Você... me ama?!

— Sim... Comecei a me apaixonar por você pouco depois de nos casarmos.

— Eu não queria acreditar, eu não podia... — Ele encostou a cabeça na sua. — Como vai poder me perdoar por tudo que fiz? — perguntou com voz rouca.

Karen levantou os braços e enlaçou-lhe o pescoço.



— Nós estamos juntos, não estamos? Beije-me, Hal. Por favor!

— Karen... Karen... — Ele a beijou com uma ternura profunda, então falou: — Foi tudo tão complicado conosco, desde o começo! Se eu não tivesse sido tão teimoso e inseguro, teria compreendido que Kirsty só queria o nosso bem, a nossa felicidade. Ela sabia o quanto você significava para mim. Ela sabia.

— Kirsty? — perguntou Karen, sem entender o que ele estava insinuando. — O que ela sabia? O que você quer dizer, Hal?

— Você não imagina?

— Como eu poderia imaginar?... Não sei do que você está falando...

— Quando Kirsty morreu você pressentiu, não foi? Será que não percebeu o que estava se passando com sua irmã...

— Por favor, Hal, seja mais claro!

Suspirando, ele balançou a cabeça tristemente.

— Aquela foi uma noite terrível... terrível, Karen. Nem consigo me lembrar da explosão. Quando voltei a mim, Kirsty soluçava e balbuciava meu nome. Abri os olhos e vi que ela tentava estancar o sangue do ferimento em meu peito. Eu não sabia que ela estava sangrando até a morte enquanto falava comigo. Ela caiu no chão a meu lado, e eu tomei-a nos braços. Kirsty disse que eu precisava viver e me contou sobre David. Então, antes de morrer, me falou: "Você conheceu o lado errado do espelho, Hal. Mas eu precisava ficar com você. Eu dei a ela meu bebê, mas não poderia desistir de você. Prometa-me agora... Prometa que se casará com Karen".

— O outro lado do espelho — repetiu Karen com tristeza. — Kirsty achava que você poderia ser mais feliz comigo... — A voz de Karen soou embargada, e lágrimas rolaram por seu rosto.

Agora compreendia por que a irmã havia traído o segredo delas.

— Eu senti que ela escapava aos poucos de mim, mas seus olhos continuavam a pedir, portanto eu prometi que faria o que ela queria. Então ela sorriu, e... Não me lembro

de quando me afastaram dela. A próxima coisa de que me dei conta era de estar sendo transportado para um hospital.

— E foi por isso que você se casou comigo? Pelo pedido da minha irmã?

— Em parte... Ainda não sei dizer o que senti por você quando a conheci. Estava magoado, confuso, desesperado. E magoei muito você, Karen. Será que vai conseguir me perdoar?

— Eu amo você, Hal. Amo você muito.

— E você acredita que poderá ser feliz comigo? Mesmo me achando...

— Autoritário e competitivo?... — ela indagou, com um sorriso zombeteiro.

— É...

— Bem, sr. Chissolm, acho que não será fácil dar um jeito nisso, mas... eu estou disposta a tentar.

— Será que vamos brigar muito?

— Sabe, Hall, as pessoas que nos conheciam, a mim e a Kirsty, sempre nos achavam com personalidades opostas. Você sabe o que quero dizer... minha irmã era impulsiva, independente, atrevida. E eu, mais doce, cordata, tímida... Você mesmo pensou isso, não é? Lembra-se do que disse sobre o coala de jade? Karen mostrou-lhe a corrente.

— Lembro, sim.

— Pois é... Mas definitivamente não sou uma mulher dócil, que quer apenas ter seus filhos, um marido, uma casa... Embora sempre tenha tido a certeza de que isso tudo eram coisas fundamentais para minha vida. Eu quero ser feliz, Hal. Quero que nossa casa seja confortável e alegre.

— E o que mais?

— Além disso, quero trabalhar, viajar, estudar, conhecer pessoas.

— Então, mesmo com os gêmeos você não pretende ficar em casa a maior parte do tempo?

— Você acha isso ruim?

— Não. Acho que poderá ser maravilhoso. Podemos viajar juntos, talvez até... trabalhar juntos!

Ele estava empolgado, e Karen sorriu feliz.



- Jornalismo não é o meu ramo, sr. Chissolm. Mas vou viajar com você.
- Eu te amo, Karen — ele disse, beijando-a de leve.
- Também amo você, Hal. E acho que, afinal, temos a vida a nosso favor!

# Sabrina

AS MELHORES  
HISTÓRIAS DE  
AMOR

Uma história  
inesquecível de amor!

Edição 566

**Namoro  
escondido**

Octavia Street

Maggie olhou para a porta do bar e mal pôde acreditar no que viu: Peter Thomas Barnes!

“Pessoalmente ele é muito mais lindo e charmoso do que em fotografia. Esse homem é um perigo! Cuidado, Maggie, muito cuidado com ele!” Apesar do alerta da própria intuição ela não resistiu à aproximação de Peter. E o jogo teve início. Um jogo delirante de magia e sedução. Peter estava disposto a provar a Maggie que na guerra e no amor tudo era permitido. Tudo!



# Sabrina

AS MELHORES  
HISTÓRIAS DE  
AMOR

Um romance que  
você não pode perder!

Edição 567

## Promessas em vão

Penny Jordan

A noiva foi recebida com uma salva de palmas. O salão de festas estava lotado. Dezenas de pessoas aglomeravam-se para ver de perto *lady* Eleanor de Tressail, que acabava de casar-se com Joss Wycliffe. Eram um par perfeito. Pareciam ter sido feitos um para o outro: a última descendente de uma tradicional família da nobreza e um dos mais bem-sucedidos homens de negócios do país. Mas a noiva não se sentia feliz. Ali mesmo, na recepção, uma convidada tirava seu sossego: a amante de seu marido!

CHEGOU



Uma  
inesquecível  
história  
de amor!



Procure  
nas bancas!